Simplesmente Irmãos!

A história vocacional de Irmãos Maristas

Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa
Ir. Rafael Ferreira Júnior

PMBCN 10 ANOS
2003-2013

PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE

Simplesmente Irmãos!

A história vocacional de Irmãos Maristas

Organização
Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa
Ir. Rafael Ferreira Júnior

PMBCN 10 ANOS
2003-2013

PROVÍNCIA **MARISTA**
BRASIL CENTRO-NORTE

Província Marista Brasil Centro-Norte

Ir. Wellington Mousinho de Medeiros
Superior Provincial e Presidente das Mantenedoras UBEE-UNBEC

Ir. Ataíde José de Lima
Vice-Provincial e Diretor-Secretário das Mantenedoras UBEE-UNBEC

Ir. José de Assis Elias de Brito
Diretor Vice-Presidente das Mantenedoras UBEE-UNBEC

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz
Ir. Alexandre Lucena Lôbo
Conselheiros Provinciais

Ir. James Pinheiro dos Santos
Superintendência de Organismos Provinciais

Dilma Alves Rodrigues
Superintendência Socioeducacional

Artur Nappo Dalla Libera
Superintendência de Operações Centrais

Eder D`Artagnan F. Guimarães
Ir. Francisco das Chagas C. Ribeiro
Heloisa Afonso de Almeida Sousa
Ir. José Augusto Júnior
Ir. Rafael Ferreira Júnior
Comissão de Patrimônio e Espiritualidade Marista

Ir. Adalberto Batista Amaral
Ir. Alexandre Lucena Lôbo
Ir. Ataide José de Lima
Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa
Ir. Paulo Henrique O. Soares
Comissão de Formação e Vida Religiosa

Ir. Márcio Henrique
Ir. Rafael Ferreira
Organização

Anna Cristina de Araújo Rodrígues
Correção Ortográfica

Coordenação de Marketing e Inteligência de Mercado
Projeto Gráfico e Diagramação

921

COMISSÃO DE PATRIMÔNIO E ESPIRITUALIDADE MARISTA E COORDENAÇÃO DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL. Simplesmente Irmãos! A história vocacional de Irmãos Maristas./ Organizado por Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa, FMS e Ir. Rafael Ferreira Júnior, FMS / – Brasília: Província Marista Brasil Centro-Norte, 2013. v.1.

1. Autobiografia. 2. Maristas – vida e prática. 3. Vida espiritual – espiritualidade. 4. Vocações. I. Província Marista Brasil Centro-Norte. II. Superintendência de Organismos Provinciais. III. Título. IV. Organizadores.

CDD 921

Este documento ou parte dele pode ser reproduzido por qualquer meio desde que devidamente referenciado.

Sumário

8 APRESENTAÇÃO

11 ***Sei em quem acreditei***
Ir. Adalberto Amaral (Beto)

15 ***Pastoral, teologia e vida religiosa marista. Um testemunho pessoal***
Ir. Afonso Tadeu Murad

23 ***Um coração inquieto, insatisfeito, mas humano***
Ir. Alexandre Lucena Lobo

29 ***A vontade do homem é o seu paraíso***
Ir. Anton Alfons Haus (Ir. Afonso)

35 ***O mais belo testemunho é se achar presente***
Ir. Antônio de Araújo Aguiar

39 ***O certo é que me senti sempre muito feliz***
Ir. Antônio de Oliveira Pereira (Ir. Nuno)

43 ***O escoteiro tem uma só palavra***
Ir. Antônio Gava

47 ***Eis-me aqui, Senhor!***
Ir. Armindo Oscar Wollmann (Ir. Luizinho)

51 ***A história de um pequeno Marista!***
Ir. Arnaldo José de Souza

57 ***A bondade de Deus se revela no cotidiano da vida***
Ir. Ataide José de Lima

65 ***Marista para fugir da enxada?***
Ir. Baptista Santos

73 ***Alguns momentos de minha vida! Faz-se caminho andando...***
Ir. Claudino Falchetto

79 ***Envolvido de corpo e alma na luta pela vida***
Ir. Davi Nardi

85 ***Ela tudo suaviza***
Ir. Delano de Carvalho Costa

89 *Fui burilado na marra*
Ir. Eduardo D´Amorim

95 *Vivo o sonho de Deus para mim: sou Irmão Marista*
Ir. Edvaldo Ferreira de Lima

99 *O grande timoneiro e o porto seguro*
Ir. Inácio Ferreira Dantas

105 *Deus não "largava o meu pé"*
Ir. Joaci Pinheiro de Sousa

111 *Esperei que ele se esquecesse de mim*
Ir. Joarês Pinheiro de Sousa

115 *Arrumei as malas e parti nas pegadas de Champagnat*
Ir. José Augusto Júnior

121 *Uma vida encharcada de Marias*
Ir. José de Assis Elias de Brito

129 *Meu grande sonho: ser missionário*
Ir. José Getúlio Silveira

135 *Sou fruto de um imenso amor*
Ir. José Machado Dantas

139 *Pensava: quero ser igual a ele!*
Ir. Joventino Laquini

145 *Intrometi-me e disse: eu quero!*
Ir. Kerginaldo Correia Moreira

151 *Viver a vida sem medo de ser feliz!*
Ir. Ladislau Figueiredo - in memoriam

157 *Segui o que meu coração pedia*
Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa

163 *Seja serviçal, observador da regra e honre o bigode*
Ir. Rafael Ferreira Júnior

171 ***Minha história vocacional***
Ir. Romero Rodrigues Ferreira

175 ***O semeador na minha vida***
Ir. Rubens José Falqueto

179 ***Azar dele! Quem mandou?***
Ir. Salatiel Franciscano do Amaral

187 ***Havia em mim uma inquietação: devo fazer algo melhor***
Ir. Wesley Adenilton Ribeiro

190 PEDIMOS AO SENHOR DA MESSE (ORAÇÕES VOCACIONAIS)

192 PARA APROFUNDAR O QUE LEU...

Apresentação

Caro leitor,

As histórias que lerá nas próximas páginas falam da experiência de homens consagrados a Deus na Vida Religiosa. São relatos, escritos em primeira pessoa, nos quais alguns Irmãos Maristas partilham a origem e o amadurecimento de sua vocação, bem como um pouco ou muito do modo como viveram e vivem a missão apostólica entre crianças e jovens. Trata-se, como verá, de pessoas simples, tão humanas quanto você, que um dia ouviram o convite de Jesus Cristo - "vem e segue-me" - e como resposta deixaram tudo e o seguiram. Desde então, esses homens têm se aventurado vida afora, bem dispostos a partilhar seus dons e aquilo que são com todos aqueles que Deus tem colocado em seus caminhos.

As autobiografias aqui reunidas retratam a experiência vocacional de 32 Irmãos Maristas de diversas faixas etárias. Eles são uma parcela representativa de um grupo maior de aproximadamente 115 religiosos da Província Brasil Centro-Norte. Seus nomes foram sugeridos pelos jovens formandos das etapas do Pré-postulantado, Postulantado e Noviciado, aos quais agradecemos a valiosa colaboração. É nosso desejo dar prosseguimento a este projeto, publicando outros volumes até que tenhamos conhecido – e dado a conhecer – a história vocacional do maior número possível de nossos Irmãos.

Nesta publicação você encontrará relatos vocacionais de jovens Irmãos ainda nos primeiros anos de vida religiosa, cheios de entusiasmo pela missão marista; também dos de meia idade, alguns já contando muitos anos de caminhada, sempre dispostos a atuar no mundo e na Igreja por meio de sua fé; encontrará ainda a partilha de idosos, homens que após uma vida inteira dedicada ao próximo ainda surpreendem pela sabedoria e vitalidade que demonstram, se não física, seguramente espiritual. Todos, cada um a seu modo, experimentam a fidelidade de Deus que um dia os chamou, formou e enviou em missão, com a consoladora promessa: "Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (cf. Mt 28,20).

Como você mesmo perceberá, cada Irmão se sentiu chamado em tempo e contexto diferentes, por isso as histórias, mesmo apresentando pontos comuns, são sempre singulares. É que Deus chama a cada pessoa de forma bem particular. Uns, por exemplo, foram chamados ainda meninos, outros na adolescência, alguns na juventude. Há os que estavam ocupados com seus estudos e trabalhos diários, sonhando com um futuro atraente e, talvez, muito diferente; em alguns casos fica evidente que eles e suas famílias tinham arquitetado

outros planos para sua vida. Contudo, para todos eles, o chamado do Senhor foi irresistível e como o profeta, apenas puderam desabafar: "Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir. Numa luta desigual, dominaste-me, Senhor, e foi tua a vitória" (cf. Jr 20,7).

É possível que você seja jovem – rapaz ou moça – e esteja em discernimento vocacional, talvez até faça parte de um grupo que reflete seriamente o tema "vocação"... Se assim for, é bem provável que a leitura destas autobiografias o/a ajude de alguma forma. Este é também um dos objetivos desta publicação. Portanto, para que você possa tirar o maior proveito possível do material que ora tem em mãos, sugerimos que, além de individual, faça a leitura em companhia de outras pessoas, podendo assim dividir com elas o que mais lhe chamou a atenção, partilhando impressões e esclarecendo possíveis dúvidas. É sempre bom poder comunicar o que nos toca o coração. Experimente ler também em clima de oração, intercalando a leitura com refrãos e textos bíblicos vocacionais. No final do livro encontrará um roteiro que deseja ajudá-lo/a a aprofundar a experiência da leitura.

A vida é um dom que ao ser partilhado, multiplica-se. Este livro está repleto de vida e como tal não é para ser guardado e esquecido em gavetas ou estantes, mas para ser lido, comentado, rezado, emprestado... É nosso desejo que passe de mão em mão, levando a todos/as esta boa notícia: Deus continua chamando homens e mulheres para segui-lo, e a todos os que Ele chama oferece também um caminho de felicidade e realização.

Nós somos os Maristas de Champagnat, uma família religiosa presente nos cinco continentes, composta por Irmãos, leigas e leigos, que fazem do carisma de São Marcelino seu jeito próprio de viver a fé cristã. Nós convidamos você a juntar-se a nós. As histórias que lerá a partir da próxima página lhe farão ver que este é um projeto pelo qual vale a pena arriscar a vida. Caso queira, venha e veja!

Fique no colo da Boa Mãe, Maria, bem ao lado de Jesus.

Boa leitura!

Brasília – DF, 15 de agosto de 2013

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora
Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa, FMS
Ir. Rafael Ferreira Júnior, FMS

Irmão,

Você está contente com sua vocação, por isso bendigo a Deus.
Cumpra exatamente seus deveres para com Deus e para com o
próximo e andará sempre contente. Por minha parte,
só terei que dar graças a Deus e manifestar a você minha satisfação.
Adeus, meu caro amigo, não duvide de minha afeição por você.

Todo seu, nos Sagrados Corações,

Sei em quem acreditei

Ir. Adalberto Amaral (Beto)

Ao ser convidado para escrever sobre minha história vocacional, pensei logo nos primeiros anos de minha vida, vividos no Sítio Logradouro (Terra Santa), no município de Itaiçaba, no Ceará. Aí começou minha história de vida, da qual partilho uma parte com vocês agora.

Nasci em 14 de setembro de 1961, filho de José Amaral Lima e Ana Batista Lima. Sou o oitavo na linha de nascimento e o quinto entre os oito sobreviventes de uma família de treze filhos. Em Logradouro, vivi minha infância e pré-adolescência. Aos 13 anos, fui morar em Aracati-CE com meus irmãos mais velhos que já haviam mudado para lá a fim de estudar, pois em nossa terra só era oferecido o ensino fundamental I. Em Aracati, fui estudar no Colégio Marista, onde fiz todo o ensino fundamental II (com exceção da 8ª série, 9º ano hoje) e o ensino médio.

Era um estudante responsável, mas sem destaque e sem muito compromisso com atividades extraclasse. Também não tinha engajamento com grupos de Igreja, apesar de ter feito preparação para o sacramento da Crisma no colégio e ser incentivado a participar de grupos de jovens e outras atividades na paróquia. Creio que a timidez e a insegurança de menino de interior me impediam de participar de atividades eclesiais. É bem verdade que em nossa família a prática cristã católica se restringia à participação em missas e eventos devocionais esporádicos.

Diante de tal realidade, surgiu esta pergunta: como nasceu a minha vocação de Irmão Marista? Pois bem, eu tive muitos Irmãos Maristas como professores em diversas disciplinas como, Português, Matemática, Ciências, História, Geografia e Ensino Religioso. De todos eles, um me mar-

cou, de forma mais significativa, com sua forma de ensinar e tratar os seus estudantes. Seu nome religioso é Eduardo Regis (nome civil, Raymond Jean Baptiste Barbe), a quem chamávamos apenas de Ir. Eduardo. Esse Irmão, que está em nossa casa de repouso em Recife-PE, me fez aprender Matemática e a gostar da disciplina que antes odiava. Não só isso. Também foi o responsável por minha inquietação vocacional.

No ano de 1981, quando cursava o 3º ano do ensino médio, tínhamos como professor de Ensino Religioso o Ir. Manoel Elói, de saudosa memória. Durante o mês de agosto (mês das vocações), ele nos incentivou a rezar para que Deus nos mostrasse que caminho profissional ou vocacional deveríamos tomar, já que prestaríamos vestibular no final do ano. Como eu não sabia o que fazer em termos profissionais, comecei a pedir, sinceramente, a Deus que me iluminasse. Apesar de insistentes pedidos, não conseguia ver claramente o que seria o meu sonho ou ideal. Nesse contexto, aconteceu um fato simples e que foi fundamental para uma reviravolta em minha vida. Em um momento de recreio das aulas, o Ir. Eduardo estava conversando com um grupo de uns quatro ou cinco estudantes de minha turma e contava um pouco de sua história como Irmão Marista, sua vinda para o Brasil e o quanto era feliz por ser Irmão e professor de Matemática. Ao final de sua partilha, lançou uma pergunta que calou a todos: E vocês, nunca pensaram em ser também missionários, Irmãos Maristas? Aquela pergunta foi comigo para casa e daí em diante ela me atordoava em todos os momentos em que estava sozinho. Como nunca havia considerado a possibilidade de dedicar minha vida ao sacerdócio ou à vida religiosa consagrada, intrigava-me muito o fato de aquela pergunta ter ficado tão fortemente presente em minha mente. Depois de muita luta e não saber mais o que fazer para me livrar dela, procurei, às escondidas, o Ir. Elói, que era o orientador do grupo vocacional, e partilhei minha inquietação. Ele me orientou a participar do grupo vocacional e a fazer o discernimento para entender se era algo de Deus.

Entrei no grupo vocacional e ali fiz caminho, com meus colegas, até dezembro, quando fui convidado a participar de um encontro na casa do noviciado, em Fortaleza-CE. Naquele encontro, ficou claro para mim que deveria vencer minhas resistências e meus medos para dizer "sim" ao convite de entregar minha vida a serviço do Reino. Mesmo sem saber o que me esperaria no futuro, ou se daria conta da empreitada, acreditei que, se era Ele (Deus) que me chamava, daria também a graça para corresponder ao seu apelo. Assim, marquei a opção de entrar para o Juvenato no início do ano seguinte. Ao receber a aprovação dos Irmãos, voltei para casa com a incumbência de convencer meus amigos e familiares de que minha decisão não era fruto de uma insanidade mental.

Em 2 de fevereiro de 1982, com mais seis colegas de Aracati, entrei na casa de formação. Era o início de uma caminhada que, agora com mais de 30 anos, posso dizer, sem arrependimento e sem olhar para trás. Em todo esse tempo, vivi muita coisa que seria impossível narrar aqui. Mas posso dizer que, apesar das dificuldades e desafios, sinto-me feliz e realizado como Irmão Marista. Parafraseando o apóstolo Paulo, sigo confiante por saber em quem acreditei e sinto-me confirmado pelos meus coirmãos de família religiosa e familiares de sangue. Espero ainda viver muitos anos para testemunhar que vale a pena seguir Jesus nos passos de São Marcelino Champagnat, como filho querido de Maria, nossa Boa Mãe.

Finalizo este pequeno relato autobiográfico com algumas perguntas a você, caro leitor: Já tem claro seu sonho, seu ideal? É feliz, realizado no que vive como caminho profissional ou vocacional? Se ainda é jovem e não tem clareza do que pensa para o seu futuro, não seria interessante incluir a possibilidade de uma vida doada a serviço do Reino na Igreja? Quem sabe no Instituto Marista?

Pastoral, teologia e vida religiosa Marista: Um testemunho pessoal

Ir. Afonso Tadeu Murad

Reuni aqui fatos importantes da minha vocação marista em tríplice chave: pastoral, teologia e Vida Religiosa marista. Embora apresentadas separadamente, estão intrincadas. No decorrer da narração, destacarei algumas convicções e aprendizagens.

Nasci e cresci numa família católica tradicional. Meus pais eram pessoas piedosas e comprometidas com a Igreja. Logo após o Concílio Vaticano II, a diocese onde eu vivia começou rapidamente a implantar mudanças visíveis: liturgia participada, diálogo com a sociedade, incentivo à formação de pequenas comunidades, protagonismo dos leigos. Quando tinha 13 anos, participei de um encontro de final de semana para adolescentes e jovens, promovido pelos Irmãos Maristas. Decidi participar do grupo que se formou a partir daí. O envolvimento nessa iniciativa pastoral, que contava com a presença forte de um jovem Irmão Marista, suscitou em mim o desejo de ser Irmão e dedicar-me à evangelização da juventude.

A pastoral com os pobres

No ano em que terminava o ensino médio, entrei para uma comunidade vocacional. Meu formador, Ir. Raimundo Barbosa, homem bondoso, com sorriso largo e de grande amor aos pobres, tratou-me, desde o início, com carinho e respeito. Ele me incentivou a participar de grupo de Círculo Bíblico num bairro de periferia. O mesmo estímulo recebi do meu mestre de noviços, Ir. Zeferino Falqueto, que se deslocava no fim de semana conosco para estar junto de comunidades populares. Ali começou uma experiência de vida que me marcaria toda a existência: aprender com o povo a ler comunitariamente a Palavra de Deus, confrontando-a com a

vida. Participei de círculos bíblicos em comunidades populares durante muitos anos, com diferentes grupos, em vários lugares onde morei: Campinas-SP, Goiânia-GO, Curitiba-PR, Montes Claros-MG, Belo Horizonte-MG. Compreendi então o que Jesus expressou na oração de ação de graças: "Eu te louvo, Pai, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos." (Mt 11,25)

A partir dos círculos bíblicos, passei a atuar como Agente de Pastoral em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Comecei na comunidade e na região. Daí, fui para a equipe da diocese e por um tempo participei da coordenação de CEBs do Regional Leste II da CNBB. Tomei parte e colaborei em encontros regionais e intereclesiais das CEBs. Das CEBs aprendi a respeitar a sabedoria do povo, a ser simultaneamente aprendiz e mestre, numa relação de iguais - com suas diferenças de cultura e de condições de vida. No meio das comunidades, desenvolvi o senso de cidadania, de compromisso da fé com a transformação social. Vi muitas experiências bonitas de luta popular, de conquista de direitos, de organização e articulação, no campo e na cidade. Como esquecer os momentos em que, sentado num banquinho, na cozinha da casa, ouvia as histórias das pessoas, tomava café feito na hora e depois voltava para casa pensativo, misturando sentimentos de perplexidade, admiração e indignação? Recordo aqui, com gratidão, alguns dos meus "mestres do povo": Seu Geraldo, Comadre Neuza, Dona Maria José.

Aprendendo com os jovens

No decorrer de minha existência como marista, durante muitos anos, me dediquei à Pastoral de Juventude. Enquanto era noviço, juniorista e jovem Irmão, acompanhei grupos de jovens nas comunidades. Em 1977, tomei parte do Concílio de Jovens, em Lins-SP. Aquele evento deixou marcas indeléveis nos seus participantes e fez história. Organizado pela comunidade ecumênica de Taizé, em parceria com algumas pastorais, significou a tomada de consciência de um novo jeito de ser Igreja, na linguagem dos jovens. Sentimo-nos membros de uma grande corrente de

homens e mulheres que, em pleno regime militar, ousávamos lutar pelas liberdades civis e "ser a voz dos que não tinham voz". Descobrimos, com alegre surpresa, que em vários cantos do país havia religiosos(as), seminaristas, presbíteros e leigos morando junto dos pobres, partilhando com eles um "caminho de vida". Cantávamos com intensidade vários hinos de militância e de compromisso social. Retive em especial o refrão: "É bem aqui que Jesus Cristo quer sua Igreja. Humilde e pobre, servindo a todos. Que seja assim, que assim seja".

Logo que terminei o doutorado em Teologia e vim para Belo Horizonte, aceitei o convite do jovem Irmão Marcos Albuquerque para implementar o Centro Marista de Pastoral (CMP), destinado a formar lideranças de Pastoral de Juventude, sobretudo para as paróquias de periferia da região metropolitana. Durante anos, promovemos minicursos de final de semana, encontros, retiros, páscoa juvenil, cursos de formação para monitores de crisma, oficinas de teatro, peregrinações... Ali aprendi a reelaborar a teologia no ritmo da existência dos jovens. Fizemos uma teologia viva, próxima e com sabor.

Da teologia à teologia da Vida Religiosa

A origem remota da minha vocação teológica vem da infância. Meu pai, imigrante libanês, sempre cultivou o hábito da leitura e estimulou os filhos para isso. Além de ler todos os dias o "Jornal do Brasil", ele gostava das "Seleções de Reader's Digest", publicação mensal norte-americana, na qual se condensam artigos, revistas e livros. Na minha casa, havia uma caixa dessas obras, que eu lia com curiosidade, mesmo sem entender algumas coisas.

Quando entrei na formação inicial dos maristas, no ano de pré-postulado, pela primeira vez tive acesso a uma biblioteca de livros de teologia. Fiquei fascinado! Comecei a ler algumas obras, embora elas fossem difíceis. Um livro, recém-lançado, me tocou: "Jesus Cristo, libertador", de Leonardo Boff. Li avidamente, e cada capítulo era uma descoberta, embora não compreendesse ainda muitas coisas que estavam lá. Interessei-me

pela bíblia, e alguém me recomendou uma obra recente, em linguagem acessível e com forte impacto existencial: "Deus, onde estás?," de Carlos Mesters. Identifiquei-me com a linguagem e a com abordagem. Durante meu noviciado, fizemos um curso com João Batista Libânio sobre "Formação da Consciência Crítica". Dali começou a relação com o "mestre Libânio", que foi decisiva para minhas opções no futuro. Resumidamente, tive três figuras inspiradoras para ser teólogo: a poesia e ousadia teológica de Leonardo Boff, a sensibilidade bíblica, espiritual e pastoral de Carlos Mesters, a metodologia e o rigor científico de João Batista Libânio.

No período dos meus votos temporários, trabalhei numa escola marista e fiz o curso de Pedagogia, além de manter as atividades pastorais com as CEBs e a Pastoral de Juventude. Eu tinha sede de conhecer mais sobre a minha fé. Então, arranjava um tempinho para ler alguma obra teológica. No decorrer de quatro anos, li espaçadamente todos os verbetes do "Dicionário de Teologia Bíblica," de León-Dufour, várias obras de Joaquim Jeremias e a coleção "Teologia para o cristão de hoje", elaborada pelo Instituto de Wurzburg e publicada pela Loyola.

Seis meses após os votos perpétuos, comecei o curso de graduação em Teologia com os jesuítas em Belo Horizonte, no então ISI (Instituto Santo Inácio), que hoje se chama FAJE (Faculdade Jesuíta). Tive a graça de ser aluno de grandes mestres, que articularam de forma ímpar a herança da teologia ocidental europeia com as questões emergentes da América Latina. Dentre eles, destaco M. França Miranda, Francisco de Assis Costa Taborda, Carlos Palácio, Ruiz de Gopegui e João Batista Libânio. Também fiz o mestrado em Belo Horizonte e na minha dissertação analisei a obra do Juan Luis Segundo. Ampliei o tema no doutorado, que cursei e concluí na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, sob a orientação de F. Pastor. Então, voltei para o Brasil e recomecei a trabalhar com teologia e pastoral.

Teologia com a Vida Religiosa

Colaborei em Assembleias regionais e nacionais, seminários e outros eventos da CRB. Como me tornei conhecido no meio das congregações, assessorei também Capítulos Provinciais, Capítulos Gerais, Assembleias e dias de reflexão. Aproximar-me de uma congregação diferente, com sua história e carisma, enriquece meu horizonte. Posso falar com propriedade de Vida Religiosa, a partir de pessoas, comunidades, províncias e institutos concretos. Não se trata de um discurso geral e sem rosto. Cada uma delas tem sua particularidade. Com diferente intensidade, apresenta belezas e limites próprios. Quando presto assessoria a uma congregação, trago comigo as perguntas: Até que ponto meu saber é útil para seus membros? O que ela traz, a exigir aperfeiçoamento ou revisão dos meus esquemas? Que novas perguntas e alternativas vêm à tona?

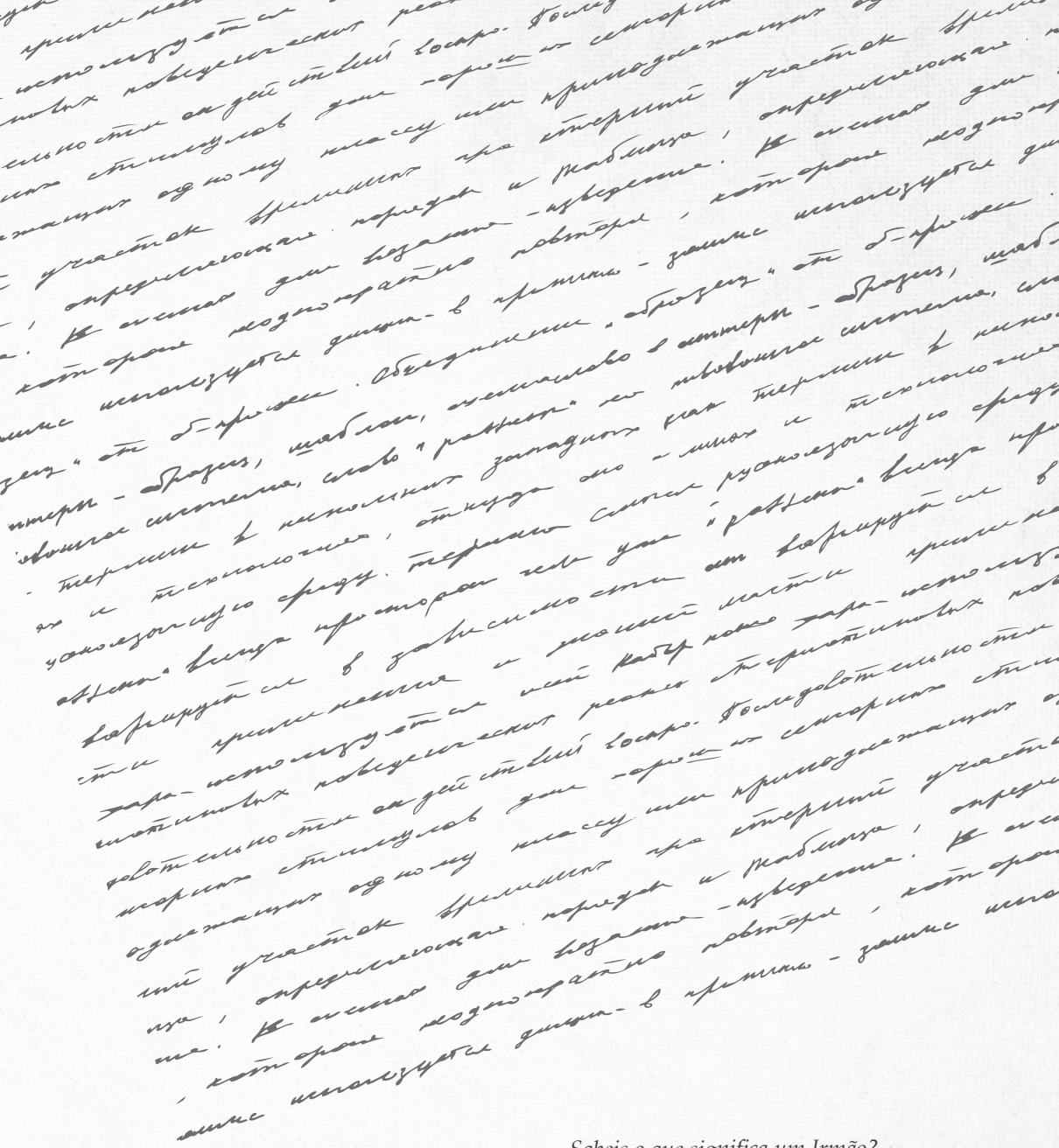
Muitas questões que às vezes consideramos como típicas de nossa Província ou Instituto estão também presentes nos outros, tanto os problemas quanto as soluções. Então cresce em mim a consciência de que somos "famílias religiosas" distintas, com fortes "laços de parentesco", em diferentes níveis. Até porque muitos de nossos fundadores(as) foram influenciados ou influenciaram correntes de espiritualidade que se espalharam na Igreja e encontraram eco em outros espaços.

Durante meu tempo de formação, eu pensava que somente minha congregação tinha estas características: simplicidade e humildade, o espírito de trabalho, a referência a Maria como nossa "primeira superiora" e modelo de vida, a missão de "tornar Jesus Cristo conhecido e amado", a presença junto às crianças e jovens... Qual foi a minha surpresa quando, ao ler as Constituições de vários Institutos e ao conhecer de perto algumas deles, identifiquei vários elementos comuns na espiritualidade e no carisma. A configuração, no entanto, é diferente. Isso constitui a singularidade de cada congregação.

Quando estamos juntos na CRB, fortalecemos-nos tanto na identidade comum quanto aprendemos com as singularidades. Fazemos parte de uma história comum. Somos herdeiros de um patrimônio espiritual multissecular. Passamos por dilemas semelhantes.

Conclusão aberta

Que Maria, a perfeita discípula, que ouve, medita e pratica a Palavra, inspire-nos no caminho do seguimento de Jesus. Que ela, mãe e figura da Igreja, suscite no coração de vocacionados e vocacionadas, de consagrados e consagradas, o desejo de conhecer Jesus e interpretar os sinais dos tempos à luz da fé. Para tal tarefa, a teologia é grande parceira.



Sabeis o que significa um Irmão?
Ser Irmão é comprometer-se a ser santo.
Todos os Irmãos devem ser santos, e neste sentido
é que devem trabalhar toda a vida e com todas as forças.

Champagnat

Um coração inquieto, insatisfeito, mas humano

Ir. Alexandre Lucena Lobo

Rever minha história nesse momento da vida tem um sabor diferente, me faz entender os fatos por uma perspectiva mais subjetiva e ter a consciência de que, na complexidade dos fatos, serei garimpeiro de impressões que marcaram e são percebidas com o olhar dos quase 50 anos.

Nasci de uma família tipicamente tradicional, fruto de uma história de amor digna de cinema. Caçula de dois irmãos, eu era uma criança inquieta, faladeira e curiosa, que cedo aprendeu a relacionar-se com muitas pessoas, especialmente, as mais velhas. A pequena escola do bairro é a minha primeira lembrança social, juntamente com o catecismo da Igreja do Rosário, lugares em que aprendi a conquistar espaços e a perdê-los.

A curiosidade e a inquietação foram características que geraram experiências fomentadoras de vitórias, alegrias e decepções, mas foi nesse movimento que fui talhando minhas opções e compreendendo a mim mesmo no desenvolver das inter-relações.

Dessa primeira fase, lembro (e destaco) alguns fatos que acredito que foram importantes para o meu desenvolvimento.

Uma das lembranças mais doces e significativas da minha infância é a presença da minha mãe ao pé da cama me ensinando a rezar e a ter Nossa Senhora como minha protetora. Quando criança, tinha muitas crises de garganta, que me deixavam dias acamado; e um dos grandes consolos desses momentos, além do cuidado materno especial, era estar ao seu lado aprendendo a fazer orações.

A hora do catecismo também era um momento muito prazeroso, tanto na casa da catequista como na casa dos colegas (que lanches gostosos!) e mesmo na Igreja (espaço bonito e bom de se brincar).

A minha primeira escola, o Instituto La Salle, ficava a duas quadras de minha casa; o nome é fruto da influência de um Irmão Lassalista junto à diretora, D. Daura. Em alguns momentos, escutei essa senhora falar de La Salle, dos Irmãos, mas era tudo tão confuso.

Em muitas idas para a escola e/ou catecismos, por volta dos seis anos, na saída, eu visitava as casas para pedir voto para meu pai, pois era época das campanhas políticas; e fiz isso diversas vezes escondido, até que um determinado dia me perdi e, mesmo estando nos arredores de casa, não conseguia voltar. Quanto desespero! Graças a uma alma bondosa, uma senhora que viu meu desespero, com diálogo carinhoso, conseguiu identificar minha casa e trouxe-me de volta.

Fui crescendo. Desde criança, nas visitas aos bairros e associações com meu pai, até a puberdade, sempre fui uma pessoa alegre, inquieta, insatisfeita e sonhadora. Inquietava-me ver os pobres na rua, as brincadeiras de mau gosto entre os colegas. E tudo isso me fazia ser um sonhador e desejar viver algo diferente. Um dos meus maiores sonhos de criança era ter uma grande fazenda como a de meu avô para abrigar e colocar todos os pobres e assim resolver os problemas do mundo.

Entretanto, a adolescência me fez entender que as coisas eram mais complicadas do que imaginava. Mas com a parceira de uma prima, Diana, podíamos fazer loucuras em busca desse mundo melhor. E fizemos! Acolhemos crianças das ruas, incluímos crianças do lixão em escolas públicas, ajudamos a reconstruir casas caídas etc.

Os Grupos de Renovação Carismática indicados por uma tia minha, fervorosa católica e líder na família paterna, muito me ajudaram a descobrir na oração a presença de Deus junto aos pobres.

Nesse momento, eu já estudava no Colégio Marista de João Pessoa e os Irmãos começaram a parecer mais próximos e uma possibilidade de vida. O Marista, de alguma forma, sempre foi algo encantador para mim, algo próximo de mágico. E quando descobri que essa seria uma forma de servir a Deus nas pessoas e desvinculado do serviço sacramental, percebi uma possibilidade de vida que poderia ser a minha. Era isso que eu queria, ser Irmão! Simplesmente isso, Irmão.

Com essa decisão anunciada aos Irmãos e meus familiares, parecia que todas as inquietações pessoais e existenciais perdiam força e sentido diante da possibilidade de ser de Deus e, vivendo para Deus, estar próximo das pessoas. Minha festa de 15 anos foi uma despedida para o convento e pedi como presente itens que pudessem contribuir com meu enxoval. Naquela época, para a família de meu pai, chegar aos 15 anos era a possibilidade de ganhar uma mobilete e, por isso, a troca parecia algo estranho para todos e, às vezes, até para mim (rsrs). Não foi fácil para meus pais, mas, como sempre, estavam ao meu lado e me apoiando no necessário para a minha realização pessoal.

Os primeiros anos na Congregação foram muito felizes, mesmo com os diversos desafios de convívio, estilo de vida e adaptação. No primeiro semestre, o que me recordo foi ter emagrecido 13 quilos, ter encontrado pessoas incríveis para o convívio e outras que eu me perguntava por que estavam ali... O que tudo isso mais significou para mim foi viver outra vida; e, para isso, eu precisaria fazer um novo caminho.

O novo caminho foi feito. Tenho a alegria de dizer que me esforcei ao máximo para fazer e ser o melhor possível. A busca pela santidade e o desejo de doação eram motores que me impulsionavam a ir em frente, mesmo vivendo momentos de limites, inquietação e, sobretudo, "turbulência" interior.

Durante o período de formação, fui acompanhado por homens extraordinários (Irmãos Aroldo, Getúlio, Scapin, Inácio, Alberto, Getino, Luís Marques) e os meus superiores nas primeiras comunidades também (Ir-

mãos Euzébio e Antônio Holanda), o que me proporcionou uma significativa referência do religioso marista.

Entretanto, as inquietações e as crises existenciais, junto com minhas expetativas pessoais, me fizeram pedir para sair da Congregação. Nesse momento, cursava minha segunda faculdade de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Foram dez anos em que pude encontrar-me profundamente comigo mesmo, enfrentar meus "monstros" e descobrir que não passavam de lindos gatinhos escondidos na caverna (rsrs).

Porém, ao sair, por me achar indigno de ser Irmão, tracei alguns objetivos e sonhos. Com a confiança em Deus, muita luta e trabalho, conquistei todos eles. A partir do oitavo ano de vida leiga, uma vez conquistado tudo que eu tinha traçado (enfrentar meus "monstros", ter um bom e estável emprego, uma vida confortável, mas garantindo o meu ser cristão), entrei numa nova crise existencial. Perguntava-me: É isso realmente que quero?! Assim desejo ficar o resto da minha vida?

E nos traçados e caminhos de Deus, voltei. E, nestes últimos oito anos, posso dizer que vivi e vivo muitos desafios, continuo a ser uma pessoa inquieta, insatisfeita, mas reconheço o quanto sou feliz. Mesmo nos momentos de dor e tristezas, percebo ser a pessoa que sempre desejei ser; e com os limites e pecados e as contínuas inquietações vou tentando me desafiar ao novo, às possibilidades de crescimento enquanto pessoa e instituição.

Hoje, acredito que, além de responder à vocação religiosa, também me identifico integralmente com o carisma marial e apostólico, herdado de Marcelino Champagnat, e, cotidianamente, tento responder com inteireza a esse chamado, reconhecendo em mim o que tenho de mais precioso e frágil, minha humanidade.

Sou feliz, sou Irmão Marista!

Quando a gente se dá a Deus,
deve fazê-lo por inteiro,
sem reservas nem rodeios.

Champagnat

A vontade do homem é o seu paraíso

Ir. Anton Alfons Haus
(Ir. Afonso)

Nasci em 11 de outubro de 1920, num pequeno povoado perto de Frankfurt, na distante Alemanha. Meu pai era funcionário da estrada de ferro e minha mãe (uma verdadeira santa!), dona de casa e educadora de 15 filhos: 12 homens e três mulheres. Tive duas tias freiras missionárias e um irmão seminarista que, no meio dos seus estudos, foi convocado para a guerra de 1939 -1945 e, de volta dos campos de batalha, não cogitou retornar ao seminário.

Os anos 20 e 30 do século passado, da minha infância, sob o papado de Pio XI, foram anos de intenso movimento missionário em toda a Igreja da Europa, sobretudo para as Igrejas da África, Oceania e América do Sul. Pio XI (Achille Ratti) era o "Papa das missões", assim como João Paulo II o fora para o movimento missionário "ad gentes" dos tempos atuais, sobretudo para a Ásia e os povos orientais. Eu, garoto de sete ou oito anos, entusiasmei-me com a ideia de também ser missionário, tendo vários impulsos evidentes (que só eu sei!) para alcançar esse intuito.

Um dia, era o ano de 1932, em minha aldeia, apareceu um Marista: Irmão Aloís Josef, missionário no então Congo Belga, no centro da África. Ele vinha de tempos em tempos visitar sua irmã, amiga da minha mãe. Eu, curioso de vê-lo vestido de batina preta, com um crucifixo no peito, bonita e imponente barba, perguntei por que ele estava vestido daquele jeito. Ele me explicou que ele era religioso marista, missionário na África. Sem mais nem menos, tive um estalo e lhe pedi que me desse o endereço do

lugar onde ele estudou para ser missionário, para que eu também pudesse ir lá e me preparar para ser missionário.

Ele, prontamente, deu-me o endereço do juvenato Marista de Recklinghausen, no norte da Alemanha. Eu cheguei à minha casa e falei com meu pai: "Quero ser missionário e aqui está o endereço onde posso estudar para isso". Meu pai disse: "Você quer ser missionário? A vontade do homem é o seu paraíso". E, sem demora, falou com minha mãe para ir preparando meu enxoval para ingressar no juvenato Marista, lá na Alemanha, onde passei o ano de 1933. No início de 1934, fui escolhido, com mais dois companheiros, para ir ao juvenato internacional, na Casa Mãe de Grugliasco, Torino, Itália, para me preparar melhor para as missões na Obra de Saint François Xavier, onde éramos perto de cem juvenistas.

Em 1935, iniciei o postulantado em Bairo, Canavese. Fiz o noviciado e, de volta a Grugliasco (1937), os dois anos de escolasticado, sendo, nesse intermeio, indicado pelo então Rev. Superior Geral, Ir. Diógenes, para a outrora Província do Brasil Norte (1939).

Obra de Saint François Xavier

Esta obra foi fundada em 1909 pelo então Superior Geral, Ir. Stratonique, e se explica pelo acontecimento de 1903, quando todas as escolas católicas da França foram fechadas por infeliz decreto do ministro Combes. A maior parte dos irmãos franceses se exilou, livremente, nos países de missão pelo mundo afora. Os que ficaram vestiram-se com hábito civil e continuaram, disfarçadamente, a lecionar nas nossas escolas.

As novas obras fundadas floresceram em muitos países e os irmãos solicitavam aos superiores em Grugliasco mais irmãos para sustentar as novas escolas. Chegou-se à solução de fundar o juvenato e a obra de "Saint François Xavier" para formar irmãos para as novas missões fundadas. Essa obra forneceu, ao longo dos anos, perto de 400 irmãos jovens de muitas nacionalidades, de 1909 até 1940. Quando iniciou a Segunda

Guerra, foi então suspensa a obra e nunca mais foi restaurada. A dispersão de 1903 foi uma previsão de nosso santo fundador, que dizia: "Todos os países do mundo entram em nossos planos."

Viagem ao Brasil desconhecido

Éramos três jovens irmãos destinados ao Brasil: dois para o Sul, em Porto Alegre, e eu para o norte, em Recife, no bairro de Apipucos. O embarque estava marcado para 1º de setembro de 1939, no porto de Gênova, Itália. Nesse mesmo dia, teve inicio a Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pelo exército nazista. O navio previsto não ia mais zarpar do porto de Gênova. Entrementes, um grupo de judeus alemães, e de outros países europeus, para fugir da guerra e da perseguição nazista, conseguiu do governo italiano outro navio e conseguimos, por meio do consulado brasileiro em Gênova, três lugares para embarcar no dia 16 de setembro de 1939.

O navio era o M.S. Augustus, e os passageiros eram mais de 2.000. Viajamos passando por Barcelona, Gibraltar, Ilhas Canárias e de lá direto ao Rio de Janeiro, aonde chegamos sãos e salvos no dia 29 de setembro, dia de São Miguel. Os dois irmãos seguiram por terra para o Sul e eu, depois de uma semana de espera no Colégio São José da Tijuca, fui de navio a Itapé, ao norte, passando em Vitória, Salvador, Maceió e Recife, aonde cheguei no dia 12 de outubro de 1939.

Intinerário apostólico

Passei um ano e meio me adaptando aos trópicos e aprendendo a língua portuguesa. Em 1941, fui enviado ao Colégio Marista do Recife, para ensinar o bê-á-bá aos pequeninos, que eram 22 alunos, aprendendo eu e os alunos a língua portuguesa, sob a direção do reverendo Irmão Pacômio, de feliz memória.

Fiquei 20 anos no Colégio Marista do Conde da Boa Vista. Em 1961, fui mandado ao Colégio N. S. de Nazaré, em Belém do Pará, onde criei raízes por 27 anos. Em 1987, fui designado para o Colégio Marista Champagnat de Taguatinga, no Distrito Federal, onde me encontro por 26 anos. Fui tesoureiro no Recife-PE por sete anos e, depois, em Belém-PA, 27 anos, e ainda três anos em Taguatinga-DF. Lecionei línguas e desenho, além do catecismo diário com a oração do terço e, nos sábados, o catecismo de Nossa Senhora.

Espiritualidade

Minha espiritualidade vem de longe, do berço de uma família fundamentalmente religiosa. Meu pai foi sacristão da paróquia, eu fui coroinha muito cedo, e minha mãe era extremamente religiosa, de missa diária (morávamos perto da Igreja). Rezava-se em família antes e depois das refeições. Nunca me esqueci do que dela aprendi, quando ela me deixou no juvenato, onde nos foi mostrado o ambiente em que ia morar, inclusive a capela. Ela me disse: "Meu filho, tu és feliz, pois agora irás morar debaixo do mesmo teto em que mora Jesus, aí no tabernáculo da capela!"

Desde cedo, no colo da minha mãe, aprendi a rezar pela manhã e à noite. No juvenato, a meditação da manhã era de meia hora e dela guardávamos uma oração jaculatória, a ser repetida uma vez ou outra, durante o decorrer do dia. Ao subir ou descer da escadaria, tenho costume, desde o meu noviciado (onde era guardado o grande silêncio), de repetir esta invocação: "Jesus, tu me amas, eu quero te amar! Eu te agradeço pela minha vida!" Desde o meu noviciado, tenho o costume de, à noite, antes de dormir, fazer uma visita na capela ao Santíssimo Sacramento e dizer: "Boa noite, meu Jesus".

Ecologia e amor à natureza

Iniciei minhas atividades em favor do meio ambiente quando ainda não existia a palavra ecologia, surgida no começo dos anos 1960, em Belém, com outros entusiastas da proteção do meio ambiente.

Belém é conhecida como a cidade das mangueiras. Promovi, durante 18 anos, com grupos de alunos, a produção de mudas de mangueiras, que eram ofertadas ao horto municipal para plantação nas praças e avenidas da cidade e arredores. Ajudava para que Belém não perdesse o honroso título de "Cidade das Mangueiras".

Outras tantas iniciativas ecológicas realizei, tanto em Belém como em Recife e em Taguatinga, onde plantamos todas as árvores e favorecemos o verde em geral de todo o ambiente do Colégio Champagnat e no antigo Colégio Marista do Recife.

Outras atividades

Tenho grande devoção e humilde respeito à Trindade Santíssima, Pai, Filho e Espirito Santo, entretanto, sou mais devoto ao Filho, o Deus menino do presépio e à sua mãe, Nossa Senhora, com S. José. O que eu peço a Ele é conseguido, já há longos anos, desde quase o início da minha chegada ao Brasil, nos anos de 1940.

Isso porque sou "presepeiro" desde minha infância. Há os presepeiros que fazem "presepadas", que ninguém gosta nem aprecia. E há os presepeiros que fazem presépios para lembrar o acontecimento máximo da noite de Natal: o nascimento de Jesus, nosso Salvador, no Presépio de Belém, conforme o Evangelho de São Lucas, no capítulo segundo.

Já conto com centenas de presépios confeccionados e difundidos nas famílias cristãs para os festejos natalinos em família. O lucro do meu trabalho paciente e meticuloso vai para as nossas obras sociais de assistência aos necessitados, que são numerosas em nossa Província Marista Brasil Centro-Norte.

Q R
U
Eu sou a ressurreição e a vida!

O mais belo testemunho é se achar presente

Ir. Antônio de Araújo Aguiar

Por obediência, respondo sobre minha vida. Começo falando em alusão a minha família Aguiar. Pertenci a um casal abençoado por Deus, Ulisses Deoclício de Araújo Aguiar e Maria Adélia de Araújo Aguiar, que me encheram de orgulho em chamá-los de meus pais. Por eles fui educado para ser um verdadeiro cristão.

Quanto à vocação para a vida religiosa, sem privilégio nenhum, digo que não poderia falar de minha experiência sem fazer referências aos motivadores de minha caminhada. Na jornada da minha vida, fiz dupla com meu irmão caçula que me acompanhou na vocação Marista. Quase sempre nossa mãe nos apresentava seu santo desejo de contar com um filho padre ou religioso. Um dia ela me convidou para fazer companhia a minha avó, sua mãe, que enviuvara. Para lá fui e lá fiquei em companhia de um tio Marista, o primeiro Marista brasileiro da Província Brasil Norte, que me trouxe a ideia de acompanhá-lo na vida Marista. Ele, Ir. Ambrósio, já contava com dois irmãos na Congregação: Ir. Bernardo e Ir. Adalto. Não resta dúvida de que aqui com esse convite resolvi segui-los na mesma vocação.

Depois de passados dois anos, em visita à família, consegui atrair o meu irmão à mesma vocação. Não resta a menor dúvida de que o modo de ser marista dos meus tios levou-nos a seguirmos a vida religiosa marista com o mesmo entusiasmo. Tanto assim que o pri-

meiro tio, Ir. Bernardo Aguiar, teve a graça de ser Provincial, e o segundo, Irmão Ambrósio, Deputado do Capítulo Geral. O terceiro Irmão, o Irmão Adalto, era exímio professor de Português, Francês e Inglês. Sem delongas, eu confessaria à minha família, pais, irmãos e demais tios, que foi por seus exemplos que eu tive a graça de chegar à vocação Marista. Muito mais ainda fui chamado por Cristo, por minha Mãe, a Boa Mãe, e meu pai Champagnat a seguir o caminho dos inumeráveis santos da minha família religiosa.

Conto com orgulho que minha santa padroeira, a Imaculada Conceição, patrona de Orobó-PE, minha cidade de origem, já ofereceu ao mundo diversas vocações religiosas, entre elas três bispos.

Quanto a mim, devo à minha família a graça de ser Irmão Marista e guardei deles, sobretudo de meus pais, o testemunho de tudo o que sou. Tenho o privilégio de pertencer à uma família que me impulsionou a caminhar com ela.

Na caminhada apostólica, procurei sempre ser merecedor de tudo o que me foi confiado pelos Superiores. Conto com 39 anos de diretor de Unidades Maristas, e o trabalho para mim foi motivo especial de ser útil a Deus e à Boa Mãe. Na minha caminhada como diretor, contei com a presença de excelentes e santos provinciais que muito alimentaram a minha vida apostólica. Quero fazer justiça ao Irmão Provincial que me nomeou diretor pela primeira vez. Quando fiz alusão ao meu despreparo para assumir o cargo de diretor, ele me respondeu: "Eu te conheço, foste meu aluno". Refiro-me ao saudoso Ir. Guy Maurice. Ele foi para mim um pai e me convidou a seguir a orientação de educação e espiritualidade em Roma. Recordo também de um segundo Provincial, o Irmão Paulo Naufel, que me convidava, assim como a

meu Irmão Arlindo, a fazermos o curso de Espiritualidade em Roma. Lembro ainda do Irmão Damião Clemente, meu antigo formador, que me pediu, qual um pai faz a um filho, para assumir a direção do Colégio Pio XII, de Surubim-PE, onde hoje me encontro, com muita honra, sendo companheiro de comunidade religiosa de um antigo aluno, Irmão Gerson Lima.

Aos que me pedem uma palavra sobre minha caminhada vocacional, eu digo que o mais belo testemunho é se achar presente; com 92 anos de idade e 72 de vida religiosa marista, eu me sinto presente e tenho vivido, ano após ano, cheio de santa esperança para a outra vida. Nunca ficarei preso a falsas inspirações, mas, seguro, busco corresponder ao chamado de Deus.

Orgulhoso de pertencer a uma família que Deus me ofereceu por pai, irmãos e superiores, digo-me feliz e orgulhoso por ser Marista, digo também, e com autoridade, aos jovens, que fazer parte da vida religiosa é merecer as graças de Deus.

Aos meus Superiores, Ir. Wellington Mousinho, Provincial, e o seu Conselho, minha gratidão e o meu orgulho de tê-los como condutores da minha ação religiosa.

O certo é que me senti sempre muito feliz

Ir. Antônio de Oliveira Pereira
(Ir. Nuno)

Desde menino quis ser professor, embora, na família, quisessem que eu fosse padre. Sucedeu que meu pai, membro da Guarda Nacional Republicana – GNR, falou, em Fátima, Portugal, com o Ir. Norberto, marista, parente nosso, dizendo-lhe que tinha um filho que desejava ser professor.

Pouco depois ia eu, com três colegas, para o Juvenato de Tuy, na Galícia. De lá, passei com eles para o Juvenato de Mazères, perto de Lourdes, no sul da França.

Éramos destinados para o Brasil. Após despedida dos pais, em Portugal, embarcamos no porto de Vigo, ao norte de Tuy. Tomava conta de nós o Ir. Sebastien Camille. Éramos 20 pessoas, 13 jovens, cinco escolásticos, isto é, jovens irmãos, e mais dois idosos. A viagem longa, de 13 ou 14 dias, com escala em Casablanca, no Marrocos, foi desagradável para muitos, pois enjoavam e passavam o tempo deitados. Eu e mais alguns tivemos: andávamos pelo navio, íamos à piscina, conversávamos.

No final, chegando ao porto de Recife, levaram-nos de bonde (carro elétrico) para a Casa Provincial de Apipucos, hoje Faculdade Marista. Um ano depois, fui noviço, tomei o hábito religioso no dia 19 de janeiro de 1939. Fui escolástico em 1941 e comecei a dar aula no Colégio Marista do Recife.

Nos anos seguintes, lecionei nos colégios da Província do Brasil Norte, de Salvador até Belém do Pará.

Fiz votos perpétuos no retiro de Apipucos, com 20 e um anos de idade, em janeiro de 1944.

Entretanto, fui à Europa fazer o que se chamava de Segundo Noviciado. Foi no Escorial, perto de Madri. Estive depois em Roma e noutros lugares, sempre levando a sério a vocação religiosa, embora alguém tivesse dito, no dia da minha tomada de hábito em Apipucos, que eu seria o primeiro da turma a deixar a Congregação. No entanto, procurava rezar bem.

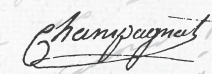
Uma tia minha, que assistira, com muitos peregrinos, à aparição de Nossa Senhora de Fátima no dia 13 de outubro de 1917, tinha rezado por mim para que eu fosse fiel ao Senhor.

Trabalhei dois anos no Juvenato Marista de Leiria, perto de Ourém e Fátima; depois, no Colégio Marista de Carcavelos, perto de Lisboa. Antes, também na cidade do Porto – Avenida Conde da Boa Vista, famoso. Isso por pouco tempo.

Estou em Aracati-CE desde 25 de janeiro de 2008. Antes, porém, trabalhei em Balsas-MA por mais de dez anos e deixei lá grande renome.

O certo, e o que desejo assinalar, é que sempre levei muito a sério o trabalho das aulas, lidar com os alunos, dedicar-me à vida do colégio e que me senti, sempre, muito feliz.

Tornar Jesus Cristo conhecido e amado,
eis a meta de sua vocação e a
finalidade do Instituto.



O escoteiro tem uma só palavra

Ir. Antônio Gava

"Senhor, se tu me chamas, eu quero te ouvir. Se queres que eu te siga, respondo: Eis-me aqui."

Burarama, distrito de Cachoeiro de Itapemirim-ES, é uma bucólica vila assentada sobre pequena colina, emoldurada por cadeia de grandes rochas graníticas, tendo como cartão de visita a Pedra da Ema, obra de arte produzida pelo capricho da natureza.

No início do século XX, migraram para lá três grandes famílias: Gava, Perim e Grillo, as três unidas por laços de parentesco. Meus avós paternos, José Gava e Augusta Dalvi, logo redistribuíram as terras adquiridas entre os filhos homens, pois as mulheres não recebiam herança. Cada qual foi morar em seu quinhão de terras. Meus pais, Joaquim Gava e Maria Fiorotti, foram privilegiados: além de receber as terras, ficaram residindo na sede da fazenda, juntamente com meus avós. A sede era um casarão de dez quartos, duas salas, cozinha e despensa. Havia ainda máquina de beneficiar café, moinho para produzir fubá, engenho para a produção de açúcar, rapadura e cachaça; uma miniusina hidrelétrica, produtora de energia, e um pequeno caminhão destinado aos transportes. Tudo somado propiciava um certo conforto para os padrões de vida local. No casarão, residiam 16 pessoas: meus avós, meus pais, 11 filhos (seis mulheres e cinco homens) e uma prima de criação.

Foi nesse ambiente de relativo conforto que transcorreram os primeiros 14 anos de minha existência, uma vida feliz, cheia de aventuras que deixaram saudades, como canta o poeta Casimiro de Abreu: "Oh! Que saudades que tenho, da aurora da minha vida, de minha infância queri-

da, que os anos não trazem mais...". Nessa etapa da vida, passei por um momento crítico: aos sete anos sofri queimaduras generalizadas, de 1º, 2º e 3º graus, em mais de 40% do corpo, causadas por fogos de artifícios, destinados aos festejos de São João, padroeiro da vila.

O maior suporte para o desabrochar de minha vocação à vida religiosa foi, sem dúvida alguma, a profunda vivência cristã de minha família. Rezávamos o terço em família, nos meses de maio e outubro, e o mesmo era rezado na Igreja com a comunidade local. Aos domingos, frequentava a catequese às 8 horas, às 9 horas participava da reza comunitária e às 17 horas encerrávamos o dia do Senhor com a reza do terço. Frequentemente, minha avó visitava seus filhos, estabelecidos num raio de dois a três quilômetros. Quase sempre, eu fazia-lhe companhia nessas visitas. Seu exemplo despertou-me o desejo de rezar, o que passei a fazer todas as noites ao deitar-me.

Missa era artigo de luxo, acontecia a cada três meses. O celebrante, Pe. Francisco, muito alegre, gostava de brincar com as crianças. Como, até então, não conhecia a vida religiosa, comecei a sentir certa simpatia pela vida sacerdotal.

Em outubro de 1946, apareceu em Burarama um padre que não era padre, mas vestia-se como padre e tinha um papo branco (Rabat)... Era o Irmão Anselmo Pio, marista, à procura de jovens que quisessem ir para Mendes--RJ estudar... Não entendi exatamente para quê... mas embarquei na aventura. Meu pai não se mostrou muito entusiasmado com a ideia, pois, além do enxoval exigido, teria que pagar Cr$ 500,000 (quinhentos cruzeiros), por ano, para cobrir despesas com o internato. Como tinha 16 bocas para alimentar, achou por bem desistir do projeto. Meu avô comprometeu-se a pagar as despesas com o internato e tudo ficou resolvido.

No dia 12 de janeiro de 1947, fui levado por meus pais à Estação da Leopoldina, em Cachoeiro do Itapemirim-ES e entregue aos cuidados do Irmão Sulpício José, que ali estava com dois outros candidatos. Última recomendação de minha mãe ao se despedir: "Meu filho, se no internato você achar um botão, vá entregá-lo ao diretor, porque não é seu". O trem

partiu às 17 horas. Viajamos a noite toda, chegamos ao Rio dia 13 e pernoitamos no Colégio São José da Tijuca. Dia 14, tomamos o trem da Central e, ao chegar a Mendes, uma charrete nos conduziu até o Juvenato.

Fatores que influenciaram no meu desejo de ser Marista: o espírito de família reinante no Juvenato e em toda a casa de Mendes; os momentos de orações, as missas cantadas em gregoriano e músicas polifônicas, que calavam fundo em meu coração. Uma pessoa influenciou decididamente em meu desejo de ser marista: Irmão Luís Ângelo Antoniono. Seu exemplo de vida e de oração, o entusiasmo com que falava de Cristo, da Boa Mãe e de Champagnat marcaram-me profundamente. Ensinou-nos a valorizar e relembrar o dia do Batismo como o mais importante de nossa vida. Sempre o vi como o protótipo de Irmão a ser imitado. A ele minha eterna gratidão.

Em 58 anos de itinerário apostólico, perambulei por dez cidades, algumas com repetições, sendo Colatina-ES a campeã, com quatro passagens e 35 anos de permanência, dos quais 26 como diretor do Colégio Marista e da Escola São Marcelino.

Vejo a missão marista como disponibilidade constante e alegre de colocar-se a serviço das crianças e dos jovens, vivenciando a mensagem de Cristo: "Estou no meio de vocês como Aquele que serve" (Lc 22,27). Embora não faça acepção de pessoas, sinto-me mais à vontade quando estou a serviço dos menos favorecidos.

Em 1996, incorporei o Movimento Escoteiro como parte de minhas atividades apostólicas. Nele encontrei a essência da missão marista: formar bons cristãos e virtuosos cidadãos. Para ser escoteiro, é preciso ter uma religião e viver de acordo com seus princípios (Baden Powel). Outras exigências do movimento: formação do caráter, do senso de responsabilidade e total disponibilidade para servir o próximo.

O 1º artigo do Código de Honra do Escoteiro ajuda-me a fidelizar o compromisso assumido quando de minha profissão religiosa: "O escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais que a própria vida".

"Senhor, a quem iremos nós, só Tu tens palavras de vida eterna" (Jo 6,68).

Eis-me aqui, Senhor!

Ir. Armindo Oscar Wollmann (Luizinho)

Tudo começou no dia 8 de julho de 1931, quando meus pais, Jacob João Wollmann e Maria Francisca Reinher, me viram nascer. Era numa quarta-feira, às 11h30 da manhã.

Muita alegria na família de oito filhos, na pequena aldeia de São Benedito, do município de Montenegro, hoje na grande Porto Alegre.

Na primeira semana de vida, houve o batizado, quando recebi o nome de Armindo Oscar Wollmann, sendo mais tarde apelidado de Luizinho, por conta do futebol.

Tive vida saudável, de campo, aprendendo já aos cinco anos as tarefas de uma pequena fazenda, inclusive, frequentando a escola rural como as demais crianças.

Cedo aprendi a ler, escrever, praticar esporte, andar a cavalo e fazer bons negócios. Meu pai dizia, recomendando-me: "Nunca se deixe enganar!"

Frequentando as aulas de catecismo, aos sete anos fiz a minha primeira Eucaristia. Fui coroinha de missa recebendo um trocado; sempre usei tudo para as minhas guloseimas.

Já tendo completado oito anos, nossa escola foi visitada por Irmão Fridolino, marista que convidava alunos a estudarem no seu colégio, em Bom Princípio-RS, como aluno Marista interno.

Foi no dia 7 de abril de 1942, com quase dez anos, que meu pai, acreditando e confiando na minha inteligência, me apresentou ao Irmão Paulino, meu primeiro diretor marista, que contava 82 anos de idade. Era alegre e simpático e logo me cativou.

Alguns dias mais tarde, em conversa, me confiou que eu o substituísse quando ele morresse. Foi uma frase muito forte para uma criança de dez anos. Eu ter que substituir o meu diretor de 82 anos...

Tudo me conduziu por caminhos certos. Acreditei ser possível. Não sabia onde e como chegaria a ser gente. Tudo foi acontecendo, deixando-me levar por Deus... A confiança em mim, por parte da minha família, a simpatia do Irmão que me convidava a substituí-lo, as atividades esportivas, o trabalho de campo, as aulas de música, canto e artes, o retiro mensal, na primeira sexta-feira do mês, em silêncio, rezando em seu particular. A bênção e adoração na capela, com cantos, tudo me deixava alegre e feliz, uma possível vida consagrada a Deus.

Um conjunto de acontecimentos foi determinante para eu decidir a minha opção pela Vida Marista: a história da vida de Champagnat em favor das crianças; ser professor em Colégio Marista; promover atividades esportivas; trabalhar com grupos de jovens, um deles, o Mojuca, durante 14 anos no Pará; participar de congressos mariais; organizar missão de Semana Santa no interior e outras razões me encantaram.

Obs.: Com tudo isso, até hoje não encontro explicação lógica para a fidelidade no seguimento a Cristo. Tudo é graça e o meu querer.

Em novembro de 1947, resolvi, com 16 anos, me tornar missionário Irmão Marista na então Província do Brasil Norte. Cheguei no dia 1º de fevereiro em Recife-PE, sendo bem acolhido pelos Irmãos Maristas de Apipucos. Dia 20 de janeiro de 1950, comecei meu noviciado Marista, completando os estudos próprios da formação.

Em 1953, fui enviado para o Colégio Marista de Belém, no Pará, onde, com apenas 22 anos, lecionava Línguas, Desenho e Ensino Religioso. Tudo era alegria, vida nova e muitos planos para realizar.

Em 1956, juntamente com dez Irmãos jovens, iniciei a faculdade de Pedagogia no Pará. Deus ia me levando, a Boa Mãe e São Marcelino me conduziram pelos caminhos que hoje fazem a minha vida feliz.

Em 1964, fui convidado a fundar o Colégio de Taguatinga, sendo por três anos o seu diretor.

Em 1967, voltei ao Pará, onde permaneci durante 15 anos, como professor, organizando grupos jovens, esportes e pastoral no interior.

Nessa época, em 1969, então com 38 anos, passei oito meses na Espanha me aperfeiçoando com cursos de formação, Psicologia, Mariologia, Cristologia, Eclesiologia e a Vida de Marcelino Champagnat. No final, fiz 30 dias de turismo, passando por 38 países, seguindo a "Route Champagnat".

Em 1982, com 51 anos, assumi a direção do Colégio Marista São Luís do Recife por três anos, sendo, em seguida, convidado a assumir a direção dos formandos em Mondubim, Fortaleza-CE, por dez anos seguidos, de 1985 a 1995.

No caminho do Senhor se encontram oportunidades variadas, com alegrias e dificuldades, como em toda vida normal. Os caminhos foram aparecendo, fui levado por Deus, conduzido por Maria e orientado por São Marcelino, em companhia dos Irmãos, vivendo em comunidade. Até hoje não entendo como Deus é tão bom comigo. Que Deus seja louvado pela minha existência. Vale a pena. Hoje sou feliz!

A história de um pequeno Marista!

Ir. Arnaldo José de Souza

A minha história começa no ano de 1978. Aos 8 de setembro daquele ano, eu nasci em uma cidade conhecida por Colatina. Uma cidade média que se localiza na região noroeste do estado do Espírito Santo, no Sudeste do Brasil.

Os meus pais são Intenizete da Penha Burgarelli Costa e José Antônio de Souza. A minha mãe é de origem europeia, e meu pai de origem africana. Casaram-se e, com pouco tempo de matrimônio, tiveram o seu primeiro e único filho para a minha mãe e o primeiro de meu pai.

Somente nasci em Colatina. Na verdade, eu cresci na Região Metropolitana da Grande Vitória, mais precisamente nas cidades da Serra, de Cariacica e também de Vila Velha, sendo muito influenciado por Vitória.

A minha maior alegria era quando íamos para a casa dos meus avós maternos, em Colatina. Eu adorava a roça, além de me sentir muito melhor ali.

Sempre fui uma criança corajosa e empreendedora, além de amar a ciência e o conhecimento. Algo muito chato que aconteceu comigo foi crescer sozinho, mas sempre mantinha a minha infância criativa. Eu pedia aos meus pais para me colocarem na escola porque eu sabia que era capaz de dar conta de todas as atividades escolares com facilidade. Inclusive eu aprendi a ler e a escrever sem ter ido à escola. Lembro-me disto: eu descobri que a mandioca, quando seca, riscava com muita facilidade qualquer superfície

que não fosse clara. Arrancava os pés de mandioca e punha-os para secar ao sol, a fim de fazer o giz e comentava com a minha mãe que iria levar para escola e dar à professora os "gizes" que eu mesmo fabricava.

Lembro-me também da ocasião em que criei uma "pequena hidrelétrica". Eu tinha seis anos na época. Foi muito interessante. Eu inventava máquinas, fazia aviões de brinquedo, amava Matemática, Física, Química; era um grande orador e me relacionava muito bem com as pessoas; e tinha liderança entre as outras crianças quando havia oportunidade de me relacionar com elas, o que era muito raro por ser muito impedido de estar no meio de outras crianças.

Também me recordo do meu separador de água suja, do labirinto que eu criei, da minha criação de lagartixas, dos meus desenhos de navios, da piscina que eu criei e de como eu gostava de História...

Fui crescendo e começando a entrar no mundo estranho dos adultos, que nem sempre tinham atitudes adultas ou mesmo ausentes.

Meu pai havia se deixado levar pelo alcoolismo. Foi um arraso em nossa família. Isso marca uma criança profundamente e faz com que, quando adulta, ela tenha dificuldades diversas em sua vida. E minha mãe era uma mulher doente também. Era muito deprimida e insegura, embora tivesse muitos sonhos e uma beleza única, tanto externa quanto internamente, mas a doença sobressaiu-se.

Certa vez, meu pai quis colocar fogo em nossa casa. E a nossa residência era de madeira, com apenas dois cômodos. Minúscula era a casa, mas eu não me importava com ela, mas sim com o respeito que deveríamos ter entre nós. Fui atrás do meu pai e o encarei. Não permiti que ele queimasse a nossa casa, enquanto a minha mãe estava lá, atordoada depois de uma grande briga que tiveram. E eu lhe dizia: "Essa casa é minha, não a queime". Eu tinha seis anos de idade. Corri um grande risco de levar uma surra, mas fui muito mais homem do que meu pai.

No ano de 1985, já com sete anos de idade, aconteceu algo que modificou totalmente a minha vida: a separação dos meus pais. Foi um evento marcante, que naquele momento eu acreditava ser realmente necessário, devido à forma como andava o casamento dos meus pais. Realmente, já não existia mais respeito. Portanto, nada de escola, nada mais de família.

Aos 10 ou 11 de outubro de 1985, minha mãe e eu voltamos para Colatina e fomos morar com os meus avós. Fiquei cerca de 16 anos sem ver meu pai e sem ele vir à minha procura.

Muita coisa se passou por ali. Muita coisa se modificou. Senti, depois, que não era onde eu deveria ter crescido e me desenvolvido, pois lá era pequeno demais para mim; não por causa do lugar, mas por causa dos tipos de relacionamento que ali se estabeleceram e interferiram em minha formação pessoal, humana e de caráter. Quanto a isso, não poderei entrar em detalhes no momento, devido à grande complexidade de vivências que ali se construíram.

Comecei a estudar na roça. Era sempre o aluno de destaque. Modéstia à parte, sempre fui o aluno mais dedicado e considerado o mais "inteligente", não somente da turma, mas da escola. Isso não soava muito bem para a maioria dos colegas. E engraçado... as pessoas, inclusive a minha família, não viam valor nisso. Acredito que era inveja, ou algo parecido. Eu realmente era diferente. Precisava até mesmo de ajuda.

Terminei o primário e comecei a estudar no ginásio. Andava de bicicleta cerca de 28 quilômetros por dia para estudar. E eu amava tudo aquilo. Sabia que todo aquele meu esforço serviria para algo grande na minha vida.

Continuava também amando as ciências e o conhecimento. Realmente, eu era estranho. No Ginásio, um professor meu, chamado Amarildo Cesana, comentou com toda a Escola Padre Fulgêncio do Menino Jesus que eu era o mais inteligente da escola. Era também ele o professor mais bra-

vo que eu vi na minha vida! Era um grande mestre para mim. Eu o amava profundamente. Não o esqueço nunca. Só que eu comecei a ficar com receio disso. É porque eu não soube aproveitar essa qualidade que ele via em mim. Depois de adulto eu descobri o porquê desse receio.

Quero lembrar também que eu trabalhei duro na roça, na colheita do café e do arroz, na capina, no cuidado dos animais...

Eu me importava com os dilemas da humanidade. Com a cultura, com a maestria da humanidade na criação, com a política, com as artes, com as ciências, com a economia etc. Eu me sentia um membro idôneo da humanidade.

Certa vez, eu, com os meus 14 anos, quis criar um grupo armado para fazer justiça aos injustiçados. Mas com o tempo isso se modificou. Pensei até (veja só!) em fundar uma congregação de padres! Que ideia mais maluca! Ainda bem que não deu certo... Ih, Ih, Ih, Ih...

Em outra ocasião, pensei numa organização que cuidasse do desenvolvimento de talentos e habilidades humanas. Consegui até mesmo o local para dar início a ela. E olha que eu sentia que ia dar certo! Mas devido a circunstâncias diversas, não dei cabo do projeto. Eu acreditava e via a importância do espírito comunitário que há nas pessoas sendo vivido na prática.

Tive experiências fantásticas ao longo da minha adolescência e juventude. Encontrei pessoas que estavam pelas ruas e com elas procurei fazer comunidade; encontrei crianças que precisavam de família; já dormi na rua com outras pessoas para sentir como eram as suas vidas; comia da mesma comida delas. E sempre vi humanidade nessas pessoas e buscava uma humanidade em mim também.

Estudei o segundo grau na cidade de Colatina, porque até então eu morava na roça. E por lá conheci os Irmãos Maristas. Lembro que fui convidado por um formando marista chamado Cídio, que me levou a conhecer o Irmão Vítor Pravato. Este, desde então, tornou-se uma

referência apostólica para mim. E, em 1998, eu entrei para o Instituto dos Irmãos Maristas.

Bem... Queria falar mais, dar continuidade, mas será numa próxima vez, porque era para ser em apenas duas páginas um pouco da minha auto-biografia e já se vão mais de quatro páginas; e tive de retirar outras seis páginas que havia escrito.

Desde já, um grande abraço a quem ler este pequeno excerto. Que ele o ajude a ser cada vez melhor e mais feliz.

A bondade de Deus se revela no cotidiano da vida

Ir. Ataide José de Lima

Falar sobre vocação sem reconhecer que a ação de Deus na vida de qualquer pessoa se revela no cotidiano, nos fatos e nas pessoas, é incoerência. Assim se dá na história do povo de Deus. Por isso, ao relatar em breves linhas a minha caminhada vocacional, não posso deixar de mencionar as pessoas que me ajudaram nesse discernimento e os eventos que me conduziram por esse caminho.

Julgo que a minha caminhada vocacional na Vida Religiosa Marista teve início na minha família. Desde criança, vi, senti e vivi, dentro de casa, com os meus pais e irmãos, um clima de religiosidade que em muito contribuiu para que eu, mais tarde, viesse a pensar na consagração religiosa como um caminho possível para ser feliz. Meus pais, Lázaro e Laurentina, quando moravam em Mogi das Cruzes-SP, onde nasci em 1963, trabalhavam na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e participavam do Movimento de Casais Operários com Cristo, coordenado pelos Franciscanos. Esse movimento, voltado para a formação de casais líderes, era fundamentado nas orientações do Vaticano II. Além disso, a participação na vida paroquial, nas festas, na catequese, nos encontros e em outras atividades eclesiais, nas quais eu e meus irmãos os acompanhávamos, constituíam também o meu processo de evangelização.

No mês de julho de 1975, meus pais decidiram regressar para a sua terra natal, Campos Gerais-MG, onde passei a conviver com os meus tios, primos e avó. Uma cidade pequena com fortes expressões de religiosidade popular. Aí dei continuidade aos meus estudos primários e secundários.

De certa forma, essa troca de ambiente reforçou a vivência dos valores recebidos anteriormente. Em Campos Gerais, pude tomar como exemplo de fé e piedade, além dos meus pais, também a minha avó paterna e outras pessoas que conheci e com quem tive oportunidade de conviver. Essas pessoas me acolheram, me apoiaram e foram para mim exemplos de cristãos comprometidos com a Igreja, com o Reino de Deus. Verdadeiras revelações da bondade de Deus. A morte do meu pai, em fevereiro de 1976, marcou toda a família. Sem ele, as responsabilidades aumentaram.

Em 1979, por meio da Sra. Aciony de Carvalho Branquinho, mulher de grande atuação na comunidade paroquial, tive oportunidade de conhecer o Irmão Paulo Urbano Portugal que me convidou para participar dos encontros vocacionais em Mendes-RJ. A partir desse convite, aceito com temor e pouca convicção, dei início ao discernimento vocacional propriamente dito, animado, apoiado e acompanhado pelo Irmão Gentil Paganotto, com quem me correspondia frequentemente. Esses encontros vocacionais, chamados de Juvenatos de Férias, eram espaços de convivência, de partilha, de oração, de animação, de lazer, de conhecimento do Instituto Marista, de formação sobre a realidade histórico-social-eclesial, de revisão de vida, de autoconhecimento e formação humana. Enfim, momentos de enriquecimento, de novas aprendizagens, de abertura para outras realidades e questionamento e aprofundamento vocacional. A oportunidade de estar em Mendes e aí conhecer, escutar e conversar com tantos Irmãos idosos, sentir neles a paixão pela vida religiosa consagrada, pelo trabalho apostólico, a disponibilidade para o serviço de Deus e da educação e a vida de oração foram para mim situações inspiradoras e reveladoras da vontade de Deus. Neles eu pude ver e sentir que seria possível ser feliz como marista.

Daquele momento histórico, destaco dois fatores que me estimularam a tomar a decisão de fazer uma experiência vocacional com os Irmãos Maristas: a eleição de João Paulo II e a Conferência dos bispos da América Latina em Puebla. Na sua visita pastoral ao Brasil em 1978, João Paulo II,

afirmou que "a igreja só será jovem quando o jovem for Igreja..." Essas palavras causaram impacto. A Conferência Latino-Americana de Puebla (1979), que sempre era tema de reflexão dos encontros vocacionais, e que suscitava em nós o desejo de transformação e participação social, principalmente pela clara e inequívoca opção pelos pobres e jovens, foi outro evento que contribuiu na minha reflexão vocacional. A soma desses fatos, mais a acolhida carinhosa e respeitosa dos Irmãos, nos encontros vocacionais, foi sem dúvida um fator importante na minha escolha.

Assim que conheci e comecei a frequentar os encontros vocacionais com os Irmãos Maristas, fui convidado para participar de um grupo de jovens, o Jumar, com outros amigos. Igualmente, a participação neste grupo, durante uns cinco ou quatro anos, em muito contribuiu para reforçar a decisão posterior de me engajar no processo formativo marista. Quando terminei o ensino médio em dezembro de 1981, apoiado pela minha família, aceitei o convite para fazer um estágio missionário. E foi esse o caminho que segui. Em janeiro de 1982, fui morar em Aruanã-GO. Nessa cidade, tive a alegria de encontrar uma comunidade de três Irmãos que trabalhavam e lutavam com todo afinco para manter em funcionamento a única escola pública da cidade. Assumi as aulas de Geografia, Organização Social e Política Brasileira (OSPB), Educação Moral e Cívica (EMC) e Formação Religiosa, coordenava a catequese e o grupo de jovens no bairro Tabocas. Foi um ano de muito trabalho e gratificante, principalmente pela convivência com os Irmãos Elias Gilberto, Luís Barberet e Hélio Bighi. A assiduidade no trabalho e nos exercícios próprios da Vida Consagrada era um bom estímulo para quem desejava seguir o mesmo caminho.

Dei continuidade ao processo formativo em Belo Horizonte-MG, onde, pouco a pouco, amadureci a ideia de ser Irmão Marista. Iniciei o Postulado no dia 15 de fevereiro de 1983. Nesse mesmo ano, no dia 15 de agosto, entrei no Noviciado, e, no dia 24 de dezembro de 1984, fiz a primeira profissão religiosa, em Mendes-RJ. Durante esses dois anos, tive como

formadores os Irmãos Zeferino Falqueto, Máximo Allonso Bárcena, Ladislau Figueiredo e Aureliano Chaves. Igualmente, foram dois anos de muito discernimento, nos quais não faltaram alegrias, tristezas, conquistas e decepções. O Noviciado foi um tempo de purificação das motivações, impulsionado também pelos trabalhos pastorais na comunidade eclesial do Bom Sucesso, bairro das Indústrias. Para mim, o mais importante nesse período foi descobrir-me amado e querido por Deus. Saber que Ele não exige de mim perfeição, saber que sempre poderia contar com sua presença e misericórdia. Entender que a consagração é projeto de Deus, embora, é verdade, conta com a minha resposta positiva, com o meu empenho.

Passei então para o Juniorato, também na mesma cidade, onde, em 1985 e 1986, fiz o curso de Ciências Religiosas. O curso contemplava conteúdos teológicos, filosóficos e pedagógicos, ministrados pelos próprios Irmãos: Francisco de Paulo Vitor, Sílvio Casério e José Esteves. O Irmão Aleixo Autran, que já nos ajudava nas etapas anteriores, continuou sendo o meu orientador espiritual.

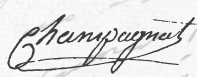
Depois do Juniorato, fui enviado, em janeiro de 1987, para a Comunidade Marista de Goiânia-GO, onde trabalhei no Colégio Marista ao lado do professor Bittencourt, recém-nomeado diretor, e com toda a sua equipe até dezembro de 1993, quando fui designado para trabalhar na formação dos postulantes. Em Goiânia, além dos estudos na Universidade Federal de Goiás, trabalhei na assessoria da coordenação pastoral, compunha o conselho diretor da escola, fui catequista de primeira Eucaristia e Crisma e dava aulas de Ensino Religioso. Também trabalhei na catequese da comunidade eclesial, no Parque Amazônia. A convivência com os leigos e leigas, com os quais tive a oportunidade de trabalhar no colégio, em muito contribuiu para a minha formação. Com eles aprendi novos valores, novas responsabilidades que reforçaram a minha opção vocacional, confirmada com a profissão perpétua em 02 de fevereiro de 1992.

Em janeiro de 1994, retornei para Belo Horizonte, onde iniciei uma nova etapa de vida, agora como formador. Com alguns momentos de parada, trabalhei na formação até 2009, quando fui transferido para Brasília, onde me encontro no momento. O contato com os formandos nesse longo período foi enriquecedor. Para mim foi o trabalho apostólico mais significativo e enriquecedor que desempenhei. Com os formandos aprendi que Deus continua falando e se revelando na história dos jovens, assim como se revelou na minha história. Como formador, o acompanhamento pessoal dos vocacionados à vida marista me possibilitou sentir a presença de Deus na vida de cada formando. Confirmou para mim que a história de cada pessoa é espaço sagrado, onde o Criador atua e faz maravilhas de acordo com a acolhida que se dá ao seu chamado. Estar nas casas de formação também me permitiu maior proximidade com as Comunidades Eclesiais de Base, o que para mim foi um reforço vocacional. Aí pude conhecer muita gente boa. Muitos leigos e leigas comprometidos com o Reino de Deus que me estimularam, me questionaram e me confirmaram no ideal vocacional. Entre elas cito a comunidade São João Batista, na Nova Pampulha, e a comunidade São José, na Nova Cintra, ambas em Belo Horizonte-MG; a comunidade Santa Teresinha, em Fortaleza-CE; as comunidades do Satélite Iris, em Campinas-SP; e a comunidade do Divino, na grande Terra Vermelha, em Vila Velha-ES. Poderia citar muitas outras. O contato com o povo simples, com as lideranças comunitárias ajuda a nossa reflexão vocacional e reforça o nosso desejo de estar a serviço do Reino de Deus. Podemos fazer o bem nesse espaços, aí, a educação da fé deve ser a nossa maior preocupação enquanto religiosos educadores. Com o povo simples aprendemos o que é ler a ação de Deus na vida das pessoas.

Não vejo que na minha caminhada vocacional tenham acontecido coisas extraordinárias, excepcionais. Fui interpelado por pessoas e pelos fatos que me ajudaram no discernimento da vontade de Deus. Da minha parte coube somente paciência, atenção, abertura de coração para ouvir, para acolher e eleger o caminho. Creio que Deus, para mim, se revelou no

cotidiano da vida, nas relações interpessoais, na bondade e na acolhida das pessoas. A extraordinariedade da revelação de Deus, para mim, é justamente a sua manifestação no cotidiano, no corriqueiro da vida, nas pequenas coisas, talvez aquelas menos significativas, as mais simples. Mas é importante estar atento para saber ouvir e perceber o que Ele diz. Saber ler a ação de Deus na própria vida é sabedoria que devemos cultivar para responder, dia após dia, ao chamado que ele nos faz. A mim compete dizer sim frente aos desafios e possibilidades que percebo a cada momento. A certeza pertence somente a Deus. Faço o que me cabe fazer. E sempre agradeço a Ele o apoio que tive e tenho da minha família e de tantas pessoas, irmãos, leigos/as e amigos, para continuar nesse caminho. Para mim resta uma certeza: sou o que sou por obra, graça e misericórdia Dele, só Ele é fiel.

Depois do Batismo,
a maior graça que Deus concede
a uma alma é a vocação religiosa.



4
5
6
ANUÁRIO BRASILEIRO
ANUÁRIO BRASILEIRO
ANUÁRIO BRASILEIRO
ANUÁRIO BRASILEIRO

Marista para fugir da enxada?

Ir. Baptista Santos

Eu sou Ir. Baptista Santos, filho de Arthur Baptista Santos e Carlinda Carolina dos Santos. Nasci em 25 de novembro de 1929 numa propriedade rural, no município de Santa Luzia do Rio das Velhas-MG, atualmente, por motivo de emancipação política, cidade de São José da Lapa. Fui batizado em 08 de dezembro do mesmo ano. O nome me foi dado por minha avó materna, que também foi minha madrinha. Meus pais tiveram dez filhos, dos quais cinco já faleceram.

Lá em casa, todos eram católicos, mais ou menos à brasileira. Havia as rezas nas famílias ou na igreja, as novenas, o mês de maio com ladainha e coroação de Nossa Senhora, foguete e leilão. Nas poucas missas, em algumas festas do ano, o importante para mim era a banda de música. Como era abafado lá dentro da igreja! Havia ainda as procissões, os terços cantados. Em casa, à noite, minha mãe mandava rezar o terço em família, enquanto ela terminava o trabalho da limpeza. Geralmente, eu dormia antes de terminar. Era minha irmã mais velha que puxava a oração.

Em 1939, estive internado no Hospital de Crianças, em Belo Horizonte. Lá aprendi algumas orações a mais e fiz a primeira Comunhão em 05 de abril de 1939. Lembro-me de minha Crisma, sem nenhuma preparação; era assim, na época. O padre não "conseguiu me confessar".

Por residir na roça e por problemas de saúde, repeti várias vezes a 1ª série. O 2º, 3º e 4º anos fi-los em Vespasiano, a uns 7 km de distância; ia a pé, no turno da manhã, descalço. E meu pai era um dos poucos considerados

ricos do lugar, talvez porque contratava alguns operários para suas plantações e, assim, era menos pobre. Cabe aqui um comentário a mais: meus avós eram todos alfabetizados, o que para a época e para a região tem seu significado. Do lado paterno, sobretudo, posso afirmar que meus ascendentes eram fazendeiros; pessoas que tinham certa riqueza e consequentemente alguma posição. Possuíam escravos. Com a libertação destes e outros fatores (a ferrovia, sem indenização, os inventários...), veio a decadência.

Na escola só conseguia satisfazer meus pais quando tirava nota máxima. Além disso, eu não podia jogar com os colegas, para me preservar. A autoridade estava centralizada em meu pai; obediência à mamãe também, mas do papai bastava um olhar para que todos nós evitássemos problemas... Meus pais sempre fizeram tudo que lhes era possível por nós; amavam-se e nos amavam muito; eram modelos de trabalho, retidão e de caridade para com os necessitados.

Meu pai não era um agressivo gratuito, mas não tolerava injustiça ou afronta de qualquer espécie. Falava o que julgava necessário com franqueza um tanto rude e sempre mostrou muita coragem em qualquer circunstância. Chegou mesmo a expulsar da região um assassino profissional, que agredira meu tio, pegando em arma e perseguindo-o até que fugisse. Depois de ler a Bíblia completa duas vezes e também Alan Kardec, que dizia meditar, tornou-se uma pessoa bem diferente e nem possuía arma de fogo.

Minha cidade deu seis Irmãos Maristas, quatro dos quais já faleceram. Desde bem pequeno senti uma forte atração para a vocação Marista, antes mesmo de entrar para a escola. A motivação era naturalmente infantil, a beleza do hábito. Dos sete aos 14 anos, contei com a resistência de meu pai, não por motivos religiosos ou desprestígio aos Irmãos, mas simplesmente por uma razão fundamentada em sua responsabilidade de pai, o que vim a verificar só depois que já era Marista. Desgostava-me também a espera a que me submeteram os Irmãos. Precisava completar o primário antes de ser admitido.

Quando cursava a 4ª série, entre os 13 e 14 anos, desisti totalmente da ideia de ser Irmão Marista. "Por quê?" perguntavam-me. "Não sei", respondia secamente. E era sincero. Não sabia dizer. Apenas imagino alguns motivos que explicariam aquela mudança, pois minha família estimava muito os Maristas; a comunidade local, não se fala! Era vibração, encantamento! Minha primeira catequista não se encontrava comigo sem me perguntar se ainda queria ser Irmão Marista. E o fazia traindo no semblante a expectativa de uma resposta positiva. No entanto, sempre respeitou quando, durante um ano, respondia: "Não".

Nossa Senhora era muito venerada em minha terra. Além do terço, mês de maio, novenas, ladainha... havia também o costume de se cantar o Ofício de Nossa Senhora. As mulheres, sobretudo, o cantavam de cor, enquanto cozinhavam ou lavavam roupa, o que exigia 20 minutos. Agora não está havendo mais tempo! As boas influências da família e da comunidade e a graça de Deus explicam alguns lances de minha vida de garoto que revelam sinais de vocação. Certo dia, mamãe chorou de rir porque cheguei da missa dizendo: "Mamãe, eu também quero estudar para Generoso!". Generoso era o nome do sacristão. Ensinei a uma priminha o canto para a coroação de Nossa Senhora, pois a coroação seria naquela noite e não havia ninguém em condições de lhe ensinar a tempo. Tomei também iniciativa de organizar procissões em que, com meus irmãos e primos, andávamos pela casa cantando músicas religiosas. Certa ocasião, fiquei orgulhoso com os comentários elogiosos de um tio-avô por eu ter chamado a atenção de um primo que tagarelava na igreja.

Mas havia o outro lado! A entrada na adolescência, sem orientação pessoal, as limitações impostas pela educação rígida e de preservação, a perda do gosto pelo estudo, o enfraquecimento físico pela verminose, explicariam minha desistência de ser Irmão Marista? Não sei. E como entender a decisão posterior repentina e irresistível de querer de novo?! Tirei diploma de grupo escolar em princípios de dezembro de 1943. Logo a se-

guir comecei a trabalhar na roça. Sentia-me tão fraco! Meu pai percebia, mas não comentava para não me humilhar. Eu me sentia constrangido. Nas visitas à família, já Irmão Marista, ouvi de meu pai muitas vezes a afirmativa de que fui ser Marista para fugir da enxada. Conscientemente, nunca relacionei uma coisa com a outra.

Em janeiro de 1944, numa conversa com um primo, contei-lhe que um Irmão Marista chegara em visita aos familiares. Uma proposta meio aventureira do primo me fez voltar ao ideal tão longamente acalentado. Não foi a proposta em si; não vejo proporção ou relação de causa e efeito na linha natural. O fato é que foi uma conversa de intervalo entre um mergulho e outro, e, a partir daquele momento, queria ser Irmão Marista de qualquer maneira. Cheguei mesmo a dizer a meu primo, cuja mãe não tolerava que falasse em ser Marista, que "se virasse", pois eu iria para Mendes mesmo que tivesse que ir sozinho. Achava-me numa fase de frieza em relação às coisas de Deus; nada entendia de religião, menos ainda de vocação... Só Deus explica. Driblei a timidez e outros tropeços: procurei o Irmão... Meu pai deixou.

Fiz quatro anos de Juvenato em Mendes-RJ, de 1944 a 1948; Postulantado em 1948 e Noviciado em 1949. Aprendi muito: a ser cristão, a rezar, a estudar, a jogar, a falar francês e a entender aos poucos o significado de "ser Marista". Foram seis anos de isolamento, como se fazia na época, na Província do Brasil Central. Ademais, só se visitava a família após a Profissão Perpétua. Fiquei 11 anos sem ver os meus familiares. Ao viajar para fazer o Escolasticado em Curitiba-PR, tive uma experiência única: ao ver uma criancinha nos braços da mãe, senti um estremecimento que me atingiu até as fibras mais profundas de meu ser.

Relacionava-me bem com todos; com o Irmão diretor e o Mestre de Noviços. Este a princípio me inspirava medo. A partir do dia em que me fez cinco repreensões no espaço de 12 horas, perdi todo receio, o que não significa que me sentisse muito à vontade. Meu orientador e "instrumento da Providência" na época do Juvenato e do Noviciado foi o Irmão

Provincial, Irmão Exuperâncio, que me ajudou em tudo, mesmo no que diz respeito à saúde física. A verminose me prejudicou muito dos 13 aos 20 anos. Não estava doente, mas era tratado de "o doente" pelos colegas e até pelos Irmãos. Cheguei a acreditar firmemente na morte próxima. Fui ameaçado de ser mandado embora por muitos e muitos anos por motivo de saúde e para resolver problemas ligados à documentação: não havia jeito de provar que tinha sido batizado e crismado! Sofria muito, calado. Não havia quase margem para diálogo e desabafo naquele tempo. Nunca pensei em voltar para casa. Queria morrer Marista! Consolava-me com o espiritual, o estudo e a música. Passava o tempo de silêncio dos trabalhos manuais cantando interiormente à Nossa Senhora.

Em 1948, no Postulantado, baixei nos estudos. Razões? Atribuo à saúde que piorou, ao acúmulo maior de matérias e a uma espécie de segunda adolescência que experimentei e que me prejudicava no esforço intelectual. Haviam explicado que as "falhas morais" eram a causa de baixa nos estudos. Então, cada vez que alguém se espantava com minha decadência nos estudos, eu interpretava aquilo como insinuação...

De 1950 a 1953 fiz o Escolasticado em Curitiba. Estudávamos as matérias do científico e iniciamos um curso de seis anos de estudos religiosos, filosóficos e pedagógicos. Os três primeiros anos foram mais proveitosos, pois não lecionávamos ainda. Os três últimos anos tiveram a vantagem de nos reunir nas férias para cursos e exames, o que nos fazia bem no sentido de animação, ocupação útil, além de se aprender alguma coisa.

Durante o Noviciado em 1949, o problema de saúde foi resolvido satisfatoriamente: por insistência do Irmão Exuperâncio, o médico mudou o remédio que eu havia tomado em 1943, em casa, em Mendes, mais cinco anos seguidos, sem efeito. Assim, no Escolasticado, se me chamavam de fraco, era mais devido à magreza e, se usavam a palavra doente, era pelo peso da tradição. Na realidade, nunca considerei esses termos como louvor ou algo equivalente. O fato é que passei três anos em Curitiba sem

pensar em remédio. O meu fraco era uma grande timidez. Comecei a tomar iniciativas visando diminuí-la ou superá-la em dose aceitável para quem pensava tornar-se educador. O tipo de vida, mesmo no Escolasticado daquela época, não favorecia a desinibição. Aqui também havia isolamento. Ouvimos rádio duas vezes em três anos: no campeonato mundial de futebol e na proclamação do Dogma da Assunção. Periódicos? Nem "Lar católico" entrava lá! No 3º ano dávamos catecismo para meninos da redondeza, mas eles vinham a nossa casa. Quem se relacionava com o mundo era só o Irmão coordenador.

Quando de uma consulta aos Irmãos Escolásticos para saber quais dentre eles queriam ir para as missões no estrangeiro, dei meu nome. Disseram-me que não tinha saúde para tanto. Resignei-me, sem acreditar que saúde fosse a única razão. E agora estou mais convencido ainda: eu precisava amadurecer era por aqui mesmo.

De 1953 a 1957, estive no Colégio Santista, em Santos-SP. Nesses quatro anos não fiz estudos oficiais. O início do magistério equivaleu a dupla prova de fogo: um incêndio destruiu quase tudo no colégio, duas semanas antes do princípio das aulas. Os Irmãos escaparam, mas as condições de funcionamento do colégio ficaram muito precárias, pois sobraram apenas os três quartos das salas de aulas; o resto foi literalmente destruído. Independentemente dessa situação, o problema para mim foi moderar minha violência no modo de disciplinar os alunos. Os primeiros anos foram difíceis.

Fiz minha Profissão Perpétua em 9 de janeiro de 1955. Acrescentaria aqui, pela afinidade do assunto, que não fui convidado a fazer o Voto de Estabilidade e não pedi também para fazê-lo. Sempre considerei os Votos Perpétuos como encerrando em si as exigências e os compromissos do Voto de Estabilidade; porém, creio que a razão mais determinante parece-me ser o fato de que o Voto de Estabilidade era condição de acesso a determinados cargos... O Voto de Pobreza não me traz dificuldades; o de Obediência poucas vezes me custou um pouco ou até bastante. Para

esses dois, certamente, a educação recebida na família e nas Casas de Formação explicam em parte. Quanto ao terceiro... Quem leu as primeiras páginas entende; pode pelo menos deduzir. Tantas vezes sou levado a fazer o pedido de São Paulo, o Apóstolo!

Fui para Uberaba-MG, em 1957 e lá permaneci até 1960. Lecionei no Colégio e cursei Neolatinas na Faculdade. Teria escolhido Geografia; O Irmão Provincial impôs o curso apesar da tentativa de diálogo. Nada perdi fazendo Língua e Literatura, também de meu gosto. Agora faria Pedagogia.

Havia 13 anos não me relacionava com moças, não me sentava ao lado delas... Felizmente, talvez, andava ocupadíssimo, das 4h30 às 23h ou 24h também nos domingos e feriados! Eram cinco línguas e seis literaturas, além das obrigações religiosas da época e das aulas. Sou naturalmente lento. Dizem, às vezes, que sou calmo. Chego a replicar que no meu interior há um verdadeiro vulcão. Minha lentidão é mais no campo intelectual e no âmbito das decisões.

Seguem-se os espaços de minha atuação como Irmão Marista: Colégios, Casas de Formação, Pastoral Vocacional e uma experiência especial, em Araçuaí-MG, com inserção entre o povo e magistério no Seminário Diocesano durante 16 anos.

O fato de ter mudado muito de comunidade não significa que tenha dificuldades habituais no relacionamento; até quase pelo contrário. Somente nos últimos anos senti realmente o peso da vida comum. E, francamente, não me sinto culpado, como causa; poderia, sim, administrar melhor a crise. Uma vez pedi para mudar de função por razão de saúde e pouca aptidão e, noutra oportunidade, pedi mudança porque me sentia em perigo... mas a graça de Deus vem triunfando.

Sinto-me feliz e agradeço a Deus, à Virgem Maria, a São Marcelino Champagnat e a tantas pessoas e Irmãos que a Providência colocou ao meu lado.

Alguns momentos de minha vida! Faz-se caminho andando...

Ir. Claudino Falchetto

Nasci em Venda Nova do Imigrante, certamente uma das mais belas regiões serranas do estado do Espírito Santo, no dia 26 de agosto de 1937. Meu pai, Carlos, e minha mãe, Thereza, foram modelo de trabalho, tenacidade e de vida cristã. Dos 11 filhos que deixaram, quatro se dirigiram à vida consagrada (um marista e três religiosas na Congregação dos Santos Anjos). As três manas e os quatro manos casados deixam uma prole de 48 netos e já surgem os primeiros bisnetos.

Na entrada da casa de dois pisos, onde vim ao mundo, que conserva ainda os traços da imigração italiana, encontra-se uma placa de bronze com os seguintes dizeres: "Aqui nasceram sete religiosos" e cita os nomes de Sulpício, Affonso, Claudino, Marta, Márcia, Luzia e Lurdes. Minha vocação tem raízes nesse ambiente sadio de duas famílias que viviam em total fraternidade, partilhando tanto os bens materiais quanto os religiosos.

Todos os meus estudos básicos foram feitos, a partir dos 11 anos, nos bancos escolares maristas, e a vocação à vida religiosa foi como que uma consequência natural de todo o processo formativo. Foi em Mendes-RJ que, aos poucos, fui entendendo quem era um Irmão marista e a beleza da entrega da minha vida à juventude.

Concluído o período da formação inicial, dediquei-me ao ensino como professor, inicialmente em Patos de Minas-MG, quando participei da empolgante experiência de criar o novo, uma vez que o Colégio Marista estava sendo inaugurado naquele ano de 1959. Em Patos, meu primei-

ro amor apostólico, permaneci apenas o tempo de me encantar com os jovens e a missão marista. De Patos para Mendes só houve tempo para um ato de obediência! Naquele berço marista pude aprender, durante quatro anos, a arte da coordenação e da formação, numa casa com mais de cem juvenistas, todos eles adolescentes cheios de vida e de sonhos. Foi em Mendes também que aprendi, na prática, que a vocação é dom de Deus e que Ele é o único e verdadeiro formador.

Depois desses quatro anos, outra etapa, agora em Goiânia-GO, novamente num colégio recém-inaugurado. Lá voltei à sala de aula, enquanto iniciava o curso universitário, que tive de transferir para Uberaba-MG, onde me foi oferecido o cargo de ecônomo do Escolasticado, que na época era povoado por mais de 60 jovens Irmãos. Já no ano seguinte, inesperadamente, aos 29 anos, assumi a direção de um grande colégio interno, em Poços de Caldas--MG, substituindo nada menos que o experiente Irmão Gonçalves Xavier, que fora eleito capitular, em 1967. No final desse mesmo ano, fui premiado com um curso universitário em Roma, alcançando, em 1971, a licenciatura em Teologia pela Universidade Lateranense.

O tempo foi célere; de Patos ao retorno ao Brasil, em 1971, foram somente 12 anos, um tempo rico de experiências humanas e religiosas, de amadurecimento relacional, afetivo e institucional. Não houve tempo para desvios ou para recomeços, mas tão somente horizontes e perspectivas: Deus foi o condutor nesse itinerário vocacional, naquele período de enormes transformações na sociedade e na Igreja. Nessa quadra aconteceram Woodstock e o Vaticano II, Medellin e a ditadura militar. Tempo de ebulição e de profundas transformações, que me fizeram entender que as mudanças são inevitáveis e benéficas, que nos ajudam a aprender que, mesmo na obscuridade, Deus está presente e é luz!

Em 1971, fecha-se o primeiro ciclo: o da aprendizagem, o da consolidação de um arcabouço humano e religioso. Em 1972, tem início a saga do serviço provincial, institucional e eclesial. No Capítulo Provincial de 1972,

o Irmão Luiz Silveira me nomeia seu vice e me entrega a coordenação de toda a formação na Província. Já então, diante das incertezas de muitos e da defecção de outros, sentia-se a necessidade urgente de buscar caminhos novos para o futuro da vida religiosa, caminho este que até hoje permanece inacabado.

O segundo triênio do Irmão Silveira foi de preparação para o XVII Capítulo Geral de 1976, para o qual também fui eleito capitular. O Ir. Silveira permaneceu em Roma como Conselheiro Geral e, no início de 1977, me vejo diante de nova experiência, agora como Provincial, em contato direto com os Irmãos, as comunidades e as obras apostólicas. O cargo de provincial, longe de ser uma glória ou uma conquista, é, isso sim, uma ocasião ímpar de serviço ampliado que exige entrega diuturna e afeição aos destinatários.

Posteriormente, os horizontes se expandem durante outros seis anos, quando assumo a presidência da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB) e quando me foi dado a conhecer de perto a vida religiosa em nível de América Latina e no mundo, com os constantes relacionamentos mantidos com organismos nacionais e internacionais, tendo participado de inúmeras assembleias, inclusive na importante reunião do beato João Paulo II com os presidentes das Conferências Nacionais, em 1986, em Bogotá.

Terminados os seis anos como presidente da CRB Nacional, sem respiro, volto ao cargo de Provincial da Província do Rio de Janeiro, por outros seis anos incompletos, uma vez que, no Capítulo Geral de 1993, fui eleito Conselheiro Geral, função que me abriu as janelas do Instituto e da internacionalidade até o 20º Capítulo Geral, de 2001.

De retorno à Província, depois de um ano trabalhando numa encantadora obra social, em Terra Vermelha-ES, e outro como diretor do Juniorato, em Belo Horizonte, assumi novamente a função de Provincial, agora na recém-criada Província Marista Brasil Centro-Norte.

Somados, foram 32 anos de serviço ao Instituto e à Igreja.

Essa segunda fase de meu itinerário vocacional, alicerçada na aprendizagem dos anos de formação, é a prova acabada da força da graça, da misericórdia de Deus, da proteção de Maria e do apoio fraterno dos coirmãos.

Assim, passo a passo, dia a dia, sem olhar para trás e sem me arrepender de nada do que ficou, cheguei aonde estou, feliz com a pequena contribuição que pude oferecer e certo de que o Deus fiel, que me chamou e sustentou, há de continuar sua obra até o fim. É nas mãos Dele que me encontro!

Ser chamado jovem à vida religiosa é uma prova de que Deus tem desígnios particulares de misericórdia sobre uma alma, que destina à alta virtude, e quer servir-se dela para a sua glória e a santificação do próximo.

Champagnat

Envolvido de corpo e alma na luta pela vida

Ir. Davi Nardi

Nasci em 23 de setembro de 1968, em Colatina, Espírito Santo, numa região conhecida como Cachoeira do Onze. Sou filho de Julio Nardi (*in memorian*) e Zilma Seidel Nardi, ambos camponeses. Somos seis irmãos e uma irmã.

Fui batizado na capela de São Paulo da Cruz. Minha 1ª infância deu-se na zona rural, onde da terra tirávamos o sustento, ao lado do Rio Pancas. Guardo na lembrança os primeiros momentos de escola, onde andávamos a pé um bom pedaço de chão. Mais tarde, já aos dez anos, mudamos para um bairro periférico de Colatina. Nessa época, vivíamos da fabricação de tijolos e exploração de areia. Na primeira etapa da vida, perdi um irmão afogado, que salvara duas moças; depois, outro irmão, que, por defender a esposa, foi assassinado.

Na cidade, o bairro de Santa Helena apenas estava começando e creio que aí está a raiz da vocação. Era tempo de organização e ainda criança me envolvi com as questões religiosas e sociais da localidade, apoiado por diversas pessoas, das quais destaco minha tia Maria da Penha e Dona Alayde, uma grande catequista.

Nessa etapa da vida, buscávamos melhorar o bairro com a luta pela iluminação, água tratada, calçamento etc. Na parte religiosa, construímos um barraco de madeira que serviu de primeira Igreja, depois de uma época de encontros e celebrações nas casas. Depois uma igreja melhor de madeira, sempre com celebrações, catequese, grupo de jovens etc. É nesse momento que aparecem duas outras pessoas de Deus: o Cônego Mauricio e o Ir. Evilásio Pope, e também outros que, no momento, não cito os nomes.

O Cônego Mauricio mostrou o caminho claro para um compromisso eclesial e social; o Ir. Evilásio, meio matuto, não perdeu a chance de me apresentar um cara carismático, amigo das crianças e jovens: São Marcelino Champagnat.

Isso posto, o processo do despertar vocacional estava aberto, sem contar a figura ilustre e medrosa da minha mãe. Medrosa de ver o filho ficar "fora da saia dela".

Deu-se início aos encontros vocacionais da diocese e do marista. No momento, não estava claro se minha vocação era sacerdotal ou religiosa. Nessa época, estava com 13 anos. Depois de dois anos de encontros, discernimentos, ingressei no Juvenato, em Colatina. Nessa etapa, algo veio confirmar essa opção: na comunidade eclesial que frequentava, eu e minha prima Neide fomos escolhidos para ministro da Eucaristia, mas por questão de idade o bispo interveio para ambos não assumirem.

No Juvenato, a luta social e o amor pelas CEBs iam se consolidando. Nessa época, dois Irmãos contribuíram: Ir. Vicente Falchetto e Ir. Roque Plínio Loss. No segundo ano dessa etapa, fui convidado a ir para Aruanã-GO dar aula de Química. Estava com 17 anos. Dava aulas e concomitantemente concluía o 2º grau. Participei da primeira greve na minha vida, em Goiás (1986).

Em 1987 (janeiro), fui admitido no postulado e, no mesmo ano, no Noviciado (Belo Horizonte). Etapa da vida marcada pela busca, pela oração, por confirmar a paixão da vida: ver o Reino de Deus acontecer em nosso meio, de fato. Meus colegas de turma foram abandonando o barco e em dezembro de 1989 professei sozinho os votos religiosos no Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria. A etapa seguinte, em Curitiba-PR, foi o Escolasticado. Esse tempo foi marcado pelo estudo, mas, sobretudo, a paixão pelas crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social. Nessa época, com um grupo, íamos para as ruas de Curitiba viver a vida dos adolescentes, isto é, catar papelão, fazer abordagem de rua etc. Envolvi-me, de corpo e alma, nessa luta que perdura até hoje.

Comecei a participar da Pastoral do Menor, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Foi o momento de implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente por este país.

Acabado esse período de formação inicial, fui convidado para exercer a missão em Silvânia (GO), onde vivi e vivo duas etapas. A primeira de dez anos, toda a década de 1990. Participei do processo de mudança física, pedagógica e de concepções do Aprendizado Marista Padre Lancísio. Tínhamos um internato com 120 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. Atuei como professor, regente, diretor, peão etc. A segunda etapa dura já seis anos, e atuo como gestor, mais do que isso um "factotum ou bricoleur". Nesse cantinho do Brasil, creio que além, das atividades diárias do Aprendizado Marista Padre Lancisio, marco presença de corpo e alma na Igreja local, nas comunidades eclesiais da Paróquia de Silvânia, Gameleira e Leopoldo de Bulhões. Outra presença importante é no campo da garantia de direitos, atuando diretamente em diversos conselhos municipais e estadual. Entre uma etapa e outra, depois de ter dedicado o auge de minha juventude a Silvânia, fui trabalhar no Espírito Santo. Alguns meses em Vila Velha, onde colaborei na implantação da obra de Terra Vermelha. Logo depois fui para Colatina, terra natal, onde partilhamos a vida com três obras que ali tínhamos e com a Comunidade Eclesial. Foi muito bom estar perto da minha família, de trazê-los para mais perto da minha missão.

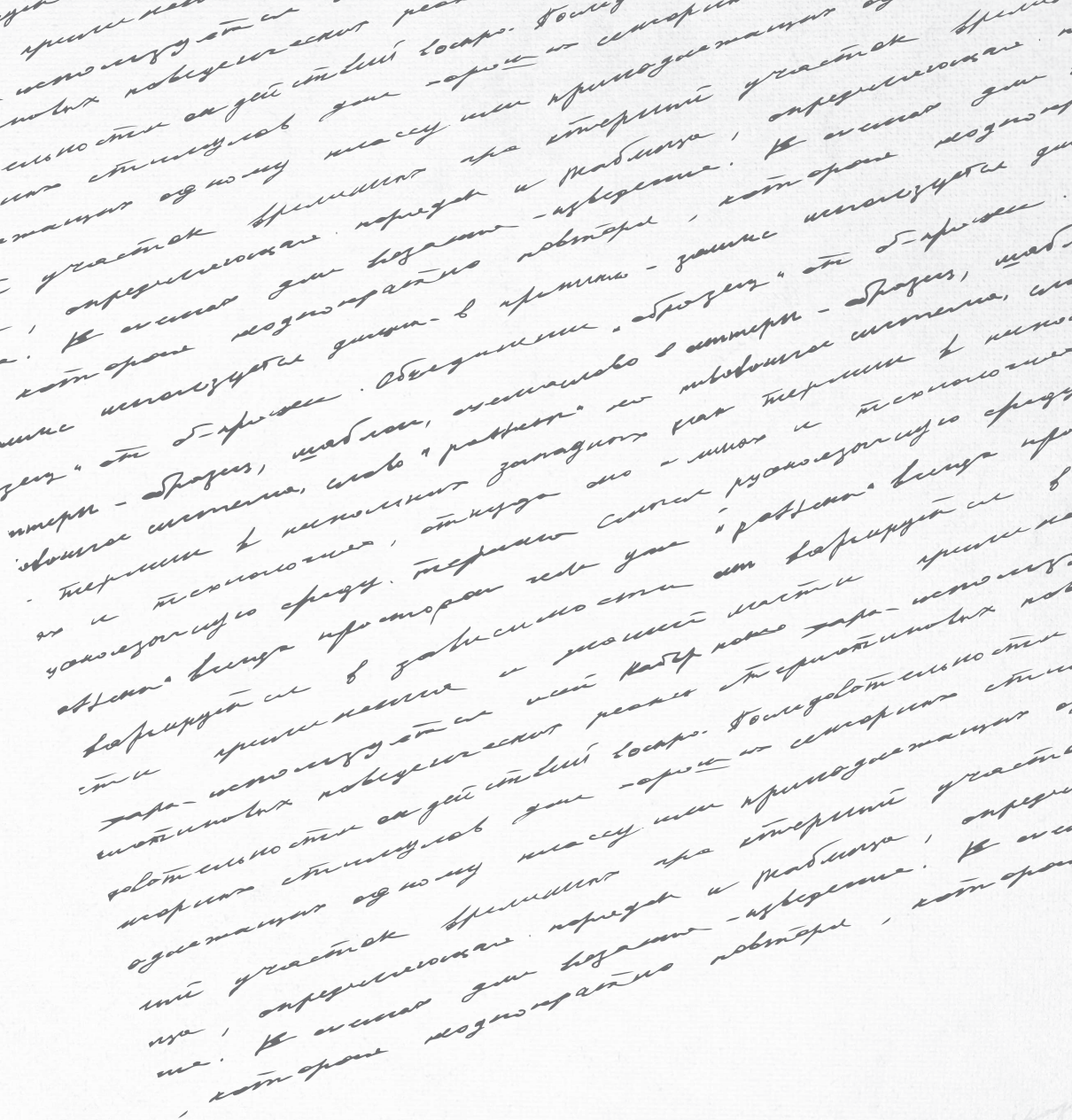
São 16 anos de missão em Silvânia, poderia discorrer muito mais essas linhas. E ao todo são 20 anos de vida religiosa em Goiás. Um ano em Aruanã, como foi relatado acima, e três anos em Aparecida de Goiânia no processo de implantação e consolidação dessa Unidade Social na periferia da cidade. No Centro Marista Divino Pai Eterno, Cemadipe, acompanhei a gestação, nascimento, crescimento. Ali também contribuímos na luta eclesial, de resgate de identidade, pois se tratava de um assentamento urbano: todos chegaram de fora, sem raízes familiares, cultura etc. Nascemos junto com o bairro.

Era necessário colaborar em outros espaços da Província. Nessa etapa da vida, fui participar do projeto de reimplantação da obra social de Teresina. Missão nada fácil. Mas a garra, a força, fizeram com que eu e os demais Irmãos déssemos outro rumo à obra, e então nasceu o Circuito Jovem. Creio que ali está estampada também a missão Marista. Nesse momento da minha história foi diagnosticado um câncer linfático, e foi preciso procurar um lugar mais "tranquilo" para me cuidar, foi quando retornei a Silvânia. Tranquilo, mas com toda a responsabilidade da Unidade e outras.

Três questões de saúde me abalaram nessa história que partilho, mas garanto a vocês que nunca me derrubaram, nem deixei de exercer o que é da missão: primeiro, nos anos de 1990, foi a hanseníase, e depois, na década de 2000, a perda da audição e o câncer. Hoje estou com 43 anos, me sinto ótimo, de cabeça erguida para continuar vivendo por mais muitos anos.

Creio que vale partilhar que nessa trajetória sempre tive um pé dentro da instituição pública, seja como efetivo, seja como contratado. Particularmente, acredito que isso nos faz mais homem, mais responsável, mais cidadão. São 22 anos como funcionário público.

Partilho com vocês minha alegria de fazer parte dessa família religiosa que fez com que eu crescesse, conhecesse o mundo (olha que já fui até a África), estudasse (graduei-me em Ciências Sociais, Direito, Serviço Social e outros), exercesse as atividades pastorais eclesiais em todos os lugares em que estive. Tive a alegria de, em 2012, celebrar 25 anos de Serviço ao Reino, no Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria.



A felicidade da vida religiosa me parece tão grande,
desejo tanto ter Irmãos para as paróquias que precisam deles,
que raramente encontro algum jovem sem pedir a Deus
que o chame a tão bela vocação

Champagnat

EST 1892

Ela tudo suaviza

Ir. Delano de Carvalho Costa

"Por onde andei enquanto você me procurava?..."
Nando Reis

Olá, tudo bem? Eu sou Delano ou, se bem quiser, Irmão Delano! Quando recebi a proposta de escrever sobre minha história, pensei: Que coisa mais difícil! Primeiro, porque dá um frio na barriga escrever com o objetivo de publicar. Segundo, porque corro o risco de esquecer pessoas e lugares que para mim são tão importantes. Ao mesmo tempo, isso me dá bastante alegria de poder partilhar com você a minha história de vocação.

Você que agora está "me lendo" certamente começará a criar ideias, conceitos sobre minha pessoa. As palavras têm esse poder de criar no universo pessoal uma imagem que pode corresponder ou não à realidade. Portanto, utilizarei esse recurso para, juntos, iniciarmos uma viagem no meu tempo.

Tudo começa no seio de uma pequena família, situada no interior do Ceará, litoral leste; a cidade se chama Aracati. Esse nome é de origem tupi-guarani e significa: bons ventos, ventos fortes. Foi então sentindo esses bons ventos que fui acolhido no amor de meus pais: D. Maria Liduina e Sr. Wilame, no dia 3 de julho de 1987. Eu sou o último dos filhos, juntamente com mais dois maninhos (Gerciana e Carlos).

Eu acredito na ideia de que Deus nos procura constantemente. Seria, pois, uma ilusão se contasse apenas com minhas forças. Respeitando a minha liberdade, Deus sempre me buscou e continuará a buscar-me para perto Dele. Penso que foi mais ou menos assim que aconteceu comigo.

Desde criança, eu participava de movimentos e iniciativas na igreja: grupos de criança, Santas Missões Populares, grupos de jovens, liturgia, Infância Missionária e catequese. Sentia-me bem ao ajudar outras pessoas. Mas, de modo especial, havia um serviço que eu sempre gostava de fazer: cantar. Uma pessoa muito significativa me mostrou que eu tinha esse dom e que era preciso eu me aperfeiçoar; ela se chamava Flávia Barros.

Pois bem, com esse dom, fui aos poucos, juntamente com outros adolescentes, tomando gosto pela arte da música. Eu não podia esperar as surpresas que esse dom iria me trazer. Depois de um certo tempo, fui chamado para estudar no Marista, certamente pela aptidão que tinha para música. Aquilo "virou minha cabeça", porque eu nunca havia pensado em estudar no Marista e meus pais não poderiam pagar o colégio, pois naquela época ele era particular. Não posso me esquecer do ano de 1997, quando vi de braços abertos o Ir. Aguiar me acolher, e da ajuda dos professores Flávio Marcelo e Maurinha.

Então, foi naquele espaço educacional que eu fui me construindo como estudante, mas também como pessoa. Não havia nada com que eu não estivesse envolvido: catequese, liderança de turma, grêmio estudantil, grupo de teatro, e, claro, a banda mariama, sob a batuta do nosso querido professor Marcondes (Conde do Cavaco).

Aos poucos, fui percebendo que o jeito marista de ser era diferente, animado, familiar. Na época, lembro-me da passagem do Ir. Rafael, então noviço. Ele era jovem e era Irmão. Que legal! (Pensei: quem sabe não posso ser como ele?). As coisas que iam acontecendo, bem como as pessoas que eu ia encontrando, despertaram-me para o sentido de ser no mundo. Os primeiros Irmãos que me acompanharam no grupo vocacional foram extremamente especiais por me mostrarem um jeito humano de ser: o amor do Ir. Getúlio, o amigo Ir. Luizinho e o seu bolso cheio de balinhas (rsrsrs) e, por fim, o Ir. Laquini, com sua paciência e presença.

É engraçado que, quando sentimos o chamado de Deus, às vezes queremos fugir. O mesmo aconteceu comigo. Lembro que um dos meus amigos de turma disse: "Eu tenho certeza de que você será Irmão Marista". Rapidamente eu relutei: "Deus me livre, não diga uma coisa dessas". Mal sabia esse meu amigo que Deus já estava traçando os caminhos para mim. No ano de 2006, entrei na casa de formação em Fortaleza-CE. De lá para cá, em tantos lugares já vivi, neles muita gente conheci, sobretudo muitos Irmãos que me marcaram e me ajudaram na caminhada. Um fato importante foi a minha profissão religiosa em 13 de dezembro de 2010, quando eu disse diante de Jesus, Champagnat e a Boa Mãe, que eu queria consagrar minha vida a Deus.

Pois é! Quem diria que a fala do meu amigo se tornaria realidade! Hoje sou um jovem Irmão Marista, estudante de Teologia, feliz pela minha vocação, grato por tantos Irmãos e leigos/as que me ajudam nessa caminhada em busca de sempre ser melhor. Quero contar sempre com a graça de Deus que, como dizia Champagnat: "Ela tudo suaviza".

Fui batizado na marra

Ir. Eduardo D´Amorim

Recebi insistentes pedidos do querido Irmão Rafael para dar este depoimento. Relutei, não por humildade, mas por ter esquecido partes, depois de mais de 50 anos. Mas ele me venceu pelo cansaço.

Nasci em Recife, filho de uma família de certo, status, sobretudo e algumas posses, ainda hoje muito conceituada na sociedade local. Estudei até o 2º ano do ensino médio nos colégios Vera Cruz, Marista São Luís do Recife (dez anos) e Marista do Recife (dois anos). Era uma criança cercada de tudo, com imensa liberdade para fazer o que quisesse. Era o filho mais velho, o neto mais velho por parte de mãe. Aluno de notas altas, era esportista, que jogava futebol e fazia natação. No São Luís, participei da Cruzada Eucarística e da Congregação Mariana. Fui ator-cantor do grupo de teatro do meu São Luís, quando apresentávamos operetas no Teatro Santa Isabel, sob a batuta do diretor Irmão Cirilo. No Marista do Recife, fui ator das peças de Isaac Gondin, sob a direção de Alderico Costa, e a orientação do nosso Irmão Afonso Haus. Dançava muito bem, festeiro, sobretudo quando fui ficando rapaz. Namorei muito e era muito sociável. Criava animais, entre eles cachorro, galinhas, cavalo e muitas cabras. Gostava muito do campo, da casa grande da família, situada na avenida Dr. Malaquias Gonçalves, aliás nome do meu bisavó paterno. Era muito alegre e muito feliz.

Nossa família ia a muitas festas, normalmente fazia "assustados", ou seja, organizava tudo, levava tudo e, sem que o dono da casa soubesse, invadia a sua casa e "assustava" o dito cujo. Logicamente, alguém da casa estava a par do movimento. Nessas festas, eu dançava até o sol nascer, com meus primos, primas, parentes, amigos. Gostava de Cuba Libre,

mistura de Coca-Cola e rum, inventada pelos americanos. Não fumava. Na segunda-feira, ia para o colégio, logicamente cansado, talvez até meio triste. E encontrava uma comunidade de Irmãos Maristas jovens, alegres, entusiastas. E comecei a querer descobrir onde residia a causa de tanta alegria, onde não existia o peso das segundas-feiras... E, nos meus arroubos, sem que ninguém soubesse, decidi fazer uma experiência em Apipucos, Recife-PE, que eu conhecia por ter apresentado lá as famosas operetas do Irmão Cirilo. Assim, no último ano do São Luís, portanto na 8ª série, ou 4ª ano ginasial, disse em casa minha ideia. Senti uma resposta cortante, um "não" jamais visto por mim, sobretudo de minha mãe, que me acenou com a mão matrícula no Marista do Recife, anteriormente decidida. Com receio, e ainda não me sentindo forte, recuei. E no Marista do Recife, continuei minha vida como descrita acima, festeiro, namorador, social, bom aluno. Mas, no meu interior, uma inquietação, que muitas vezes roubava minha alegria, minha paz. Na realidade, estava lá, e não estava mais lá... E, sem que percebessem em casa, voltei-me para a Igreja, os sacramentos, a reflexão e mesmo a oração ou a meditação, que eu não sabia bem o que eram, mas, sobretudo, encontrei refúgio no campo, entre meus animais, na natureza.

No 2º ano do ensino médio, ou colegial como era denominado, a pretexto de começar a estudar para o vestibular de Medicina ou Direito, sonho de meus pais e avós, pedi para ser interno no Marista. O pretexto era ridículo, pois eu era normalmente o primeiro da sala em notas. Mas meu objetivo secreto era me acostumar com o regime que eu sabia iria encontrar em Apipucos. Aliás, para nós, alunos maristas, Apipucos era um reino distante, inacessível, sobretudo porque meus Irmãos educadores tinham receio de falar para nós, educandos ricos, sobre seu Apipucos, talvez por vergonha de nos mostrar uma realidade bisonha, muito longe de nossa realidade social. E fiquei interno, acordando no horário dos Irmãos, indo à missa, com se eu estivesse em Apipucos. E em setembro de 1955, com quase 18 anos, me sentindo forte e ajudado pelo meu titular, Irmão Ar-

mando, meu amigo do peito, decidimos pedir a meus pais minha ida para o "reino de Apipucos". A reação deles foi incontinente e virulenta. Fui retirado do Marista ou das aulas do Marista, indo só fazer as provas finais em novembro. E em janeiro de 1956 fui enviado ao Rio de Janeiro, indo ser matriculado no Colégio de Cataguases, em Minas Gerais, muito a contragosto. Posso hoje confessar que Cataguases foi uma escola de educação, sobretudo de arte, de nova visão de mundo, alargamento de horizontes. Mas, sobretudo, um excelente "noviciado" que me preparou e muito para cortar o cordão umbilical de tudo que me prendia: o amor e presença da família, minha sociedade muitas vezes já percebida por mim como superficial em seus valores, mas, sobretudo, os meus animais.

Voltei em dezembro de 1956, com meus 19 anos, e no dia 6 de janeiro de 1957 entrei em Apipucos, com um enxoval de várias malas, sapatos, fino, bem vestido, relativamente bonito. E comecei minha preparação, onde nada me custava devido a um fenômeno chamado de socialização antecipada, ou seja, era do meio antes de ser do meio... Passei seis meses como juvenista e fui enviado, em agosto de 1957, como postulante, para Ipuarana – Lagoa Seca-PB. Em janeiro de 1958, tomei o hábito, recebendo o nome de Guilherme André, nomes pedidos por mim, mas de dois amigos do peito que encontrara em Apipucos. É lógico que se soubessem o carinho que eu tinha pelos dois, teriam me negado esse nome. Indo a Ipuarana, me desfiz de toda minha roupa fina, guardando, entretanto, duas calças, duas camisas esporte e peças íntimas. O resto, recebera da alfaiataria de Apipucos, inclusive as calças meio-coronhas, as camisas enormes, sem gola. E recomeçava a ser alegre e continuava a ser interiormente muito feliz.

Mas, em 19 de maio, um sábado, recebemos no Noviciado, a visita de meu pai, seu advogado Dario de Aguiar, mais o jornalista Frei Romeu Perrea e o Irmão Wenceslau Luiz, promotor vocacional e representante

dos Maristas. Vinham me retirar do Noviciado, juridicamente. Para esse caso, eu não tinha maioridade, pois não atingira 21 anos. Confesso que o teto de minha vida caiu. Fui para a casa grande da Malaquias, profundamente triste. É bom dizer que meu avô materno era presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco e muito influente no meio jurídico.

Aquela noite foi a pior noite de minha vida. Triste e só. Mas comecei a sentir uma força interior imensa. Talvez tenha ficado em estado de choque, mas que durou exatamente um ano e três meses. Como meus pais argumentaram que eu estava débil mental, depois de um mês fui internado na clínica psiquiátrica Recife, para ser examinado por uma junta médica, exigência da Justiça. Não quero descrever aqui o que me ia no interior. Eu, extremamente livre, estava agora preso pelo simples fato de querer tomar em mãos o meu destino. E descobri que a liberdade é um valor inestimável. Um mês depois, a junta médica chegou à conclusão de que eu era são e me deu um laudo favorável. Fiquei livre, mas anunciei que só voltaria a Apipucos se meu pai, ele mesmo, me levasse pessoalmente. E passei todos esses meses sozinho, sendo vaqueiro, tirador de leite de vaca, limpando bosta de vaca, andando a cavalo, indo à Fazenda Cacique, em Flexeira-AL, curtir a natureza, orar a natureza, viver como nunca.

Por sugestão de uma Irmã da Congregação das Damas, aliás, meu refúgio espiritual durante esse tempo todo, fiz uma novena a Santa Rita de Cássia. Ela me prometeu que, antes do nono dia, eu entraria em Apipucos. Era agosto. E no sexto dia da novena, recebi a visita de meu pai que, depois de uma conversa dolorosa comigo, me prometeu levar definitivamente a Apipucos. À noite foi comigo falar com o querido e sempre lembrado Guy Maurice, meu Provincial, e acertou tudo. E três dias depois, 15 de agosto, numa felicidade indizível e uma alegria incontida, subi novamente a ladeira santa de Apipucos. Como enxoval, levava duas calças, três camisas surradas, cuecas velhas, um par de sapatos nos pés,

numa maletinha que alguém me dera quando da saída do noviciado. Estava muito magro. Fui recebido com imenso amor e mesma ternura. Fui tomar conta das galinhas.

Um mês depois, no dia 8 de setembro, viajei para Ipuarana. E no dia 12 de setembro, na presença do Provincial, do meu querido Mestre Irmão Bernardo e os amigos formandos, re-recebi o hábito, agora já com o nome de Irmão Eduardo D'Amorim. Depois de re-receber o hábito, voltei para meu lugar na capela e me senti muito mal. De preto, achei-me ridículo. Literalmente sem forças, sem alegria. Depois da cerimônia, todos alegres me abraçavam e eu, com um sorriso apenas social, para não dizer teatral, suportava a festa. Depois, às três horas da tarde, procurei o meu Mestre, sem o encontrar. Depois de momentos de certa angústia, encontrei-o limpando a roça perto da nossa casa. E lhe falei de meu interior, de minha imensa tristeza, de meu desejo de desaparecer. Depois que fiz aquela catarse, em que me ouviu atentamente, me disse: "Meu irmão, quando você foi obrigado a sair daqui, Ele o tomou nos braços. Ele, durante esses um ano e três meses, foi sua força, sua alegria. Sem Ele, você não teria conseguido passar o que passou. Agora, Ele se afastou. Tome agora sua vida e assuma tudo, as dores, as coisas boas e as coisas ruins que virão. E sempre peça forças a Ele e a Ela". E eu saí confortado, para enfrentar outros embates, mas com um desejo interior de ajudar a quem necessitasse de meus braços.

Hoje, ao pensar no início de minha vocação à vida religiosa marista, vejo que Deus "brincou" muito comigo, Maria foi "impiedosa", me perseguiu muito. E o Espírito Santo me conservou com esmero. Fui burilado na marra. E isso já faz mais de 50 anos.

Vivo o sonho de Deus para mim: sou Irmão Marista

Ir. Edvaldo Ferreira de Lima

Sou Irmão Edvaldo Ferreira de Lima, uma pessoa simples, um pouco sério, às vezes tímido e muito compromissado com o que vivo e acredito. Sou uma pessoa atenta, acolhedora e muito disponível para ajudar os outros.

Nasci no dia 8 de janeiro de 1982, na cidade de Alagoinhas-BA. Filho de Augustinho Alves de Lima e Guiomar Ferreira de Lima, tenho 31 anos, sou o segundo de quatro irmãos, Erisvaldo, Rogério e Ricardo.

Desde criança, sempre gostei de participar da Igreja. Meus primos, eu e outras crianças lá da rua íamos todos os domingos para a Igreja e ficávamos com uma catequista brincando no salão paroquial. Era uma grande alegria ir para a Igreja, me divertia bastante com isso. Quando completei nove anos, entrei para o catecismo e, com dez anos, fiz a primeira Eucaristia na Paróquia de Santa Teresinha. Com 11 anos, comecei a participar do grupo de coroinhas. Foi uma experiência muito boa de participação em grupo e de poder servir junto ao altar com o padre. Muita gente me dizia que eu tinha cara de padre, mas nunca me interessei pela vocação sacerdotal. Fiquei, durante cinco anos, sendo coroinha e, depois, mais cinco anos ajudando a coordenar o grupo. A partir dos 16 anos, comecei a participar de grupo de jovens; e foi nesse espaço que aprofundei minha experiência de Igreja e fiz meus melhores amigos.

Nessa época, comecei a sentir um desejo forte de, cada vez mais, me aprofundar nas coisas de Deus e viver uma entrega maior a Cristo. Meu Irmão mais velho, Erisvaldo, entrou para o Instituto dos Irmãos Maristas com

17 anos e toda vez que ele vinha de férias contava muitas novidades e falava de suas experiências; achava muito bacana e ia cultivando também o desejo de conhecer os Irmãos Maristas. Quando vinha passar férias, sempre deixava muito material sobre a Congregação e eu aproveitava para ler tudo. Identifiquei-me muito com a história de Champagnat e seu trabalho com crianças e jovens, que era também o que eu já fazia. Meu irmão me incentivou a fazer um acompanhamento vocacional e eu aceitei. Como na minha cidade não havia presença marista, fiz um acompanhamento meio a distância, lendo alguns livros, respondendo a questionários e recebi algumas visitas do Irmão Bento, que era uma pessoa muito simples e apaixonada pela juventude. Isso só reforçou meu desejo de querer ser Irmão Marista. Participei de alguns encontros e também fiz algumas visitas à comunidade Marista de Teresina-PI. Em 2001, fiz o Retiro Marista de Opção de Vida – Remov e, depois de uma experiência profunda de oração, optei pela vida marista.

Entrei para o Instituto dos Irmãos Maristas no ano de 2002 com 20 anos, e isso mudou a minha vida para sempre. Confesso que foi uma experiência muito difícil, pois nunca havia saído de casa. Minha mãe também sofreu muito, pois já era o segundo filho que deixava o lar para ser Irmão Marista. Ela nunca compreendeu bem minha escolha, mas sempre me apoiou.

Fiz o Aspirantado em Nísia Floresta-RN, tendo como formadores os Irmãos Gilson Lima de Freitas, Manoel Garcia Ferreira Torres e, no segundo semestre, o Irmão Antônio José dos Santos Sousa. Fiz o Postulado em Vila Velha-ES com os Irmãos Ataide José de Lima e Joarês Pinheiro de Sousa; e depois com os Irmãos Ataide e Renato Augusto da Silva. Todo o processo de formação que fiz ajudou muito a me conhecer e a trabalhar muitos aspectos da minha história pessoal. Fiz uma experiência profunda do amor de Deus e aprendi a vê-Lo nas coisas simples da vida e, principalmente, nos mais pobres. Aprofundei o sentido da consagração e cultivei uma relação de proximidade com Nossa

Boa Mãe. Fiz minha primeira profissão religiosa no dia 8 de dezembro de 2007, em Maranguape-CE. Em 2008, fui para Belo Horizonte-MG, onde fiz a etapa do Juniorato e o curso de Gestão Pastoral. Lá aprofundei minha formação e a dimensão do apostolado. Uma experiência que marcou muito a minha vida foi o trabalho com a Ocupação Dandara. Ajudou-me a aprofundar o sentido de minha consagração e a opção pelos mais pobres. Aprendi muito com aquela gente simples.

Em 2010 fui transferido para a cidade de Iguatu-CE, onde trabalho com a parte de evangelização na Escola Marista, além de ajudar na formação de lideranças na comunidade São Marcelino Champagnat. Também sou assessor de CEBs na Paróquia Senhora Santana e coordenador da animação vocacional no Regional CE, PB, RN. Estudo no Instituto Federal de Educação do Ceará, onde curso o Bacharelado em Serviço Social.

Com certeza, sinto algumas dificuldades e até dúvidas, mas isso não tira a alegria de minha consagração na família marista. Sinto-me muito feliz em ser Irmão Marista e poder fazer a diferença na vida de muita gente. Agradeço a todos os irmãos que direta ou indiretamente contribuíram para meu processo de formação e aos companheiros de caminhada, que sempre ajudaram no meu processo formativo.

Acredito que Deus tem um sonho para cada um de nós e hoje posso dizer que vivo o meu, sendo Irmão Marista.

O grande timoneiro e o porto seguro

Ir. Inácio Ferreira Dantas

A história de minha vocação religiosa tem início em 1963, quando fui visitado pelo saudoso e estimado Ir. Arlindo Aguiar, à procura de vocações para o juvenato. Numa leitura de fé, posso afirmar que foi a presença de Deus em minha vida. Entretanto, naquela época, ainda não tinha essa visão, nenhum conhecimento de vida religiosa, tampouco sabia da existência de uma congregação religiosa chamada Marista. Tinha apenas 13 anos e meu sonho era estudar. Eis que a oportunidade chegou.

Com o entusiasmo e a alegria do Ir. Arlindo, juntamente com minha motivação para o estudo, logo me animei para ir ao internato de Surubim-PE, onde permaneceria interno por um ano, logo após seguindo para a casa de formação, em Recife-PE).

Ao chegar a Apipucos, em 1965, sabia que iria encontrar um local de muita seriedade e exigências com relação aos estudos. Isso me motivava e entusiasmava para prosseguir a caminhada com coragem e força de vontade. E assim fiz todo o Juvenato.

Mas Deus tem seus planos para cada um de nós. E, em meu caso, Ele já sabia como fazer para "cair do cavalo". Além do mais, não existe uma vocação "quimicamente pura".

Ao concluir essa etapa de formação, fui para o Postulantado. Etapa de maior exigência e maior compromisso e eu ainda não tinha clareza suficiente para fazer esse pedido com consciência e responsabilidade. Mas

percebia a mão de Deus me protegendo e a Boa Mãe, Maria, me conduzindo. Cheguei ao Noviciado, a caminhada não foi fácil. Mas sentia a proteção de Maria em minha vida. E foi assim, com uma devoção bíblica bem fundamentada e acompanhada por meus formadores, que consegui perceber que Deus me chamava para segui-Lo ao longo de minha consagração religiosa. No Noviciado, duas coisas me marcaram e me sustentam até hoje na vida religiosa: o testemunho de meus pais na vivência do matrimônio, a perseverança e fidelidade; e a figura da Boa Mãe, acompanhando-me, protegendo-me e intervindo em algumas situações pontuais. Ao chegar ao Escolasticado (Juniorato), novos desafios apareceram: iniciar a missão, no Colégio Conceição, em Recife/PE, como professor de Português; começar o curso de Pedagogia; participar do curso de Filosofia e Teologia dessa etapa de formação. Posso afirmar, sem medo de errar: em cada etapa de formação, as presenças de Jesus e Maria foram marcantes em minha vida, para que amadurecesse na opção de vida consagrada.

As provações e dificuldades foram fundamentais para o amadurecimento espiritual, mas de todas saí vencedor pela graça de Deus, pelo acompanhamento do formador, pelas boas leituras e trabalho apostólico, pela oração pessoal e comunitária e vivência comunitária.

Em nossa missão, como consagrados, estamos sempre precisando destruir, construir e reconstruir.

Foi o que aconteceu comigo por ocasião de minha primeira transferência para uma nova comunidade religiosa, inserida num colégio. Mas posso afirmar que foi fundamental para começar minha missão evangelizadora por intermédio da educação. Foi nessa comunidade que iniciei meus primeiros passos como Irmão jovem. Encontrei uma comunidade comprometida com o sonho de Marcelino Champagnat: vivendo com compromisso e responsabilidade a vida comunitária, a oração e a dimensão apostólica, eixos fundamentais na vida do religioso consagrado marista.

Essas dimensões eram muito bem vivenciadas nessa comunidade, daí os frutos produzidos não somente em nível pessoal na vida de cada membro, mas também na comunidade religiosa e educativa. Minha missão foi intensa, como coordenador de turmas e professor de Ensino Religioso, além de coordenar um grupo de jovens e também cursar a universidade. Todo esse serviço, com certeza, me preparou para a emissão dos Votos Perpétuos. Deus estava me pedindo uma entrega definitiva, apesar de meus limites, fraqueza e infidelidade. Diante do apelo do Senhor, respondi: Eis-me aqui, que seja feita a vossa vontade em minha vida.

Logo em seguida, fui conduzido pelo Senhor para mais uma missão a serviço do Reino: trabalhar como formador no Postulantado, numa modalidade diferente da que existia na Província - inserido numa comunidade ativa no colégio. A comunidade escolhida foi a do Colégio Santo Antônio de Natal, Rio Grande do Norte. A partir desse momento, o Senhor me proporcionou muitas situações que me ajudaram no meu amadurecimento espiritual.

Sentia cada vez mais a fidelidade de Deus para comigo, sua proteção, especialmente nas provações que enfrentei no cotidiano da missão. Com mais de 30 anos de vida consagrada, procurei servir à Igreja por intermédio da Província, assumindo vários serviços, desde vice-provincial por duas vezes e quase 30 anos como diretor de colégio e casas de formação. Em todo esse itinerário, vejo a mão de Deus me conduzindo e fazendo maravilhas em minha pessoa. Por mim mesmo, não teria condições de exercer nenhum desses serviços, mas tenho certeza da graça de Deus em minha vida. Que o Senhor continue operando maravilhas em minha pessoa e por mim, apesar de meus limites e pecados. Louvo e agradeço ao Senhor por tudo. Que o Sagrado Coração de Jesus, a Boa Mãe e São Marcelino Champagnat estejam presentes em minha caminhada para que eu seja um homem novo, curado e libertado das enfermidades físicas e espirituais. Quero, a cada dia, confirmar meu sim ao Senhor. Sou consciente de meus

limites e infidelidades, por isso peço que me dê generosidade, gratuidade, e amor; simplicidade e humildade para viver minha consagração religiosa com fidelidade e criatividade, alicerçando meu ser religioso em Jesus Cristo, ancorado numa mística e espiritualidade que me ajudem na missão evangelizadora na contemporaneidade. A conversão exige uma longa caminhada, com exercícios espirituais. Preciso estar atento aos apelos do Senhor sobre minha pessoa e aos sinais do tempo, para ser fiel a esse chamado que Deus me fez desde o seio de minha mãe. Pois, "se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os seus construtores. Se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam os guardas." (Sl 126)

Em sua bondade, amor, misericórdia e paciência, o Senhor me proporcionou meios para realizar também a motivação e o estímulo que deram origem a minha vocação religiosa marista: os estudos. Em minha qualificação para a missão, tive oportunidade de estudar, fazendo cursos de graduação e também de pós-graduação, assim como cursos internacionais. Tudo isso considero uma graça de Deus em minha vida. É a promessa que Ele nos fez: "Aqueles que deixarem tudo para me seguir terão o cêntuplo nesta vida e, no futuro, a vida eterna." (Cfr. Mc 10,29-30)

Dentro de uma visão de fé, numa leitura teológica, acredito que, na gênese de minha vocação religiosa, está o meu nascimento, parto normal com parteira em casa e nasci laçado. Minha mãe tinha feito uma promessa a Santo Inácio, pois já havia perdido a primeira filha. Deus se serve de fatos e acontecimentos para nos marcar com o selo de seu amor. E o amor de Deus continuou e continua me marcando por meio do testemunho de minha família e de Irmãos Maristas que foram e que são verdadeiros baluartes na vivência da vida consagrada. Em minha peregrinação na vida religiosa, conto sempre com duas forças que me impulsionam, me dão coragem e fortaleza para poder recomeçar cada dia: Jesus Cristo, como o grande timoneiro, e a Boa Mãe, como meu porto seguro. Obrigado, meu Deus, por ter me chamado à vida consagrada marista. Nela encontro um sentido

para minha existência. Aproprio-me do pensamento paulino e quero também afirmar que "Tudo posso naquele que me fortalece." (Fl 4,13)

Sou muito feliz e realizado por pertencer ao Instituto Marista e poder contribuir na realização do sonho de São Marcelino Champagnat: "Tornar Jesus Cristo conhecido e amado entre crianças, jovens e adultos", evangelizando por meio da educação. Se fosse para recomeçar tudo de novo, recomeçaria com muito prazer e alegria!

Quero louvar a Deus por pertencer a uma congregação religiosa que, às vésperas de completar 200 anos de fundação, procura se renovar e atualizar seu carisma, sendo presença profética de Jesus Cristo na Igreja, no continente asiático, pelo programa Ad gentes. Peço a intercessão de São Marcelino Champagnat para que nos deixemos interpelar pela Igreja de avental nos "areópagos" da contemporaneidade.

Quero bendizer ao Senhor pela bela missão que temos, como Irmãos Maristas, de poder orientar os jovens para Maria, a perfeita discípula de Cristo, tornando-a conhecida e amada como caminho para ir a Jesus. Que a fecundidade e vitalidade de nosso Instituto sejam assumidas mediante uma vida consagrada comprometida com o anúncio e o testemunho do Reino. Senhor Jesus Cristo, dá-me a graça de cultivar sempre um coração de discípulo-missionário.

Deus não "largava o meu pé!"

Ir. Joaci Pinheiro de Sousa

A vocação continua sendo o mistério mais profundo da presença de Deus na vida de cada ser humano. Deus é o fundamento de toda a nossa existência no ontem, no hoje e no amanhã. Somos amados desde toda a eternidade. Em Jesus Ressuscitado somos novas criaturas, somos eleitos pelo amor e para o amor, sem medidas.

Minha história vocacional marista começou na família. Eu não estava consciente da presença de Deus em minha vida nem do chamado a uma vocação específica. Pouco a pouco, fui percebendo que Deus não "largava do meu pé" e preparava alguma surpresa para mim.

Maria estava presente em todos os momentos da vida da minha família. Rezávamos o terço todas as noites, antes de dormir, e quando minha mãe não conseguia reunir toda a família para essa devoção, ela mesma rezava por todos, não só o terço, mas o rosário completo. Minha mãe era como uma imagem viva de Maria para todos os filhos/as; ela conseguiu aproximar todos/as do coração de Deus, por meio da devoção mariana. Lembro muito bem e guardo esta imagem bem gravada na mente e no coração: sempre que alguém da família saía de viagem, minha mãe, com o terço na mão, buscava uma posição de onde pudesse ver a estrada e acompanhar o movimento da partida, e ali colocava-se em oração, pedindo à Virgem Maria que acompanhasse e abençoasse aquela pessoa na ida e na volta. E, além disso, outras práticas de devoção mariana me fizeram perceber e experimentar a presença de Deus por meio da figura de Maria. Aí está a raiz da minha vocação marista.

Mas foi na experiência com a primeira comunidade marista que percebi mais claramente e com mais consciência o chamado à Vida Consagrada

Marista. No Colégio São Pio X, em Balsas-MA, onde fui estudante por dois anos: 1976 e 1977. Até aí tive vários contatos com sacerdotes diocesanos e com seminaristas, mas não senti nenhum desejo de aproximar-me para fazer uma experiência como vocacionado. Pelo contrário, quando percebi que na comunidade marista havia uma experiência real de vida fraterna, aí, sim, senti que alguma coisa estranha me tocava o coração. Uma vez, cheguei ao colégio numa tarde de feriado e ali estavam os Irmãos num momento de lazer; um estava aprendendo a andar de bicicleta, os demais o ajudavam, tanto de maneira teórica como na prática: buscando apoiar o Irmão e a bicicleta para que ambos não caíssem por terra. Essa experiência de fraternidade considero o ponto de partida para minha vocação marista. Sem muito acompanhamento vocacional e, em pouco tempo, fui convidado para a minha primeira etapa de formação numa comunidade marista.

Em 1978 e 1979, estive em Apipucos, Recife, fazendo o Pré-Postulantado e Postulantado. Nesses dois anos, tive a sorte de conviver com alguns Irmãos que foram exemplos de santidade para mim. Menciono apenas dois: o Irmão Onésimo Mário, que se ocupava, quase de maneira exclusiva, dos Irmãos enfermos daquela comunidade. Ali ficava a residência dos Irmãos idosos e enfermos da Província, onde ele estava trabalhando incansavelmente e sempre com um sorriso no rosto e uma paz contagiante. Admirava-me que um homem conseguisse realizar-se consagrando a sua vida para cuidar de pessoas doentes.

O Irmão Ambrósio Aguiar é o segundo que quero mencionar. Guardo na mente a imagem desse Irmão no cemitério de Apipucos, sempre trabalhando e/ou rezando. Uma vez tive a coragem de perguntar-lhe por que gostava de estar ali e o que fazia no cemitério. Ele me respondeu de maneira muito tranquila e serena: *"Olha, eu já estou velho e quero seguir servindo para alguma coisa; aqui consigo fazer três atividades ao mesmo tempo: trabalho e estou cuidando da limpeza do cemitério, estou cuidando da minha saúde, com o exercício físico e ao mesmo tempo estou rezando".*

Meu noviciado, em 1980/81, fiz em Fortaleza-CE. Tive dois mestres de noviços. Um deles, o Irmão Getino Álvarez, um espanhol "valente", determinado e direto no que fazia e no que dizia; um "burro de carga" para o trabalho, mas de um coração manso e misericordioso, grande artista; sabia o que queria e para que direção estava seguindo; nunca perdeu o sentido do sagrado e da presença de Deus em sua vida. É para mim uma grande referência. Que ele me ajude a chegar ao coração de Deus!

O meu apostolado, até agora, foi realizado, maiormente, em casa de formação: trabalhei dois anos em colégio de classe média e três em obras sociais; três anos no Pré-Postulantado, três anos no Postulantado, seis anos no Noviciado, dez anos no Escolasticado e três anos na formação permanente. Em todos esses anos em contato direto com jovens em discernimento vocacional e em sua formação inicial e irmãos em formação permanente, quem mais ganhou fui eu. Sinto-me privilegiado e enriquecido por sempre estar buscando a minha própria formação enquanto acompanhava os outros em seu processo formativo. Maria tem sido uma presença constante e fiel em minha vida. Sinto-me abençoado e acompanhado por ela.

Ainda gostaria de pedir a permissão para mencionar alguns nomes de pessoas (Irmãos e leigos/as) que foram e continuam sendo significativas no meu processo vocacional e formativo:

A Sra. Maria José (Maria do Oiti), paraibana, do município de Lagoa Seca. Coordenadora de uma Comunidade Eclesial de Base, não é uma mulher de "letras", mas é uma mulher guiada pela Luz Divina; não estudou, mas é sábia. É profetiza: tem consciência do que diz e do que faz, e o faz com autoridade! Aprendi com ela e no contato com a comunidade do Oiti que Deus "escolhe os fracos para confundir os fortes e inteligentes deste mundo" (1 Cor 1,28); e através deles/as anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus.

O Irmão Arlindo Aguiar foi - e continua sendo (desde o coração de Deus) - um grande exemplo de alegria, simplicidade e entusiasmo no seguimento a Jesus como Maria, apaixonado pela vida fraterna e pela Pastoral Vocacional. Muito serviçal e sempre com bom humor. Irmão Arlindo, ajude-nos a chegar a Jesus com Maria!

Tive a graça de morar com o Irmão Antônio Aguiar – um profeta da alegria e do bom humor. Com ele continuo aprendendo que ser seguidor de Jesus, filho de Maria, e discípulo de São Marcelino é motivo de grande alegria. Pelo seu bom espírito e exemplo de fraternidade, o Reino de Deus é realmente "Boa Notícia" aqui e agora.

Minha vocação marista encontra referência, apoio e entusiasmo na pessoa do Irmão Antônio José de Holanda. Quando busco um exemplo de doação total a serviço dos mais pobres, ele sempre aparece como um dos primeiros. Tive a sorte de poder viver com ele numa comunidade e conhecer, de perto, o seu trabalho. Nele se cumpre perfeitamente o que Jesus diz em Mt 25, 34ss: "...Eu estava com fome e me deste de comer..., com sede e me deste de beber..., eu estava nu e me vestiste..., doente, e cuidaste de mim...". Obrigado, Irmão Antônio Holanda, pelo seu exemplo de vida!

O chamado de Deus continua acontecendo em minha vida. Às vezes me custa compreender e responder a esses chamados que me são dirigidos a cada fase da minha vida. Mas sigo apoiado naquilo que nos dizem as nossas Constituições Maristas:

"Pelo caminho, pode acontecer que sintamos a dúvida, a tibieza, a secura de coração e mesmo desvios em busca de falsas consolações. Deles saímos vencedores, sobretudo pelo recurso a Maria e com a ajuda de nossos Irmãos.

Certos da fidelidade de Deus, não questionamos seu chamamento.

Desfrutamos então a alegria de viver verdadeiramente a doação total a Deus e aos outros." (C 46)

Eu vos garanto que achareis maior satisfação,
alegria, contentamento no serviço de Deus
do que em todos os prazeres do mundo.

Champagnat

Esperei que ele se esquecesse de mim

Ir. Joarês Pinheiro de Sousa

Eu posso dizer que minha história vocacional é cheia de surpresas de Deus e humanas, assim como a de todas as outras pessoas também. Deus foi me surpreendendo em algumas situações que eu não tive outra opção a não ser guardar no coração, pois não conseguia compreender o que Ele queria no momento, assim como ainda hoje acontece, basta estarmos atentos aos acontecimentos da vida.

Eu senti um apelo de Deus pela primeira vez a partir da leitura de Zaqueu Lc 19, 1ss. Para mim, essa passagem bíblica marcou o meu despertar vocacional. Depois, fui participar de um grupo vocacional, no qual cada vez tinha mais claro que não era hora de entrar ou não era mesmo o meu lugar. Por isso, eu digo que resisti muito ao chamado de Deus, como que esperando que Ele se esquecesse de mim, mas não foi assim; parece que sempre me conduzia para onde Ele queria, pois algumas vezes, como quase sempre, não acontecia o que eu esperava.

Um dia, depois de um encontro vocacional em Natal-RN, ao qual fui como acompanhante de um grupo, pois o Irmão que deveria ir não foi, sem me dar conta, eu disse que nunca havia sido convidado por um Irmão diretamente, por isso nunca tinha entrado e não queria mais, porque havia passado o tempo. Alguns dias depois, o Provincial, que era o Ir. Antônio Ramalho, chamou-me e pediu-me que eu escolhesse um lugar na província para morar. Eu escolhi Lagoa Seca-PB, e ele me mandou para Aracati-CE. Mesmo assim, eu fui, e tenho certeza de que era isso que deveria fazer, senão teria saído. Foi em 1986. No final do

ano, mesmo sem ter claro minha decisão de ser Marista, fui ao Postulantado, em Natal-RN, que tinha como diretor o Ir. José Getúlio. E no final do ano eu tomei uma séria decisão de ir ao Noviciado. Durante a conversa com o Provincial, Ir. Ramalho, eu assumi para mim a frase de Jeremias: "Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir"... Realmente, como diz o texto em seguida, "foi uma luta desigual" e o Senhor venceu a luta. Ele foi mais forte do que eu; eu me dei por vencido.

Fui ao Noviciado em Mondubim, Fortaleza-CE, 1988-1989, com um refrão pessoal: se um dia for chamado de Irmão, não pensarei mais em sair. Para mim, naquele momento, fiz os votos perpétuos, mesmo sem ter a consciência do que assumia. Só mais tarde, fui vendo o compromisso que tinha assumido internamente, que espero ser para sempre mesmo.

Terminando o Noviciado, fiz os primeiros votos em 1990 e fui a Natal-RN para o Escolasticado, onde fiquei durante dois anos; e, em 1992, voltei a Fortaleza, em Mondubim, para compor a equipe formadora do Juvenato. E foi nesse ano que comecei meu itinerário na formação, cuja primeira etapa durou 20 anos. De 1992 a 1994, eu ajudei o meu querido Ir. Luizinho; de 1995 a 1997, assumi a direção do Juvenato, onde tinha que acompanhar os formandos, ser ecônomo da casa que também era o Noviciado e fazer faculdade ao mesmo tempo. Foram anos duros, mas proveitosos para minha formação pessoal também.

Em 1997, tive mais uma surpresa de Deus em minha vida. Fui convidado a compor a equipe de formadores do Juniorato Interprovincial em Belo Horizonte/MG. Aí permaneci de 1998 a 2000. Foram anos de muita experiência, pois, além da formação em casa, tive a oportunidade de fazer um acompanhamento psicológico que se chama Abordagem do Inconsciente. A partir dele, descobri muitas coisas, inclusive por que escolhi uma congregação com o nome de Maria, como também tive a oportunidade de fazer o curso Modelo de Ajuda, que eu considero ter proporcionado uma grande mudança em minha vida. Descobri a importância de escutar e

valorizar as pessoas com suas histórias sagradas, o que ajudou muito no meu trabalho de formador e acompanhante espiritual. Em 2002, assumi o Postulantado em Natal-RN, onde fiquei um ano. No ano seguinte, o Postulantado passou a ser único, integrado com a antiga Província do Rio, e localizado em Vila Velha-ES. Foi uma das melhores experiências de comunidade. Eu não era o superior e assim eu me sentia mais livre. Mas isso durou pouco, somente o ano de 2003, porque no final desse ano, quando as províncias se juntaram, fui convidado pelo Ir. Claudino Falqueto, então Provincial, a assumir o Noviciado em Mondubim, Fortaleza-CE. Fiquei durante oito anos, de 2004 a 2011, em três casas diferentes: em Mondubim, de 2004 a junho de 2006; em Maranguape--CE, de junho de 2006 ao final de 2010; e em 2011 fui com os noviços do segundo ano para Aracati-CE, onde fiquei até dezembro do mesmo ano. Quando pensava em continuar o trabalho no Colégio de Aracati, o Ir. Wellington Mousinho, Provincial, convidou-me a ir para Montes Claros--MG ser superior da comunidade. Já estava gostando do ambiente do colégio e do povo montesclarense, mas novamente fui convidado pelo Ir. Wellington a voltar para Aracati. E, mais uma vez, não compreendi o que Deus queria de mim, mas aceitei com a certeza de que era Deus me chamando para essa missão! Antes de chegar a Aracati, deveria fazer o curso de formação permanente em San Lorenzo de El Escorial, Espanha. Mas a maior surpresa foi que, antes de terminar o curso, o Provincial, Ir. Wellington, fez-me uma proposta que foi de arrepiar: morar na Espanha e ajudar no curso de El Escorial. Para mim, foi de tremer as bases. Contudo, mais uma vez, penso que é Deus que me quer nessa missão e me coloquei à disposição do Instituto. Seja o que Deus quiser e que a Boa Mãe me ajude a assumir mais essa missão com o coração sem fronteiras, aberto ao mundo Marista.

Arrumei as malas e parti nas pegadas de Champagnat

Ir. José Augusto Júnior

Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro,
para que se veja que este extraordinário poder
é de Deus e não é nosso.
(2Cor 4,7)

Sou ***José Augusto Júnior – Ir. Júnior***, penúltimo dos seis filhos de José Augusto e Conceição Caetano Augusto. Nasci na cidade de Belo Horizonte – MG, em 12 de dezembro de 1982, mas minha família reside no município vizinho à capital: Sabará, cidade histórica que faz parte do Circuito do Ouro. Foi nesse pedaço de chão que se deu minha iniciação na fé cristã, nas atividades pastorais, nos estudos e na carreira profissional.

Escrever sobre o que significa ser Irmão Marista faz-me retomar todo o caminho percorrido. É também oportunidade para avançar no tempo e vislumbrar meus anseios e sonhos como religioso consagrado; no coração, sempre a certeza de que a vocação é dom de Deus, que destina os chamados à missão.

O primeiro marco do caminho é minha família. Com alegria, recordo minha infância no seio de uma família participativa na vida da Igreja e envolvida com as causas da comunidade local. Sendo o penúltimo de seis filhos, quatro homens e duas mulheres, tive a graça de desfrutar de vários espaços de interação: eclesial e social, onde estavam meus pais e irmãos. Era frequente minha presença nas atividades do grupo de jovens, nos grupos da escola, na turma do futebol, nas rezas do terço e em tantos

outros espaços. Momentos significativos, sinais do Reino, que ajudam a consolidar minha opção por viver toda a vida como Irmão Marista.

Como não fazer opção pelo Reino diante de tão bons exemplos dentro de casa? Foi assim que me engajei na participação do coral, grupo de jovens e catequese da paróquia. A adolescência passou depressa e chegada a juventude sentia o desejo de algo mais. Nasceu a inquietação para pensar uma opção de vida. A pergunta era o que posso ser na minha vida que contribuirá ao meu próximo? Ainda, qual minha contribuição à Igreja? E meu serviço ao Reino de Deus?

Nesse momento, a proximidade com o Centro Marista de Pastoral - CMP em Belo Horizonte, hoje Centro Marista de Juventude - CMJ, foi a chave para o encantamento com o jeito de ser dos Irmãos Maristas. Como jovem participante das atividades do Centro, senti meu coração arder pela causa da juventude. E, embalado pelos cursos, encontro e retiros, ressoava no peito a canção,

Ei, juventude, rosto do mundo / Teu dinamismo encanta quem te vê / A liberdade aposta tudo / Não perde nada na certeza de vencer. (Jorge Trevisol)

Já conhecia os Irmãos desde 1999, dada a proximidade com o Centro, mas foi no ano de 2004 que o Irmão Natalino, pessoa que muito estimo, convidou-me para participar dos Encontros Vocacionais. Meu coração saltou no peito e de pronto aceitei o convite. Porém, por incompatibilidade de horários em meu trabalho, só comecei a participar dos encontros no início de 2005. Mesmo não participando do grupo, mantive contato com o Irmão e pedia a Deus para manter acesa a chama da vocação em meu coração.

Logo que se iniciaram os Encontros Vocacionais em 2005, encantei-me com a Comunidade da Betânia. Mesmo já conhecendo os Irmãos no trabalho pastoral, estar em uma comunidade é diferente, ainda que por um ou dois dias apenas. Foi apaixonante o testemunho de vida do Irmão Zeferino Falqueto, de encantar a disponibilidade do Irmão Natalino e

aconchegante a acolhida de todos os Irmãos. Com isso, antes do término do primeiro semestre, disse ao Irmão Natalino que gostaria, e muito, de ser Irmão Marista. E assim foi, com a bênção dos meus pais e apoio dos meus irmãos e irmãs, que arrumei as malas e parti nas pegadas de Marcelino Champagnat, para seguir o Mestre Jesus.

No percurso formativo marista, além do Núcleo Vocacional na Comunidade Marista da Betânia-BH (2004/2005), fiz o Pré-Postulantado na Comunidade Marista de Montes Claros-MG (2006), seguindo para o Postulantado, na Comunidade Marista de Vila Velha-ES (2007). Vivi a intensa experiência do Noviciado na Comunidade Marista de Maranguape-CE (2008/ 2009).

Entre os fatos marcantes, destaco o tão esperado momento da primeira profissão religiosa. Foi no dia 13 de dezembro de 2009, na Capela do Sagrado Coração de Jesus, em Mendes-RJ. Na ocasião, estava presente o Irmão Emili Turú, Superior Geral. Nesse memorável dia, na presença de meus familiares, coirmãos e amigos, reafirmei minha aliança com Deus. Assumi mais intensamente meu Batismo. Confirmei diante da Igreja meu desejo de servir ao Reino de Deus como Pequeno Irmão de Maria. É impossível traduzir em palavras a alegria daquele dia. No peito havia uma certeza de que Deus me chamou, conduziu-me e me falou ao coração. Converteu-me e me fez crescer em seu amor para enviar-me em missão.

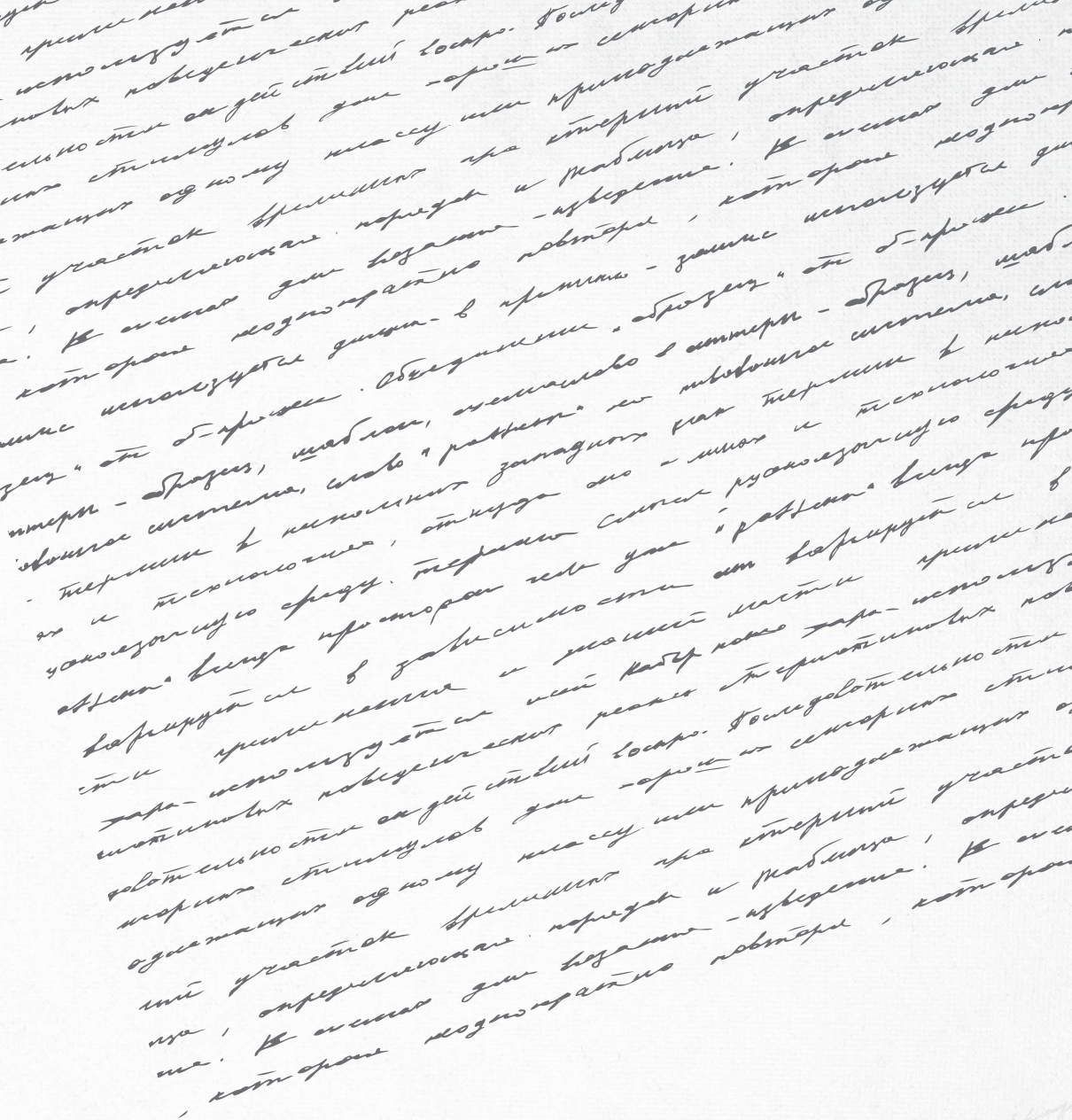
Após a primeira profissão, retornei a Belo Horizonte-MG, agora na Comunidade do Juniorato Champagnat, para os estudos teológico-pastorais, onde permaneci até o final de 2012. Terminada a formação inicial, fui enviado à Comunidade Marista da Betânia, lugar sagrado e de grande significado em minha caminhada vocacional.

Nesse peregrinar pelo mundo, encontrei inúmeros Irmãos, leigos(as), jovens e crianças que foram para mim mestres(as) e irmãos(ãs) de caminhada. Vi e vivi realidades que me alegraram e também interpelaram sobre o verdadeiro papel do Irmão Marista na sociedade de

hoje. Tudo isso fez aumentar minha paixão por Jesus Cristo e Seu projeto e me trouxe a firme convicção de que o sonho de Marcelino deve continuar.

A grande certeza é que minha vocação e consagração não são para usufruto pessoal ou para obter privilégios, mas para o serviço ao Reino de Deus, em vista do bem comum. É assim que pelo mundo eu vou, tendo sempre os olhos fixos em Jesus de Nazaré, na certeza de que é necessário que Ele cresça e eu diminua, seguindo as pegadas de Champagnat, confiante em que a Boa Mãe intercede pela minha fidelidade e perseverança.

Tu és a razão da jornada
Tu és minha estrada meu guia meu fim.
No grito que vem do teu povo
Te escuto de novo chamando por mim!
(José Acácio Santana)



"Meus Irmãos, como vossa tarefa é elevada aos olhos de Deus!
Como sois felizes por terdes sido escolhidos para uma missão tão nobre,
aquela mesma de Jesus Cristo ao descer sobre a Terra!
Vós ensinais os mesmos mistérios, as mesmas verdades"

Champagnat

Uma vida encharcada de Marias

Ir. José de Assis Elias de Brito

Sou natural de um recanto rural, denominado Sítio Riacho Grande, município da cidade de Araçagy-PB, onde residi até os meus 14 anos de idade, juntamente com minha família, cuidando da lavoura e pastoreando uns poucos animais que sempre garantiram o sustento digno, honesto e alegre de toda a minha família. Sou filho da simplicidade de dois camponeses, Dona Eunice e Seu Antônio, pais de muitos filhos, biológicos e do coração, exemplos de perseverança e ousadia na luta pelo sustento e da boa educação de seus filhos.

Em 1994, com apenas 14 anos de idade, recebi uma bolsa de estudos no Centro Educacional Nossa Senhora da Conceição, conseguida por minha tia e madrinha Tereza, mulher de muita fé em Deus e de uma capacidade solidária imensa. Deixei o aconchego do meu lar familiar, a exemplo de muitos do meu povo, e segui de Araçagi para João Pessoa em busca de melhores condições educativas.

Na capital paraibana, fui morar com minha irmã Maria das Graças e meu cunhado Jarbas Vieira, aos quais tenho profunda gratidão pelo apoio e incentivo de todos os momentos. Motivado por minha tia e minha irmã, fiz a minha primeira Eucaristia e a Crisma na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, onde também tive a primeira experiência em um grupo de jovens.

Após o término do ensino fundamental, fui cursar o 1º ano do ensino médio no noturno do Colégio Marista Pio X, de João Pessoa, no ano de 1997. No Marista, me envolvi profundamente em todas as atividades do colégio, olimpíadas, grupo Jovens Maristas com Cristo (JMC), Pastoral de Juventude Estudantil (PJE), grupo de dança, grupo de estudos, grupo de condução de oração da escola, grupo da missão de solidariedade e, por fim, Grupo de Opção de Vida (GOP).

Minha vocação é fruto da Missão de Solidariedade do Marista Pio X, que foi um dos pioneiros nessa experiência. No início do ano de 1997, quando iniciei o 1º ano do Ensino Médio, conheci um jovem Irmão, cheio de energia e entusiasmo chamado Alexandre Lucena Lôbo, que na ocasião me convidou a participar da Missão de Solidariedade, na Semana Santa, na cidade de Tacima-PB, juntamente com muitos outros jovens e educadores.

A missão foi um tempo maravilhoso de descoberta pessoal e também do carisma marista. Voltei a João Pessoa com o coração muito inquieto e desejoso de outras experiências que pudessem ajudar a entender melhor as muitas perguntas que trouxe de Tacima. Duas semanas depois, o Ir. Alexandre Lôbo e a professora Elinaide Alves deram início às inscrições para o GOP. E eu, mesmo sem saber do que se tratava, mas como todas as atividades do colégio eram boas, me inscrevi e fui aceito para participar do grupo.

As vivências do grupo começaram e com elas as muitas crises que enfrentei no desejo de fugir das questões vocacionais. Muitas vezes pensei em não ir mais às reuniões, mas não conseguia parar. Sempre tinha alguém lembrando a data e a hora do encontro. Hoje sei que a mão de Deus agiu por meio dos meus maravilhosos companheiros do grupo vocacional, de modo a garantir a minha perseverança.

À medida em que os dias foram passando, fui superando as crises próprias do tempo de discernimento vocacional e tranquilizando o meu coração para assumir a vocação para a qual o Senhor me chamou. Em julho de 1998, após uma caminhada significativa em busca de minha vocação, fiz o Retiro Marista de Opção de Vida (REMOV) e dei o meu sim para o serviço ao Reino como Irmão marista a serviço das crianças, adolescentes e jovens.

Sob o olhar atento e cuidadoso de Nossa Senhora do Ó, dei início no ano de 1999, na cidade de Nísia Floresta-RN, a etapa formativa do As-

pirantado, um espaço-tempo que me ajudou a conhecer-me melhor e a enamorar-me da vida marista e de suas peculiaridades de modo a ir tomando maior consciência de ser um vocacionado do Reino. Foi um ano de graça e dificuldades, fisicamente longe de minha família e de meus amigos. Aos poucos fui descobrindo uma outra família composta de maravilhosos companheiros, dos quais destaco o Irmão James Pinheiro, pelo companheirismo e fraternidade de todos os momentos de minha caminhada vocacional.

No ano de 2000, na cidade de Fortaleza-CE, fiz a etapa do Pré-Postulantado, espaço de mútuo conhecimento e de discernimento sobre o chamado de Deus, por meio da oração, estudo e vida comunitária. Nossa Senhora da Assunção foi a Boa Mãe que me acolheu na Parquelândia e me garantiu um ano maravilhoso, cheio de boas experiências junto às crianças e aos jovens, na catequese, nos círculos bíblicos, nas aulas de formação humana e outros.

Em 2001, continuei minha caminhada e dessa vez fui acolhido por Nossa Senhora da Apresentação em Natal-RN para viver o Postulantado, onde pude aprofundar-me em minha história de vida e crescer na consciência de meu chamado ao seguimento de Jesus Cristo na vida marista. O Colégio Santo Antônio, Marista de Natal, foi o meu campo apostólico junto às crianças na catequese e nas aulas de Ensino Religioso. Lembro, ainda, da Casa do Menor Trabalhador, onde junto com meus Irmãos enfrentamos grandes desafios e os superamos juntos na garra e na fraternidade.

É chegado o grande momento do Noviciado, ano de 2002, oportunidade de mergulho profundo na experiência da Vida Religiosa Marista, tempo propício de "provar no cadinho" a verdade do meu chamado, por meio de uma vida de oração e comunitária exigente, inteira. Novamente na cidade de Fortaleza-CE, cuidado e acolhido de braços abertos pela Boa Mãe da Assunção. Tempo de muitas graças e também de muitas provações. A experiência da oração pessoal foi um grande desafio em minha

vida, o meu coração inquieto e minha mente voadora me desafiavam o tempo todo. Aos poucos, com a ajuda dos mestres, fui serenando e, após alguns dias, dei início a uma maravilhosa relação de intimidade com a Santíssima Trindade, Maria e também com nosso pai Fundador, que muito me ajudou com o testemunho de vida.

Em 2003, experienciei o estágio apostólico nas cidades de Colatina-ES, acolhido por Nossa Senhora da Saúde, e Teresina-PI, pela Boa Mãe do Amparo, juntamente com o Ir. Oldair Cardoso, maravilhoso companheiro. No Espírito Santo, destaco o meu apostolado junto às crianças da educação infantil do Colégio Marista de Colatina, onde vivi uma insigne experiência de amor gratuito, desprendido e cheio de ternura angelical. A despedida daqueles anjinhos me custou muitíssimo.

Em Teresina, tive contato com crianças, adolescentes e jovens, porém desejo dar destaque ao meu encontro com o Cristo por meio de um pobre. Seu Antônio, filho amado do coração do Ir. Eusébio Leite, por quem tenho grande admiração. Seu Antônio foi vítima de um acidente vascular cerebral (AVC) que o deixou em uma cama completamente dependente, pois teve perdas neurológias sérias que comprometeram os seus movimentos e também a fala.

No dia em que o Ir. Oldair Cardoso e eu chegamos à capital piauiense, fomos à casa do seu Antônio, também chamado de "menino" pelo Ir. Eusébio Leite, homem de fibra, homem de Deus. Lá nos deparamos com uma situação muito exigente. Em um casebre sem reboco, com portas frágeis, completamente desprovido de qualquer conforto, estava o seu Antônio em uma cama, completamente dependente para sobreviver. Fomos apresentados a ele pelo Ir. Eusébio, e, mesmo sem poder pronunciar palavras, nos abriu um sorriso imenso de acolhida e ainda balbuciou a música o "Xote das meninas", de autoria de Luiz Gonzaga.

Meu Deus! Não sabia o que fazer nem o que dizer naquele momento. Nos dias que se seguiram, conheci um pouco mais da vida do "me-

nino", inclusive de sua esposa D. Maria, falecida em 2012, que tinha sérios problemas psíquicos e, por esse motivo, vivia a maior parte do tempo no hospital, além de sua filha, Francisca, adolescente, silenciosa e extremamente tímida.

Em Teresina, foram quase três meses, em que, a cada dia, Deus se apresentava por meio do "menino" nas dificuldades e na alegria de cada encontro. Muitas vezes achei que não fosse dar conta do recado, mas aí vinha um sorriso, um aperto em minha mão ou mesmo o balbuciar de uma música que me fazia recobrar as forças e desejar voltar no dia seguinte. Era Deus, era Deus que me esperava todo dia no "menino". Hoje tenho certeza disso.

Acabou o tempo do estágio e regressei ao Noviciado em Fortaleza para dar início aos preparativos aos votos, que os fiz em 29 de novembro de 2003. Após a profissão religiosa, fui morar em Belo Horizonte sob os cuidados de Nossa Senhora da Boa Viagem, para viver a etapa do Juniorato e cursar a Teologia Pastoral no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA).

O Juniorato (2004-2005) foi um tempo propício ao exercício da liberdade e autonomia próprios do apóstolo marista na vivência dos valores e conhecimentos adquiridos nas etapas formativas anteriores. Belo Horizonte me possibilitou uma experiência apostólica maravilhosa junto às crianças na Eucaristia e também no Crisma da Paróquia São Sebastião e São Vicente, na companhia de dois leigos fantásticos que foram verdadeiros pais, Lúcia Matos e Manoel Matos.

De volta ao Ceará no ano de 2006, fui residir no Bairro João Paulo II, na cidade de Iguatu. Lá minha missão foi exercida junto às pastorais sob o olhar materno da Boa Mãe e de São Marcelino Champagnat, padroeiros daquela comunidade. Foi um tempo maravilhoso em que tive a possibilidade de partilhar minha vida com o Ir. Antônio Holanda, um maravilhoso Irmão e companheiro. Fui abençoado com a presença de Maria José, mulher amiga e testemunho de vida cristã profunda.

Nesse espaço, pude experimentar a profundidade de ser um marista de verdade na relação com os Irmãos e os leigos.

Em Taguatinga-DF, Deus me reservou muitos desafios e muitas graças. Sob o olhar carinhoso da Mãe Aparecida do Brasil, conheci Ir. Afonso Haus, grande testemunho de vida religiosa, por quem tenho admiração, respeito e muito carinho. Nesse lugar, conheci muitas pessoas importantes, aprendi muito da vida e da importância de ser um vocacionado do Reino a serviço de crianças, adolescentes e jovens.

A caminhada continua e Deus me chama todos os dias com novos apelos e novos desafios vocacionais. A certeza da presença das Marias ao longo do meu itinerário vocacional sinaliza a presença amorosa de uma mãe que ama, cuida e acompanha seu filho sempre. Sou Irmão Marista, sou feliz, sou um construtor do Reino...

"O Irmão Marista é o anjo da guarda
das crianças e dos jovens."

Champagnat

Meu grande sonho: ser missionário

Ir. José Getúlio Silveira

Não fui aluno Marista. Nasci em um lugar chamado Lagoa Seca, distante do distrito de Bela Cruz-CE seis quilômetros e do município de Acaraú-CE onde fui batizado na Igreja de nossa Senhora da Conceição, dois meses depois de nascido, no dia 19 de novembro; também mais ou menos a seis ou sete quilômetros à margem do rio Acaraú.

A minha família era muito religiosa e era praticante. O meu pai, para participar, todo final de semana, da santa missa dominical, fazia a pé seis quilômetros, inverno ou verão. E a missa de que participava era celebrada todo domingo às 04h30min da manhã.

Mudamo-nos para Bela Cruz logo que esta se tornou paróquia. Aí fiz meus primeiros estudos.

Minha mãe era zeladora do Apostolado da Oração e das Vocações Sacerdotais. Mulher de comunhão diária...

Em Bela Cruz, ainda muito novo, fui crismado e, depois, fiz minha primeira Eucaristia. Sempre fui muito piedoso, pois São Paulo nos diz: "A piedade é útil a tudo." (1Tm 4,8)

Ingressei, na paróquia, em uma associação que havia para crianças e adolescentes chamada: Cruzada Eucarística Infantil. Passei por todas as etapas dessa associação da Cruzada; iniciei como simpatizante e terminei como presidente, usando a fita amarela larga, com uma cruz e três estrelas. Deixei a associação para ingressar e iniciar as etapas de formação no Instituto Marista, no final de janeiro de 1951, quando viajei para a casa de formação em Recife-PE.

Fui também acólito na Paróquia de Bela Cruz e tive que decorar todas as respostas em latim para dialogar com o celebrante na missa.

Todos os anos, minha paróquia celebrava com muito fervor e entusiasmo o mês de outubro, mês das missões. Tanto é que o meu grande sonho era ser missionário.

E, naquela época, falar em missões era partir para terras longínquas, tais como a Ásia, Oceania, África e Amazonas... para levar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos que ainda não eram evangelizados. Um parêntese: ao longo de minha caminhada como Irmão Marista, tive a graça de trabalhar dez anos em uma diocese missionária, fundada pelos padres missionários, os Combonianos, em Balsas, sul do Maranhão.

Mas como nasceu minha vocação para ser um religioso Marista?

Já disse, acima, que meu grande sonho era ser missionário. O homem propõe, mas Deus é quem dispõe...

Ele chama quem quer, onde e quando quer...

O pároco de minha paróquia tinha quatro irmãos que eram Maristas e, cada ano, nas férias, estes passavam dias em Bela Cruz, com o seu irmão, meu pároco; não recordo que eles me tenham convidado para ser irmão Marista. Mas havia um Marista, chamado Irmão Joaquim, francês, já de idade avançada, que percorria todo o estado do Ceará e do Piauí no trabalho de animação vocacional, que naquela época se dizia recrutamento das vocações. Certa vez, aquele irmão esteve em Bela Cruz e me fez o convite para ser Irmão Marista; eu era muito tímido e não me recordo bem qual foi minha resposta, provavelmente fiquei em silêncio, a pensar... Depois de algum tempo, recebi pelo correio um fascículo, enviado por ele, que me falava da vocação e da missão de Irmão Marista.

Quando, em casa, eu falava que gostaria de ser religioso, minha mãe me dizia: "meu filho, já só tenho você como filho homem em casa..." Mas meu sonho era me consagrar a Deus, seguir os apelos do Senhor e me consagrar em sua missão...

Minha família, na verdade, era grande como todas as famílias nordestinas, pois éramos seis homens e seis mulheres; porém, seis morreram ainda muito crianças. Restaram três homens e três mulheres. Os mais velhos

dos meus irmãos já haviam casado e já tinham família. Em casa havia ficado dois homens e duas mulheres; o meu irmão antes de mim já havia partido para o Seminário Diocesano de Sobral, pois seu sonho era ser sacerdote. E eu fiquei com minhas duas irmãs em casa; eu era o penúltimo dos filhos; a mais nova era uma irmã mulher. Mas o meu sonho era seguir o Senhor, mesmo com muitas dificuldades, pois meus pais eram pobres de bens materiais, mas ricos da graça de Deus...

Sempre descobri a presença de Maria Santíssima em minha caminhada, quando ainda criança, e morava no interior. Com minha mãe, participava das novenas do mês de maio nas famílias, nossas vizinhas.

Eu tinha sido batizado na matriz de Acaraú, cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição; a minha paróquia de Bela Cruz também tinha como padroeira a Imaculada Conceição. Nos primeiros dias de fevereiro de 1951, ingressava oficialmente no juvenato Nossa Senhora da Conceição. O mês de maio, na minha paróquia, em Bela Cruz e no juvenato, era celebrado com muita piedade e alegria. Em 1954, celebramos no juvenato de Apipucos, Recife-PE, o centenário da proclamação do dogma da Imaculada, celebração realizada com muita festa. Enfim, as festas marianas, como a festa da Assunção de Nossa Senhora, eram celebradas com muita piedade, amor e entusiasmo em nossa casa de formação... E agora já iniciava minha primeira etapa de formação no juvenato, onde me preparava para fazer parte da obra de Maria. Encantava-me o nome dos irmãos: Irmãozinhos de Maria. Que alegria e felicidade poder chegar a ser também um Irmãozinho de Maria.

Para minha pessoa, sentia muita alegria dar passos nas etapas de formação: ser nomeado postulante, ingressar no Noviciado, fazer os primeiros votos, Escolasticado, Votos Perpétuos, eram momentos esperados com muita expectativa...

Iniciada a minha vida apostólica, sentia prazer em ministrar as aulas de formação religiosa, preparar crianças para a primeira Eucaristia e os jovens para o sacramento da Crisma.

Estive grande parte de minha vida apostólica ajudando nas casas de formação e outra parte nos colégios da Província: Aracati-CE, Maceió-AL, Natal-RN, João Pessoa-PB, Surubim-PE, Balsas (no sul do Maranhão).

Os pensamentos da vida do nosso santo fundador, São Marcelino Champagnat, alimentavam cada vez mais e renovavam meus sonhos e missão; eis alguns deles: "Não posso ver uma criança sem sentir a vontade de lhe ensinar o catecismo, sem desejar ensinar-lhe o quanto Jesus a amou e quanto ela deve amar a este Divino Salvador". "Amar a Deus e trabalhar para torná-lo conhecido e amado, eis qual deve ser a vida e a missão de um Irmão Marista". "Que a glória de Deus e a honra de Maria sejam o nosso único fim e objeto de vossa ambição". "Ver Deus ofendido e as almas se perderem são para mim duas coisas insuportáveis e que me fazem sangrar o coração". "Se tiverdes a felicidade de gravar a devoção a Maria no coração dos alunos, tê-los-eis salvo". "Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos".

Hoje, sou Irmão da terceira idade, já com meus 56 anos de vida consagrada, sem contar os anos de formação do juvenato e postulantado, graças à misericórdia do Senhor e à proteção da Boa Mãe. Por vocação, estou ciente de que sou chamado para ser apóstolo de Cristo para a juventude, instrumento do Espírito Santo para atuar perto da criança e da juventude. Quão sublime é a nossa missão! Os destinatários de nossa ação apostólica, portanto, são a infância e a juventude.

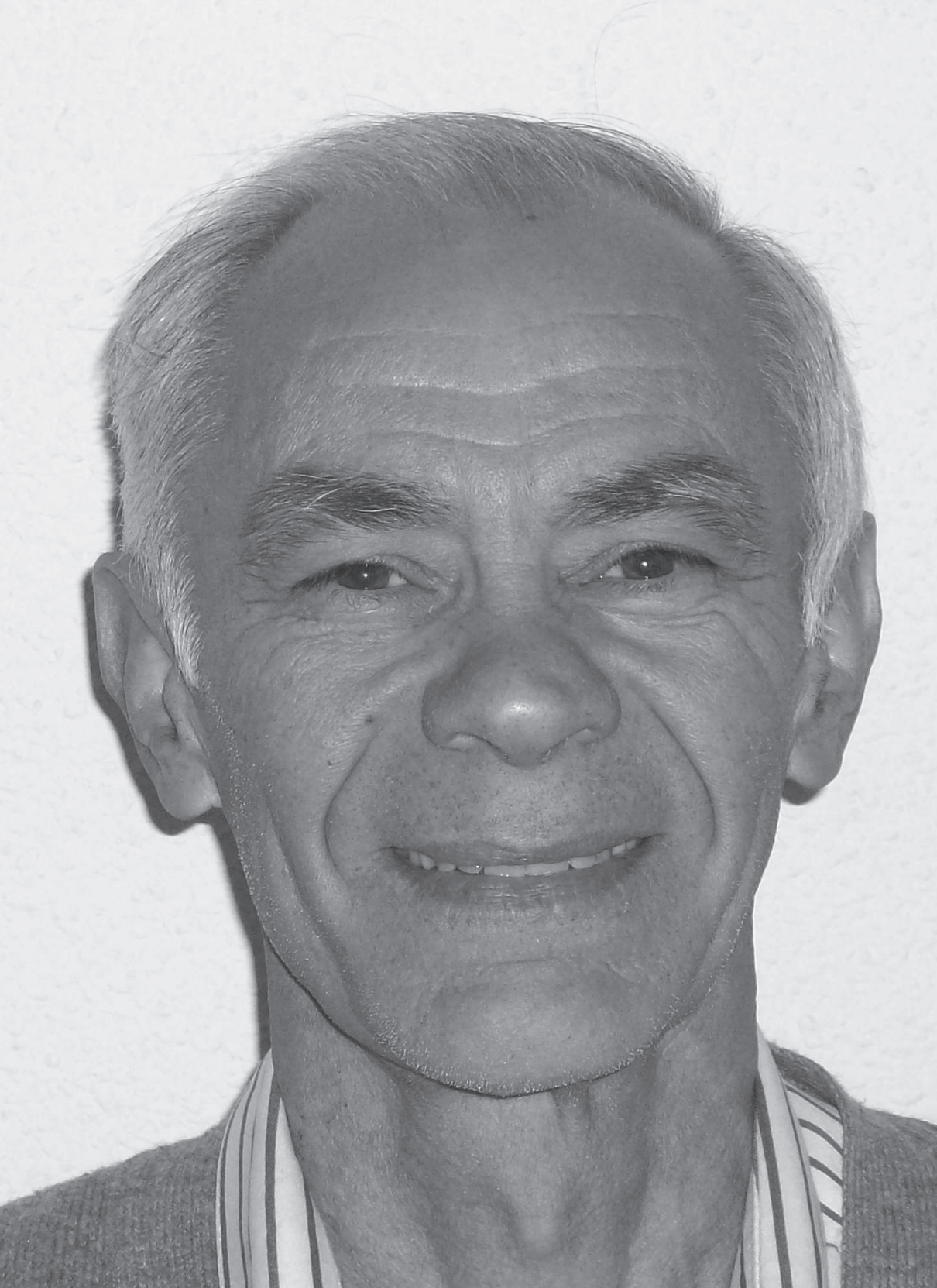
Todo dia, na celebração Eucarística, peço ao Senhor e a Maria Santíssima a perseverança em minha vocação. E isso já faço desde o período do juvenato, recitando a oração para obter a perseverança.

E com o salmista eu exclamo: "Cantarei eternamente a Misericórdia do Senhor".

Amém!

"Meus Irmãos, sede fiéis à vocação e perseverai nela corajosamente.
Conservai um grande espírito de pobreza e desapego."

Champagnat



Sou fruto de um imenso amor

Ir. José Machado Dantas

Minha vocação à Vida Religiosa Consagrada não dependeu de mérito meu, nem esteve ligada a ele. Ela veio da eleição de Deus e isso exigiu de mim um amor maior. Lembro-me do diálogo de Jesus Ressuscitado com Pedro: "Tu me amas?" A mim, Jesus fez a mesma pergunta 50 anos atrás. A cada resposta, eu me senti chamado a responder da mesma maneira que Pedro. Mas, consciente de minhas fraquezas, pedi que o Senhor me concedesse sempre a humildade.

Nesses anos todos, aprendi a reconhecer que não sou obra do acaso, mas fruto de um imenso amor. O meu nascimento foi fruto de um infinito amor. Aprendi a reconhecer que tenho uma história, que é história de salvação: Deus interveio e sempre intervém para me libertar, para promover minha verdadeira e plena maturação humana na história, para me conduzir a uma pátria de felicidade que não pode ser excedida.

Para estimular-me a viver "em plenitude de fé", o autor da Carta aos Hebreus (10,32-39) recorda-me a heroica constância nas perseguições demonstrada desde o dia do meu batismo; não devo "jogar fora, inconsideradamente, só por cansaço e desilusão, a minha segurança", isto é, o ideal que me deu a profunda experiência do valor supremo da "vida com Deus". Preciso compreender que a perseguição é necessária, porque só se atinge a maturidade da fé mediante o generoso "cumprimento da vontade de Deus", corroborada pela prática da constância. "O justo viverá por causa de sua fidelidade, mas, se esmorecer, não encontrarei mais satisfação nele", diz o Senhor.

Nos meus anos de vida marista, muitas vezes tive que sair dos projetos próprios e deixar-me conduzir por Deus aonde Ele quis me levar. Isso implicou corte violento de hábitos, amizades, atividades antigas. Algumas vezes comportou perseguição e ridículo. Não esqueci a advertência sobre a fidelidade e a perseverança: como é admirável a coragem de romper com certas coisas que ficaram para trás! Mas, também, é indispensável não voltar atrás.

No diálogo "Sobre a velhice", de Cícero, maior orador romano, encontra-se este pensamento muito apropriado para quem deseja refletir sobre sua vocação cristã e humana: "Vivi de tal forma, que sinto não ter nascido em vão". Quando uma pessoa concretiza sua missão sobrenatural e histórica, ela realiza sua vocação e pode fazer suas as palavras de Cícero, porque está vivendo "de tal modo" que tem a certeza de que, no fim, receberá o prêmio dos grandes lutadores.

E qual é esse modo? É caminhar atento às solicitações do cotidiano, sem aguardar oportunidade de realizar façanhas notáveis. Estas, às vezes, são pedidas, mas não são o apelo mais comum no normal da vida.

Entretanto, o ser humano também está aqui para ser relativamente feliz, como antecipação da eterna bem-aventurança. E não há como viver a paz do Cristo quando se deixam espaços vazios na sua vida. Isso é o que pretendo fazer na minha vida.

"Deus nos ama desde toda a eternidade.
Ele nos escolheu e nos separou do mundo para o seu serviço.
A Virgem Maria nos plantou em seu jardim,
tomando cuidado para que nada nos falte".

Champagnat

Pensava: quero ser igual a ele!

Ir. Joventino Laquini

Desde criança, procurei viver a minha vida com responsabilidade e profundidade, atento aos meus deveres de filho, estudante, cidadão e cristão, procurando ajudar meus pais, irmãos e irmãs nos afazeres da casa, no cuidado com os animais, plantas e no trabalho manual na roça. Eu fazia meus brinquedos e estava em sintonia com a natureza para tomar banho nos rios e lagos, pegar frutas e passarinhos nas lavouras e matas. Sempre procurei conviver e brincar em paz e respeito com meus amigos vizinhos, da escola e da Igreja.

Nasci em 1956, no dia 14 de abril. Já são mais de 50 anos! Minha família é muito grande (13 filhos), muito simples e religiosa. Minha cidade natal chama-se Castelo, no estado do Espírito Santo. Atualmente, a maioria dos meus familiares mora na cidade de Jaguaré, no norte do Espírito Santo, com uma população de 25 mil habitantes. Logo que minha família mudou-se, ali viviam poucas famílias. É um lugar gostoso de viver. Todos se conheciam e, mesmo com o crescimento e desenvolvimento, continua sendo aquela cidade pacata, onde a agricultura predomina, com o título de município maior produtor de café conilon do Brasil. Meu pai era muito trabalhador. Seu nome, Alécio Epifânio Laquini; Epifânio, por ter nascido no dia 6 de janeiro, dia da Epifania do Senhor. Era assíduo todos os dias para bater o sino da Igreja, convidando a população para as celebrações e missas e também passando a sacola no ofertório para recolher as esmolas dos fiéis. Minha mãe, Janira Faccini Laquini, ficava em casa trabalhando na época das colheitas do café, milho, arroz, mandioca... Também ia para a roça ajudar e cuidava da gente. Era mulher de muita fé e de oração.

Mesmo sendo analfabetos, não mediram esforços para que todos os filhos estudassem, visando a um futuro melhor para nós. Já estão na eternidade e são modelos de vida para nós, seus filhos, que todos os dias rezamos por eles pedindo a sua intercessão junto de Deus por nós.

"Deus escreve certo em linhas tortas". Eu não estava muito interessado em seguir a vocação de padre, Irmão. Ficava muito chateado quando minhas irmãs mexiam comigo, falando que deveria ser padre. Essa coisa de usar saia (batina) não me animava nada. Deus vinha me falando, por meio do testemunho do meu mano Kleber, que era Irmão Marista, que todo ano ia a Jaguaré passar as férias na nossa família. O jeito alegre de ser, o carinho com que nos tratava, a bondade, a facilidade para falar, orientar, os brinquedos que nos traziam e o clima de festa que proporcionava com sua presença... Pensava! Quero ser igual a ele. No ano de 1974, recebi a visita do saudoso Ir. Sulpício Falqueto, convidando-me a entrar no Juvenato que funcionava no Colégio Marista de Vila Velha-ES. Estava terminando a 8ª série e em Jaguaré não havia ensino médio. Para continuar meus estudos, tinha de sair do aconchego da família. O testemunho do meu mano Kleber, o convite do Ir. Sulpício e a necessidade de estudar foram abrindo o meu coração para o chamado de Deus e respondi "Sim". Sempre recebi o apoio e incentivo dos meus familiares.

Foi no ano de 1975 que comecei a formação no Juvenato Marista, em Vila Velha-ES. Morava com outros juvenistas no próprio prédio do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, juntamente com a Comunidade dos Irmãos. A vida no Juvenato era muito ativa. Além dos estudos no ensino médio, que era muito puxado, participava de todas as atividades que aconteciam no colégio e era responsável pela cantina da escola para os alunos da educação infantil. Nós, Juvenistas, cuidávamos das criações de passarinhos, patos, galinhas, porcos, pacas, jacarés e também da horta e do pomar que o nosso formador, o Irmão João Gerlim, muito apreciava. A prática do esporte, peregrinações, passeios, estudos, orações e trabalho

tornavam a comunidade do juvenato muito unida, alegre e feliz. Ao terminar o ensino Médio e a etapa de formação do Juvenato, eu estava com muitas dúvidas e medos. Foi aí que recebi o convite para fazer um ano de missão na cidade de Aruanã, no estado de Goiás, às margens do Rio Araguaia, divisa com o estado do Mato Grosso. A experiência foi rica na Comunidade dos Irmãos, ora atuando como professor de Português para os alunos da 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental, ora envolvido nas atividades paroquiais e em celebrações nas Comunidades Eclesiais de Base no interior. Ganhei confiança e determinação para ingressar na etapa do Postulantado em Belo Horizonte.

Em 1978, fiz o Postulantado, sendo formador o Irmão Ladislau Figueiredo. Os estudos sobre o Instituto Marista e o fundador São Marcelino Champagnat, o autoconhecimento, a catequese, o trabalho com a juventude e o Postulinter (encontro inter-congregacional com outros jovens vocacionados), trabalhos manuais e limpeza da casa iam fortalecendo a minha resposta ao chamado Deus para ser um Irmão Marista.

No ano de 1979, passei a fazer a etapa do Noviciado, também em Belo Horizonte, tendo como formador o Irmão Zeferino Falquetto. Destaco a vida comunitária, de oração, o estudo das Constituições e Estatutos do Instituto, a vida do Fundador, de Jesus e Maria, os retiros e recoleções, passeios e peregrinações, as atividades na paróquia e aulas de Ensino Religioso em uma Escola Municipal do Bairro Betânia, trabalho manual, limpeza da casa e da lavagem da roupa pessoal... Com alegria e entrega, fiz os meus primeiros votos de pobreza, castidade e obediência no Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria.

No ano de 1980, ingressei na etapa de Formação do Juniorato em Taguatinga-DF. O formador foi o até então Irmão Francisco de Paula Victor, hoje bispo emérito de Brasília-DF. O enfoque maior foram os estudos de Teologia (Ciências Religiosas), na Faculdade Católica de Brasília. A vida comunitária, de oração, o trabalho pastoral, aulas de Ensino Religioso no

Colégio Marista Champagnat de Taguatinga, participação nas atividades e retiro da Província e o trabalho manual na chácara e a limpeza da casa... tudo isso foi uma etapa rica no amadurecimento de minha resposta; e com muita expectativa na preparação para ingressar numa Comunidade Apostólica da Província.

No ano de 1983, assim que terminei a formação inicial, fui fazer parte da Comunidade Marista de Colatina-ES. Depois, integrei outras comunidades Maristas como a de Patos de Minas-MG, Palmas-TO, Montes Claros--MG, São Vicente de Minas-MG, Aracati-CE e atualmente a Comunidade Marista de São Luís, em Araçagy-MA. Em muitas delas fui Superior e Ecônomo; e, além disso, nos colégios e CMJ (Centros Maristas de Juventude) atuei como professor, orientador educacional, coordenador de pastoral e pedagógico e diretor dos CMJ, colégios e obras sociais...

A formação é um processo contínuo e permanente no espaço local, provincial e internacional, como também a resposta a cada dia, sendo pessoa fraterna, de oração, de trabalho e de muita fé, seguindo os caminhos de Jesus, Maria e Champagnat. Agradeço as graças recebidas e todas as pessoas que fizeram e fazem parte do meu itinerário vocacional.

"Há naturalmente dificuldades na vida religiosa,
mas a graça suaviza tudo. Jesus e Maria vos ajudarão:
aliás é bem curta esta vida e a eternidade não acaba nunca"

Champagnat

Intrometi-me e disse: eu quero!

Ir. Kerginaldo Correia Moreira

Em novembro de 1944, iniciei meus estudos no Colégio Marista Pio X, em João Pessoa-PB, no curso de preparação ao exame de admissão ao ginasial. Com muita alegria, fiz o exame e fui aprovado à 1ª série do curso ginasial. Em 1946, comecei a frequentá-lo. Tudo me encantava: o terço diário, seguido da aula de religião; aulas das diversas disciplinas, especialmente Matemática; e o mês de maio, com a homenagem a Maria, Nossa Senhora; as Eucaristias, nas primeiras sextas-feiras de cada mês; o café no colégio, para quem comungava nas primeiras sextas-feiras; os recreios e esportes com a presença dos Irmãos, inclusive o diretor, espalhando alegrias, disciplina, segurança.

Na Congregação dos Irmãos, eles não se descuidavam das possíveis vocações maristas que poderiam surgir entre os alunos. Havia, em cada colégio, um Irmão com a missão de observar algum aluno que apresentasse alguma qualidade indicativa de poder ser um futuro Irmão Marista. Além disso, a Província Marista confiava a um Irmão a missão de ir a cada colégio e conversar com os possíveis candidatos indicados pelo Irmão responsável local. Na visita do Irmão itinerante, este abordou um rapazinho perguntando-lhe se queria ser Irmão Marista. O rapaz, timidamente, ficou calado e eu, que estava acompanhando a conversa, intrometi-me e disse: eu quero! O Irmão, no momento, não disse nada, mas foi informar-se sobre quem era aquele rapazinho (intrometido?).

Informações do colégio: bom aluno, disciplinado, cooperador, primeiro aluno nos estudos, da turma. Família católica, bem constituída: pai, militar graduado; mãe, dona de casa, três filhos e três filhas. Foi feita, então, uma visita aos meus pais, comunicando-lhes o desejo do filho. A notícia foi recebida com muita tristeza e choro por parte dos pais, surpresos com a novidade.

No Colégio, o Irmão responsável acompanhava o candidato juntamente com outros alunos que manifestaram o mesmo desejo. Em casa, eu encontrava oposição velada, mas real. Em determinado dia, eu disse a papai que tinha desistido da ideia de ser Irmão, mas ele foi enfático: "Você vai, para que, se um dia você não der, pra gente aí não poder acusar seu pai de não lhe ter permitido seguir sua vocação". Com essa resposta, eu, que já havia desistido da ideia, voltei a sonhar e pensar em seguir a vocação marista.

Então começaram os preparativos: enxoval etc. No dia 09 de janeiro, seguia eu com os Irmãos que iam fazer retiro em Apipucos. Depois de dois dias hospedado no Colégio Marista do Recife, conhecendo e visitando os pontos turísticos da cidade, subimos, a 11 de janeiro de 1946, a ladeira da Colina de Apipucos, para dar início à minha vida marista.

No dia seguinte, juntamente com cem juvenistas, assim eram chamados os candidatos à vida marista, fui convidado a lavar pratos, varrer, limpar banheiro, ler, jogar futebol ou outras brincadeiras, arrumar a cama de dormir e outros afazeres que apareciam.

Três anos de estudos: 2ª, 3ª e 4ª séries ginasiais como juvenista. Um passo adiante na formação: 1º ano científico e, concomitantemente, o Postulantado da formação Marista: estudos oficiais e religiosos maristas. Depois, o Noviciado marista: entrada solene, uso da batina preta e o rabat branco. Presentes à mudança da roupa civil para o hábito marista estavam o Ir. Reginaldo, então diretor do Pio X, e meu pai. O Noviciado foi um ano só de estudos maristas e teológicos; depois fiz os votos religiosos em janeiro de 1951; em seguida, o Escolasticado: 2º e 3º anos científicos, teologia, catequese, didática (dois anos). Catequese na paróquia. Prática na realidade.

Comecei a vida apostólica na catequese, com o 2º e o 3º do primário, em Aracati-CE. Aí, durante dois anos, fui ainda sacristão e atuei na Cruzada Eucarística. No Colégio Marista do Recife, ao longo de sete anos, fui titular

(coordenador) de turma de 1ª série ginasial (50 alunos) e professor de Religião, Matemática e outras disciplinas, além de envolver-me na animação de esportes, escotismo, Cruzada Eucarística e grêmio.

Depois vieram a preparação para a minha Profissão Perpétua na Vida Religiosa e o vestibular na Universidade Católica. Fiz a emissão dos Votos Perpétuos e, com êxito, o vestibular da Universidade Católica, preparando-me para lecionar Ciências, Física e Matemática. Cursei Orientação Educacional, sendo um ano teórico e um ano de estágio (prático).

Transferido para Fortaleza-CE, fui nomeado coordenador de 2ª e 3ª séries ginasiais do Colégio e professor de Religião e Matemática. Na Faculdade Católica, fui professor de Matemática do curso de Pedagogia e coordenador de estágio do curso de Orientação Educacional; e fui também coordenador de esportes do Colégio Cearense.

Em Belém-PA, para onde fui transferido, fui coordenador de série, lecionei Religião e Matemática, além de coordenar os esportes. Aprovado no vestibular da Faculdade de Engenharia e cursando o 1º ano, fui transferido para Recife, onde atuei como vice-diretor do Colégio Marista e ainda, durante sete anos, coordenador do científico. Fui aluno da Escola Politécnica de Pernambuco e continuei o curso de engenharia, concluído em 1970. Ajudado por pais, mães, responsáveis pelos esportes, o Colégio Marista foi campeão dos Jogos Estudantis de Pernambuco por nove anos. Convidado pelo Irmão Paulo Naufel, fui estudar na Europa três anos: cursei Teologia e fiz o Segundo Noviciado; estudei Matemática Moderna em Bruxelas, na Bélgica; Pedagogia da Matemática, em Paris; e fiz o curso PRH – Personalidade e Relações Humanas (PRH) na França.

Voltando ao Brasil, fui para Natal-RN, no Colégio Marista Santo Antônio, atuar como vice-diretor durante dois anos. Depois foram mais seis anos de diretorado, envolvido com a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), a Associação de Escolas Católicas (AEC), o Sindicato

de Diretores, o conselho consultivo da Escola Técnica Federal (ETF) do Rio Grande do Norte e a EMIR – Equipe Marista Interprovincial de Reflexão. Nesse período, o Colégio Santo Antônio foi sede da Olimpíada Marista do Brasil-Norte (OMBN) e participou anualmente de todas. Foi construída a residência dos Irmãos e a pista de atletismo. Com a turma concluinte de 1981, o colégio obteve o primeiro lugar no vestibular da Federal e os 13 primeiros lugares de cursos diversos.

Transferido para o Recife, fui diretor do Colégio Marista São Luís, onde a Província realizou a maior OMBN em número de participantes, sendo que os meninos ficaram hospedados no São Luís e as meninas, no Colégio das Irmãs Damas Cristãs. Iniciamos as conversas para a compra do terreno do Círculo Militar, realizada no ano seguinte. Depois fui para Salvador, Colégio Nossa Senhora da Vitória. Aí permaneci durante 2 anos. Depois, fui assumir a direção do Colégio Marista Champagnat de Taguatinga-DF, pois seu diretor, Ir. Porfírio, falecera. Ali fiquei por quatro anos e meio e aceitei o convite para fazer um curso de Formação Continuada em Escorial – Espanha.

Houve mudança de Provincial e eu recebi o convite para assumir a direção do Colégio Cearense (curso de Psicopedagogia), continuando envolvido com o MChFM, AEC, CRB, Sindicato dos diretores, além dos Esportes e da realização de uma OMBN.

Depois de cinco anos, assumi a direção da Casa Provincial.

No Colégio de Salvador, fui coordenador das oitavas séries e, depois, durante dois anos e meio, diretor do Colégio de Balsas-MA. Tive um ano sabático em Natal-RN. Vivi cinco anos como superior de comunidade em Palmas-TO e dois ou três anos em Araçagy, São José de Ribamar-MA sendo presença no Colégio Marista.

A título de ilustração

Visitei a cidade de Madrid, na Espanha, com seus museus, cidades históricas, igrejas famosas por suas belezas arquitetônicas; Bélgica e França, além das capitais Bruxelas e Paris, respectivamente, com suas riquezas naturais e arquitetônicas. Como prolongamento do curso, conheci tanto cidades famosas desses países bem como muitas de outros países da Europa. Altamente rica em religiosidade foi a visita à cidade de Jerusalém e vizinhança, com os lugares sagrados onde Cristo nasceu, cresceu, pregou, ensinou, viveu e morreu por amor.

Visitei, em três ocasiões, os diferentes recantos sagrados da História Marista: Marlhes, La Valla, l'Hermitage e outros que são também, muito afetivamente, prolongamentos da nossa existência Marista: Lyon, a basílica de Fourvière, a paróquia do Cura d'Ars, contemporâneo de Champagnat etc.

Situando-me nos meus passos Maristas: Colégio Pio X, Juvenato, Postulantado, Noviciado, Escolasticado Maristas, primeiros anos nos colégios Maristas de Aracati, Recife, Fortaleza, Belém, Recife, Espanha, Bélgica, França, Natal, São Luís de Recife, Salvador, Taguatinga, Fortaleza, Natal, Balsas, Natal, Palmas e Araçagy.

Tudo quanto me sensibilizou, me tocou, mexeu comigo, me fez mudar o rumo da vida, me empolgou no fazer Marista: sob a égide de Maria, a Boa Mãe, e São Marcelino Champagnat, fazer Jesus Cristo conhecido e amado pelas crianças, adolescentes, jovens e adultos, especialmente, os mais necessitados, foi a força que me nutria então como nos dias de hoje. Caminhei, vivi, dei minha energia, ali estava presente o carisma Marista sintetizado no aprender a amar Jesus Cristo, tornando realidade: "Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus".

Viver a vida sem medo de ser feliz!

Ir. Ladislau Figueiredo - in memoriam

(o antigo Ir. Fabiano)

Primeiramente, devo dizer que é a pedido de duas Comissões Provinciais que eu conto aos jovens e aos Irmãos a história de minha vocação à vida religiosa Marista.

Eu sou mineiro, uai!... Nasci a 07 de outubro de 1926, em Boa Esperança, sul de Minas, hoje com 10.000 habitantes. Graças a Deus, tive infância, adolescência e juventude muito felizes, numa fervorosa família cristã; esse item pesou muito na minha opção pela vida religiosa. De fevereiro de 1938 até novembro de 1942, fui aluno interno no Colégio Marista de Varginha, a 60 km de minha terra, fazendo aquele antigo curso ginasial. O internato era verdadeira família; os Irmãos, muito bondosos e dedicados; entre eles cito os Irmãos Ivo Bernardo, Pedro Parreira, Mário Esdras (Mestrinho), Anselmo Pio, Egídio José Antônio, João Francisco; com as aulas de Ensino Religioso e nossa louvável vida de oração, a nossa vivência cristã era muito boa: missa diária junto com os Irmãos, terço também diário na sala de aula, três dias de retiro espiritual em agosto. Assim sendo, naquela época, surgiram numerosas vocações sacerdotais e religiosas: Irmãos Goncalves Xavier, Gabriel Maria, Eurico de Souza, Jose de Souza, Paulo Portugal, eu, autor deste texto, e muitas outras; também o belo testemunho de vida dos Irmãos do colégio pesou muito na balança.

Segue agora, resumidamente, meu cronograma, dos 16 anos de vida até os 86 anos:

Novembro de 1942: conclusão do 5° ano ginasial, que correspondia ao 3°ano do ensino médio.

1943: Mendes-RJ, no Postulantado.

1944: Mendes-RJ, no Noviciado.

1945 e 1946: Curitiba-PR, no Juniorato.

1947 a 1949: Santos-SP, Colégio Marista; professor.

1950 a 1953: Curitiba-PR: acadêmico de Matemática na Universidade Federal do Paraná.

1954 a 1962: Mendes-RJ: formador e professor dos postulantes e noviços.

1962: Varginha-MG: diretor de Juventato.

1963 a 1965: Uberaba-MG: diretor do Juvenato.

1966: Montes Claros-MG: professor.

1967 a 1972: Idem, diretor do Colégio São José e superior de comunidade Marista.

1972 a 1974: Patos de Minas-MG: diretor do Colégio Marista e Superior de comunidade.

1975 a 1978: Montes Claros-MG: diretor de colégio e Superior local.

No 2° semestre de 1978, fiz o Cetep da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no Rio de Janeiro.

1979 a 1988: Belo Horizonte-MG: diretor do Postulantado, no Bairro Betânia e superior local.

1988 a 1994: Patos de Minas-MG: diretor do colégio e Superior local.

1995 e 96: Campinas-SP: vice-mestre no Noviciado substituindo o faleci-

do Ir. Sulpício Falqueto, vítima de colapso cardíaco (14/04/1995).

1997 a 2002: Patos de Minas-MG: presença no colégio, assessor Marista no Movimento Champagnat.

2002: Palmas-TO: presença no colégio.

2003: Aparecida de Goiânia-GO: Comunidade Madre Germana, no lugar do falecido Ir. Afonso Falqueto (01/05/2003); Superior e presença na Obra local.

2004: Montes Claros-MG: assessor Marista no MChFM e presença no Colégio.

2005 e 2006: São Vicente de Minas-MG: Superior, Ecônomo e presença no Colégio.

2007 a 2013: Patos de Minas-MG: coordenador da animação vocacional, assessor de MChFM, superior adjunto e presença ativa no Colégio.

E mais estes dados avulsos:
1° - Minha caminhada vocacional muito se deve ao saudoso Ir. Exuperâncio, que durante 18 anos foi Provincial e, simultaneamente, exímio promotor vocacional!

2° - Tive duas preciosas chances de me reciclar na Europa: cinco meses na França, em 1961, no curso de Espiritualidade Marista, dado em francês em Saint-Paul-Trois-Châteaux; éramos 40 Irmãos de 13 países, entre eles o Ir. Charles Howard, com apenas 36 anos (mais tarde viria a se tornar Superior Geral do Instituto). A segunda vez foi a um curso de "Terceira Idade", em Roma, na Casa Geral, de 15/04/1994 a 30/06/1994; éramos 30 Irmãos, sendo 8 brasileiros; o curso foi dado em espanhol.

3° - De 20/02/1946 até hoje (2013), estou há 67anos na ativa, "tocando cinco instrumentos!"... É a maravilhosa terapia ocupacional! Ultimamente, embora tenha emagrecido, saúde é a boa disposição física e mental;

por isso, dou graças a Deus. Com o falecido José de Alencar, ex-vice-presidente do Brasil, aprendi este valioso refrão: "Bom humor, otimismo, pensamento positivo".

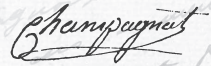
4° - O Ir. Danilo Ferreira Silva, noviço do 2° ano, e o postulante Carlos Eurípedes Honório Filho são "frutos do nosso pomar".

5° - Sou professor licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Paraná e "licenciado" em Pedagogia Marista pela "Faculdade Champagnat".

6° - De Curitiba-PR a Palmas-TO, trabalhei em 13 cidades onde me relacionei com mais de 90 mil pessoas!...Donde: dar atenção individual é algo impossível!

7° - FINALIZANDO: Louvo e agradeço a Deus pelos meus 86 anos de vida; não esperava chegar tão longe; obrigado, Senhor, e sou grato à Boa Mãe. Tudo é dom de Deus, é dádiva preciosa que nos enriquece e nos anima a caminhar; vamos em frente, viver a vida sem medo de ser feliz!

"O Irmão deve procurar ser um bom catequista,
um evangelizador, pois esta é sua principal função
e o fim de sua vocação."



NATIONAL SPORT ACADEMY
•1965•

Segui o que meu coração pedia

Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa

Sou Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa, filho de Francisco Bento da Costa e Maria Neide Ferreira da Costa. Tenho três irmãos, dos quais sou o mais velho. Sou natural de Aracoiaba-CE. Moro atualmente em Brasília/DF. Minha missão atual na Província é coordenar a Animação Vocacional.

Minha família saiu do interior cearense para a capital quando eu tinha três anos de idade. Em Fortaleza-CE, vivi minha infância, adolescência e juventude. Tempos marcados por diversos acontecimentos, conquistas e desafios.

Na infância, lembro com alegria do empenho dos meus pais, buscando estabilidade familiar, preocupados com a educação dos filhos e sempre em busca de qualidade de vida para eles. Minha família foi sempre muito simples e humilde. Ao sair do interior cearense, em busca de melhorias na capital, vivemos por muito tempo em propriedades de terceiros. Desse modo, não existia o que podemos chamar de privacidade familiar, ou seja, "o nosso lar".

O sonho dos meus pais era ter a nossa casa própria, nosso próprio lar, nosso próprio conforto. Durante 13 anos, vivemos essa fase. Lembro que, ainda nesse período, tive meu primeiro contato com os Irmãos que, sempre nos fins de semana, frequentavam a praia onde meus pais trabalhavam.

O primeiro Irmão que conheci chamava-se Urbano Gonzalez. Idoso, Ir. Urbano ainda utilizava batina preta e chegava sempre com os bolsos cheios de biscoitos, distribuindo-os para a criançada. Dessa forma, ele ia se aproximando e fazendo sua catequese.

Outros Irmãos também marcaram esse período. Com a presença deles na localidade onde eu morava com meus pais, iniciei minha vida de participação eclesial na catequese, nos grupos de jovens e no grupo vocacional. Paralelo a isso, também já trabalhava profissionalmente, ajudando meu pai nas barracas de praia. Minha mãe trabalhava fazendo refeições para os Irmãos nos fins de semana. Com o passar do tempo, minha mãe foi contratada pelos Irmãos e foi trabalhar na residência deles, no Colégio Marista Cearense. Com isso, passei a ser aluno Marista.

Um dos fatos marcantes dessa fase de estudo no Colégio Marista foi justamente a maior proximidade que tive com os Irmãos. Eu sempre fui muito bem acolhido e percebia nos Irmãos uma grande alegria em estarem juntos. Eu admirava também a presença deles no meio dos jovens, sempre dando um enfoque religioso. Isso me motivou a buscar cada vez mais o grupo vocacional, na época chamado de Grupo de Opção de Vida (GOP).

Nesse período, em minha casa, obtivemos a maior conquista familiar: meus pais conseguiram comprar um terreno e iniciar a construção da tão sonhada casa, tão esperada por todos nós. A casa foi construída lentamente, bem aos poucos, mas a ansiedade de ir para o lar era tão grande que, assim que colocamos o telhado, já fizemos a mudança definitiva. Para nós foi uma alegria sem preço, uma realização de sonho: ali fomos vivendo com liberdade, com privacidade e muita alegria.

Minha juventude e minha inserção pastoral

Minha inserção pastoral se iniciou por influência dos Irmãos. Isso foi um ponto forte no início da minha juventude. Tornei-me um grande articulador dos jovens em minha região, tinha muita empolgação para motivá-los a se reunirem todos os sábados, assim como as crianças todos os domingos pela manhã.

Com a chegada do Ir. Antônio de Araújo Aguiar, fundamos o Projeto Irmão Lourenço, cujo principal objetivo era reunir as crianças e adoles-

centes da região para rezar, refletir sobre algum tema específico e jogar futebol. Ir. Aguiar, outros companheiros de pastoral e eu íamos acompanhando e organizando os finais de semana, de forma que o grupo se tornava cada vez maior. Desse projeto nasceu a Casa da Acolhida Marista, presente na região até hoje. Esse tempo foi, sem dúvida, um marco que definiu minha vocação e manifestei isso aos Irmãos procurando-os para aprofundar o acompanhamento vocacional.

Depois que terminei o ensino médio, iniciei minha trajetória de trabalho profissional, como atendente em mercado, garçom, vendedor de produtos escolares. Meu último trabalho, antes de ingressar no instituto, foi como responsável pela sorveteria do Colégio Marista Cearense. Nesse espaço, estreitei, ainda mais, meus contatos com os Irmãos e de novo despertou dentro de mim uma enorme vontade de seguir essa vida.

Por essa ocasião, eu estava namorando e gostava muito da minha namorada. Foi um período de crise, entre escolher ficar com ela e seguir o que desde criança sempre me encantou. Iniciei um discernimento muito profundo, com a ajuda do Ir. José Santana, que, por sua vez, foi muito aberto e franco, ajudando-me a perceber que deveria seguir o que meu coração tanto pedia.

Fui transparente com a jovem e manifestei para ela essa tão sonhada vocação que queria seguir. Ela, por sua vez, me ajudou a perceber que o mais importante na vida era buscar a felicidade. Depois de mais um ano sendo acompanhado, pedi aos Irmãos para entrar no processo de formação.

Formação, amadurecimento e crescimento humano espiritual e convívio comunitário

Na época em que entrei na casa de formação, ainda estava no início o processo de unificação entre as duas Províncias que hoje se tornaram a Província Marista Brasil Centro-Norte. A formação ainda era dividida e tínhamos três casas de pré-postulado: uma em Fortaleza-CE, outra em Montes Cla-

ros-MG e a terceira em Aparecida de Goiânia-GO. Como a casa de Fortaleza já estava cheia de jovens, me enviaram para o norte de Minas, em Montes Claros. Saí de Fortaleza com o coração partido por ter deixado minha família, mas sabia que, no coração, havia um grande desejo de seguir essa vocação. Na longa viagem de ônibus, de Fortaleza para Belo Horizonte-MG, passaram-se muitas coisas pela minha cabeça, mas o que permanecia era justamente a ansiedade de chegar logo e fazer a experiência.

Chegando a Montes Claros, tudo era muito novo para mim. Em nossa turma, éramos sete jovens e a experiência daquele ano só reavivou e deu sentido ao que tanto eu buscava. Nas minhas férias, visitando a família, meus pais perceberam tamanha felicidade, viram que eu estava no caminho certo, e deram total apoio para seguir.

Na segunda fase da formação, postulado, a turma era bem maior, pois dos que estavam comigo em Montes Claros, cinco seguiram; dos que estavam em Aparecida de Goiânia, dois seguiram; e dos que estavam em Fortaleza, cinco também seguiram; além disso, havia dois que refizeram a experiência. Éramos 14 jovens formandos e três formadores, casa cheia!

O postulado foi um marco, no sentido comunitário e pastoral, em Vila Velha-ES. Nossa turma esteve muito presente nas comunidades eclesiais; além disso, foi um período forte de vida comunitária, com oração, trabalho manual, reuniões, passeios, estudos e muito mais. Tudo isso me ajudou em um processo de amadurecimento e crescimento pessoal, para que, no segundo semestre, eu estivesse mais convicto de que deveria realmente seguir para o noviciado.

A experiência de noviciado, em Maranguape-CE, foi marcada pela identificação com o ser religioso Marista. Com intensidade, o noviciado me ajudou a rezar minha sonhada opção de vida. Além disso, aprendi, com a experiência do noviciado, a dar sentido a minha história de vida com um olhar de Deus.

Foi um verdadeiro tempo de Kairós em minha vida, dois anos de profunda reflexão sobre meu projeto de vida e sobre os apelos de Deus em minha vida. Essa experiência foi consolidada na primeira profissão religiosa, na qual, muito emocionado e diante de toda a família, amigos e companheiros de caminhada, afirmei meu compromisso fazendo a primeira consagração religiosa marista.

Na primeira etapa do Juniorato, vivi três anos em Belo Horizonte. Anos intensos de estudos e de formação do apóstolo marista. Minha inserção nos estudos, no Instituto Santo Tomás de Aquino (Ista), foi processual. No início, deparei com as inúmeras dificuldades pessoais, relacionadas aos estudos. Mantive a ousadia, força de vontade e perseverança, e isso me ajudou a fazer uma caminhada de superação e de bom êxito nos estudos teológicos. Esse esforço culminou com minha validação do curso na Pontifícia Universidade Católica de Curitiba-PR.

Hoje, na segunda fase do Juniorato, último ano de renovação dos votos temporários e já preparando o coração para os votos perpétuos, estou com a missão de coordenar a Animação Vocacional na Província Marista Brasil Centro-Norte, missão com a qual me sinto muito feliz e identificado. Depois de ter passado por duas comunidades apostólicas, Maceió-AL e Taguatinga-DF, sinto que estou em constante processo de amadurecimento e de crescimento humano e espiritual. Fazer da minha história as raízes da minha vocação tem sido um verdadeiro sinal de ser consagrado. Acredito, assim como São Marcelino, que Maria, nossa Boa Mãe, caminha comigo e me guia sempre nos passos de Jesus.

Seja servisal, observador da regra e honre o bigode

Ir. Rafael Ferreira Júnior

Eu me chamo Rafael Ferreira Júnior. Nasci em Tangará, uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, aos 17 de setembro de 1976. Sou filho de Rafael, engenheiro civil, e Maria das Graças, dona de casa, mas não fui criado pelo casal, que se separou muito cedo. Tenho outros dois irmãos, Ana Cristina, a mais velha, e Bruno, o mais novo. Também tenho uma "mãe do coração", a senhora Maria Pereira, a quem devo a educação nas letras e, sobretudo, na fé cristã. Minha família é composta, em sua maior parte, por funcionários públicos a agricultores.

Meus familiares, em sua maior parte, são religiosos e de fé muito simples. Devotas de ''Padin Ciço'' e de São Francisco de Assis, as pessoas lá de casa sempre recorreram às romarias e promessas em busca de alívio para os sofrimentos do corpo e da alma. Eu mesmo, quando criança, fui muitas vezes curado pela fé de minha mãe e avós. Desde uma inflamação na garganta, que os médicos não conseguiam sarar, até uma ferida na língua, que eu mesmo provoquei ao me chocar contra uma porta, tudo era curado com recurso aos "santos de casa". E lá ia eu pagar promessas nos santuários do Ceará, um ano vestido de Padre Cícero, no outro de São Francisco.

A Igreja sempre foi extensão de minha família, um espaço no qual me sentia feliz e desafiado a crescer em todas as dimensões de minha vida. Logo após ter feito a Primeira Eucaristia (1986), chegaram à cidade as Irmãs Lourdinas. A partir de então, minha participação eclesial cresceu sensivelmente. Fiz parte do grupo de perseverança, do grupo de jovens, da equipe de liturgia e, aos 14 anos, me tornei catequista. Também tive oportunidade de representar a Igreja no conselho de saúde da cidade e

em outras associações locais. À minha amada comunidade paroquial de Santa Teresinha e às queridas Irmãs Lourdinas, devo muito do que sou enquanto cristão e religioso. Elas me formaram, humana e religiosamente, abriram caminhos à minha frente e me ajudaram a dar passos até aqui.

Comecei a trabalhar na educação pública aos 18 anos de idade. Ao contrário de millhares de jovens em nosso país, não experimentei dificuldade alguma para conseguir meu primeiro emprego. Ele me foi oferecido na porta de casa! Fiz magistério (curso profisonalizante) e trabalhei como professor da rede municipal de educação por cinco anos, a maioria dos quais numa escola da periferia da cidade, lugar marcado por muita pobreza, abandono e violência. Alegra-me ver que hoje, tantos anos depois, as coisas estão bem mudadas por lá.

Foi durante a preparação para o sacramento da Crisma, portanto entre 13 e 14 anos, que senti o despertar vocacional e, ao ser crismado, julguei ter chegado a hora de pensar concretamente em qual vocação assumir. No início não via claramente o caminho a seguir, pois me sentia confuso e inseguro diante de tantas possibilidades disponíveis. Sacerdócio? Vida Religiosa? Missões ad gentes? Tudo me era atraente e mesmo fascinante... A única certeza era a de que Deus me chamava a uma missão específica na Igreja. Pela grande admiração que tinha por São Francisco de Assis, lembro-me de ter pensado em ser franciscano; também nesta época até cheguei a participar, a convite de alguns seminaristas, de encontros vocacionais no seminário diocesano.

Mas até esse momento, contudo, a referência vocacional que, de fato, eu tinha eram as Irmãs Lourdinas, portanto, uma experiência de Vida Religiosa. Não sabia bem o porquê, mas era a vida que elas levavam que eu também queria para mim. Encantava-me, sobetudo, a dimensão comunitária que as caracterizavam tão fortemente. E um sinal foi decisivo para mim. Certo dia, durante uma reunião da equipe de liturgia, um gesto de fraternidade entre as Irmãs me tocou profundamente. Se naquele encon-

tro não tivesse acontecido algo tão simples quanto especial, pelo menos para mim, teria sido um como tantos outros dos quais participei. Algum tempo depois de iniciada a reunião, uma Irmã interrompe os trabalhos, trazendo uma xícara de chá, de alho com limão, para a outra que estava gripada. O semblante daquela que servia demonstrava que sua tarefa não lhe era pesada, mas, ao contrário, prazerosa. O que fazia, fazia-o por amor à coirmã enferma. Algo simples que, talvez, tenha passado despercebido aos demais presentes, foi para mim, que estava num intenso e mesmo sofrido processo de discernimento vocacional, um gesto decisivo. Era aquela vida que eu queria, era o que meu coração procurava!

Inconscientemente passei a procurar um espaço onde fosse possível responder ao chamado de Deus e, ao mesmo tempo, corresponder ao anseio de ser e de fazer feliz, que, a meu ver, a experiência das Irmãs ilustrara tão bem. Quando conheci os Irmãos Maristas foi amor à primeira vista! Que congregação religiosa masculina se aproximava mais da vida das Lourdinas que a Marista? Pelo menos à época, não encontrei nenhuma outra. Então decidi virar "freiro". Hoje, nos gestos de atenção e delicadeza para com meus coirmãos, sinto a mesma emoção daquele dia. Não foi apenas chá. Foi chá com amor!

Quando os Irmãos Maristas entraram em minha história eu não sabia sequer da existência deles, muito embora sempre ouvisse falar do Colégio Marista de Natal, pela grande projeção que sempre teve em todo o Estado. Mas um dia, de forma que considero providencial, chegou-me às mãos, por meio de um professor meu, ex-aluno do Colégio Santo Antônio (marista), dois livros da biografia de Marcelino Champagnat. Lê-los me deixou profundamente impressionado. Era a vida ilustrada naquelas páginas que eu queria para mim! O amor que o Pe. Champagnat tinha por seus Irmãos, a fraternidade vivida por eles em comunidade, e a concepção da educação como meio de evangelização e forma de promoção humana das crianças e dos jovens, me pareceram um projeto arrojado e consistente no qual valeria a pena "gastar a vida".

A Ir. Lúcia de Castro, depois de minha avó materna, foi a única pessoa a quem, inicialmente, confidenciei meu desejo de ser religioso. Era noite e creio que voltávamos de uma reunião de círculo bíblico ou de um velório (os velórios eram uma "fatia" especial do apostolado dela). Quando percebi que estávamos a sós, meio sôfrego, abri meu coração para a Irmã: - Quero ser Irmão Marista. O que você sabe deles? Dela escutei, além de uma descrição que, felizmente, correspondeu às minhas expectativas, uma palavra de motivação que me anima até hoje – Siga em frente e quando se sentir desanimado, volte sempre ao primeiro amor. No final da conversa, tirou do bolso do hábito um terço com o qual me presenteou. A graça que aquele momento operou em minha vida me acompanha desde então. O terço, carrego-o comigo. É um símbolo de amizade. É também um sinal de alerta em momentos de crise: "volte sempre ao primeiro amor!". Há palavras que nunca morrem, como há gestos que são eternos...

À época, a comunicação via internet não era ainda tão comum como o é hoje, então escrevi à Pastoral Vocacional Marista, pedindo para ser acompanhado. Por meio de cartas, o querido Ir. Isaac Costa Araújo alimentou, durante um bom tempo, minha vocação, ainda tão tenra. Mais tarde, por sugestão dele, me apresentei ao Ir. Pedro Jadir, então jovem escolástico, e ao saudoso Ir. Arlino Aguiar, cuja acolhida e descontração me conquistaram de vez. Na comunidade marista de Natal, vi, na prática, o que havia lido nos livros de história e espiritualidade da Congregação. Entrei no Grupo Vocacional e, em 1997, fiz o Retiro Marista de Opção de Vida – REMOV, no qual escolhi, naturalmente, a vida religiosa marista.

Recordo com emoção e alegria o dia em que comuniquei a Ir. Arlindo a minha decisão. Ele, com o humor que lhe era característico, me aconselhou assim: "Seja serviçal, observador da regra e honre o bigode". Essas palavras não fizeram muito sentido para mim naquele exato momento. Apenas mais tarde, já na Congregação, consegui entender seu real significado. Ainda hoje conservo-as na memória do coração como parte de

meu projeto de vida e como herança de um Irmão que viveu com entusiasmo o que me aconselhou a também viver.

No dia 25 de janeiro de 1998, ingressei na Casa de Formação do Mondubim (Fortaleza); no ano seguinte, fiz o Postulantado em Natal, e, em 2000, o noviciado, interprovincial, com mais 16 jovens das antigas províncias Brasil-Norte, Rio de Janeiro e São Paulo. A profissão do votos religiosos se deu em 22 de dezembro de 2001. A primeira etapa do Juniorato, em Belo Horizonte – MG, durou dois anos, ao término dos quais fui enviado a Palmas – TO, para minha primeira experiência em uma comunidade apostólica marista.

Na capital do Tocantins permaneci quatro anos, atuando na assessoria à Pastoral da Juventude arquidiocesana, na coordenação do Centro Marista de Juventude e, em nosso colégio, na dinamização da evangelização e da formação religiosa em geral, mas sobretudo na Educação Infantil e fundamental de 1ª fase. Também fui professor de educação religiosa nos terceiros anos do Ensino Médio. Fui muito feliz em Palmas, pois lá fiz muitos amigos e, de modo especial, compreendi, atuando junto aos jovens, o que mais importa em minha identidade de consagrado marista: ser uma seta para Deus.

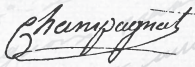
Após a profissão perpétua, em janeiro de 2008, fui enviado a Belo Horizonte, a fim de colaborar na formação de novos Irmãos Maristas e dirigir o Centro Marista de Juventude local. Acompanhei nesse período junioristas (2008) e postulantes (2009), e em 2010, recebi novo envio: conduzir o Pré-Postulantado, primeira etapa da formação inicial, em Vila Velha – ES. Trabalhar no acompanhamento de jovens candidatos à vida religiosa marista tem sido uma graça especial em minha missão como Irmão, pois me tem dado oportunidade de tocar muitas vidas, de maneira a conhecer sonhos, limites, bem como o potencial que cada formando traz na alma em forma de semente. E tenho visto Deus fazer maravilhas na vida de cada pessoa que se abre à sua ação através das mediações oferecidas pela formação, inclusive por meio de mim, apesar de minhas limitações espirituais e humanas.

Além da atuação na formação inicial, a Congregação tem me dado muitas oportunidades de servir à missão marista, pelas quais sou muito agradecido. Destaco o apostolado paroquial, a participação em comissões de espiritualidade, de vida religiosa e, sobretudo, em espaços que me permitem aprofundar a história marista, especialmente a vida de nosso Fundador, São Marcelino Champagnat. Conhecê-lo e fazê-lo conhecido é uma de minhas paixões e um compromisso com o carisma que dele coherdei com tantos outros Irmãos e leigos, que se orgulham de tê-lo como pai espiritual.

Desde o dia em que me senti chamado à vida religiosa tenho experimentado a fidelidade de Deus, que cuida daqueles que Ele mesmo chama para servi-Lo em seus filhos e filhas. Servir por amor é o lema de vida que escolhi e que tem dado sentido à minha existência como pessoa, como cristão e como consagrado na vida religiosa marista. É como defino meu projeto de vida religiosa: "ser de Deus, a serviço de seu povo". O Senhor sabe o quanto já purificou em mim as motivações que não faziam parte de seu chamado. Sei das minhas fragilidades e me reconheço, como cristão e religioso, ainda em construção. Peço, pois, que Ele não deixe inacabada a obra que suas mãos inciaram (cf. Sl 137, 8).

Minha história vocacional não poderia ser contada sem que se mencionasse as muitas pessoas que fizeram comigo trechos de meu caminho, sobretudo meus formadores. Alguns poucos nomes foram citados acima, mas muitos outros deveriam ser ao menos aludidos. Temendo a injustiça de esquecer alguém, conservo-os todos in pectore, e deixo cada um no colo de nossa Boa Mãe, Maria, bem ao lado de Jesus, seu Filho e nosso irmão. Deus e eu os conhecemos bem.

"Um Irmão é o homem que, como Jesus Cristo,
passa a vida fazendo o bem"



Minha história vocacional

Ir. Romero Rodrigues Ferreira

Nasci na cidade de Patos de Minas-MG, no dia 12 de junho de 1962. Sou filho de Darcy Mendes Rodrigues Carvalho e José Severino Ferreira (*in memoriam*). Sou o segundo entre três filhos (Maria das Dores, Romero Rodrigues Ferreira e Vera Lúcia de Fátima Ferreira). Meus pais viveram uma boa parte de suas vidas na zona rural, no município de Patos de Minas, numa localidade chamada de Sertãozinho, distante 14 Km do centro da cidade. Aos 38 anos de idade, meu pai faleceu de doença de Chagas.

Aos 12 anos de vida, mudei-me com minha família para Patos de Minas. Aos 17 anos, comecei minha participação na Igreja Paroquial Nossa Senhora do Rosário, no bairro que fica ao lado do Colégio Marista Nossa Senhora de Fátima, em Patos de Minas. Naquela época, eu participava de um grupo de jovens chamado JAC (Juventude Aderida a Cristo). Fundado e assessorado pelo Padre José Angrill, sacerdote espanhol da Ordem dos Padres Claretianos. Tínhamos uma atuação bastante extensa na paróquia, nos aspectos religiosos e sociopolíticos, pois era a época da Pré-Constituinte, processo em vista da consolidação da democracia em nosso país. Mais tarde, vieram: "Diretas Já", promulgação da Constituição de 1988 e outros fatos importantes para a Igreja e a nação brasileira. Foi justamente nesses tempos que tive contato com os Irmãos Maristas.

A partir das atuações na Igreja e da conscientização política do momento, fui convidado para estudar no Colégio Marista de Patos, onde fiz o ensino médio. Assim, participei de vários momentos de espiritualidade, encontros diversos, favorecendo a minha formação reli-

giosa e vocacional. Depois de terminar os estudos, fui convidado para entrar na vida marista. Meu primeiro ano de vida comunitária e de experiências se deu em Aruanã-GO. O local era destinado aos jovens que já haviam terminado o ensino médio e que poderiam trabalhar no Colégio Dom Cândido Penso. Aí os Irmãos eram responsáveis pela direção e também eram professores. A comunidade acolhia os jovens estagiários. Ali trabalhei no ano de 1988 com mais dois colegas de caminhada. Tínhamos aulas de formação com os Irmãos: Luiz Ângelo Antoniono, Luís Barberet e Silas Gomes. Também desenvolvíamos várias atividades na catequese e com a juventude local e regional nas atividades pastorais. Meu Postulando fiz em Belo Horizonte-MG, na rua Canoas, com duração de um ano. Ao lado ficava o Noviciado, na rua São Felicíssimo. Foram dois anos de uma bela vida comunitária, de oração e aprofundamento do conhecimento da congregação e da Igreja. Terminado esse tempo de escuta e discernimento, segui para Curitiba-PR, para o Escolasticado, realizado na antiga Província de São Paulo. Durou dois anos essa etapa. Minha primeira comunidade, depois de passar pelas Casas de Formação, foi Duque de Caxias-RJ, na Baixada Fluminense. Fiz o curso universitário de Serviço Social. Depois de cinco anos na comunidade, segui para o Aprendizado Marista Padre Lancísio, em Silvânia-GO. Desenvolvi trabalhos e atuei como coordenador da comunidade, que era um local de experiência vocacional. Acolhemos três jovens nesse ano de 1998: Gilson, Natalino Guilherme de Souza e Arnaldo José de Souza. Os dois últimos permanecem conosco como Irmãos. No outro ano (1999), estive em Santiago do Chile, para fazer a Escola para Formadores, orientada pela Conferre (Conferência dos Religiosos do Chile). Em minha volta ao Brasil, fui designado para trabalhar em Itaquera-SP, no Postulantado. Com a unificação das Províncias, as etapas de formação retornaram às suas respectivas Províncias de origem. Eu fui para Vela Velha-ES, como responsável pela formação dos Postulantes, nos anos de 2001 e 2002. De 2003 a 2005, atuei como membro da Comunidade da Casa de Formação, na

etapa do Noviciado, em Mondubim, Fortaleza-CE. Ali próximo, tínhamos a Casa do Pré-Postulantado, em Maraponga, onde fiquei coordenando a Comunidade e a formação nos três anos seguintes: de 2006 a 2008. Já em 2009, retornei a Vila Velha-ES, ao Pré-Postulantado, como colaborador do Ir. Renato Augusto da Silva na formação. Em 2010, fui convidado a ser o animador da Comunidade da Casa Provincial, em Brasília-DF, onde estou até o presente momento.

Missões
São Miguel RS - Brasil

O semeador na minha vida

Ir. Rubens José Falqueto

Na dinâmica do Reino, "o semeador saiu para semear a sua semente" (Lc 8, 5a). Ao deparar com essa parábola, coloco-me contemplando a beleza da semeadura, realizada no labor e no prazer, na paciência e na alegria, no humano pelo divino. Em meu coração pulsa uma pergunta: o que colheríamos se o semeador não semeasse suas sementes? Terra fértil, chuva adequada, sementes selecionadas, importantíssimas para se fazer uma boa plantação e ter, no futuro, farta colheita. Mas se o semeador não se dispuser a semear, a terra, a chuva e as sementes ficam à espera...

Deus, na sua infinita bondade, semeou no coração de Maria e de Marcelino Champagnat as sementes do Reino, acolhendo-as no coração; com fé, germinaram, cresceram e produziram frutos.

Ao longo da história cristã marista, muitos Irmãos, Leigos e Leigas, também acolheram as sementes do Reino, semeadas por Deus! Inseridos em uma determinada realidade, sentiram-se chamados, enviados e acompanhados pelo Espírito Santo, proporcionando-lhes também a germinação, o crescimento e a produção de frutos, muitos deles saboreados por cristãos ou não cristãos, por crianças e jovens, educados e evangelizados com a presença Marista, nas paróquias, nas comunidades eclesiais - grupos de jovens, catequese, assessorias, retiros, celebrações da Palavra - meios de comunicação, hospitais, escolas e universidades. Algo não diferente aconteceu comigo e com você que lê este texto agora. Afinal, quando o semeador semeou e semeia suas sementes no seu coração? Você e eu somos semeadores hoje? Quais sementes você e eu semeamos?

No final da década de 1980, entre meus oito a dez anos, visitei minha avô Julia, acompanhado de minha mãe Lourdes, em Vitória-ES. Ao chegar a rodoviária, à espera do ônibus, uma criança pobre, que me chamou atenção, revirava cautelosamente cada lata de lixo em busca de alimento. Ao encontrar um pedaço de frango em estágio de putrefação, comeu, saciando sua fome. Daí em diante, meu coração inquieto ficou e as perguntas emergiram. Foi a primeira e inesquecível semente que o semeador lançou no meu terreno: a fome de comida expressava sua fome de afeto, de ternura e de amor.

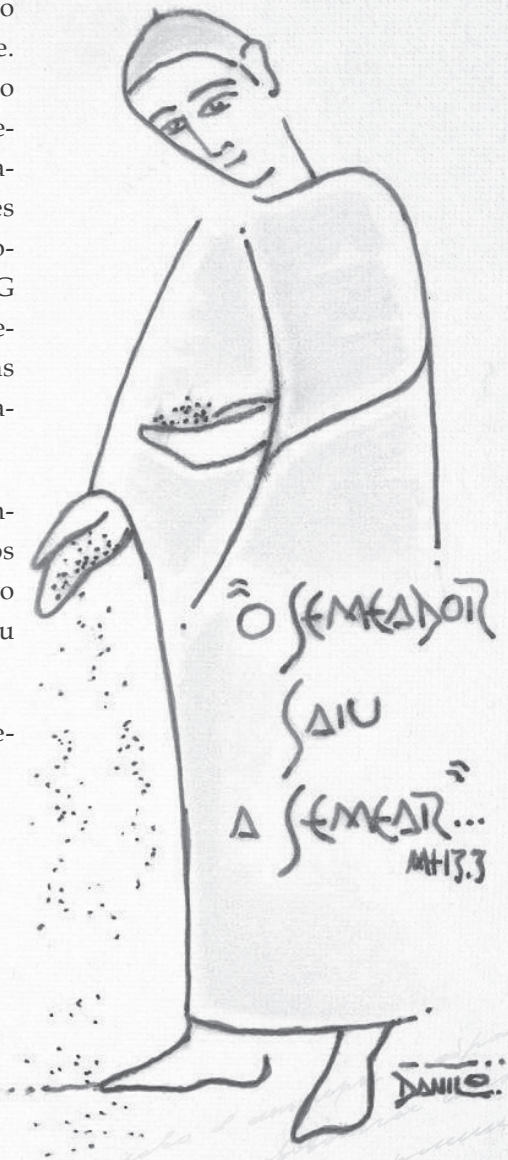
Meus pais, Sírio e Lourdes, educaram-me e evangelizaram-me na singela simplicidade interiorana, motivando a participação na vida social e eclesial da Comunidade São Francisco Xavier (escola, catequese, Crisma, celebração da Palavra, novenas, grupo de jovens e vocacionais). Foi a segunda semente que o semeador lançou em meu terreno: a convivência familiar e comunitária fazia-me muito bem!

No final de 1992, os Irmãos Afonso Falquetto e Joventino Laquini visitaram rapidamente minha casa. Eu estava trabalhando na lavoura com meu pai e meu irmão Cláudio, quando fui chamado pela minha mãe para descer até a casa e conversar com os Irmãos Maristas; meu pai foi também. E enquanto ele conversava com o Ir. Afonso, o Ir. Laquini conversou comigo, convidando-me a entrar no Grupo Vocacional Marista, na cidade de Colatina-ES. Entre os anos de 1993-1996, fui Vocacionado Marista, encantando-me a cada encontro com a acolhida, a alegria e a fraternidade dos Irmãos que trabalhavam conosco. Sempre muito verdadeiros, revelavam-nos os desafios e as riquezas da Vida Marista, no convívio comunitário e na missão junto às crianças e jovens. Esse convívio tão intenso foi a terceira semente que o semeador lançou em meu terreno: não tive mais dúvida, é com eles que quero responder ao apelo daquela criança da rodoviária de Vitória.

Após o processo formativo, Pré-Postulado em Silvânia-GO (Aprendizado Marista Pe. Lancísio e catequese), Postulado e Juniorato em Belo Horizonte-MG (Lar Marista e catequese) e Noviciado em Campinas-SP (catequese), juntamente com as Comunidades Religiosas de São Vicente de Minas-MG (Colégio Marista e CMJ) e de Montes Claros-MG (Colégio e catequese), sempre estive rodeado de crianças, abertas para receberem as sementes do semeador em seu coração, clamando por afeto, ternura e amor.

Na companhia de Jesus, de Maria, de Champagnat e dos maravilhosos companheiros que Deus me deu, sinto-me forte na missão de educar e evangelizar a criançada. Sou muito feliz e amo ser Religioso Marista!

Jovem, acolha as sementes lançadas pelo semeador e se torne também um deles!



Azar dele! Quem mandou?

Ir. Salatiel Franciscano do Amaral

Teria sido inútil procurar no mapa da Parahyba do Norte nos anos trinta – falo do século passado – algum pontinho minúsculo sinalizando a presença do povoado Logradouro, no munícipio de Caiçara. A sede da paróquia era Serra da Raiz. Foi naquele povoado tão pequeno e tão "pobrinho" que tive a honra e a felicidade de nascer, em 1930. Ali vivi menos de quatro anos. Papai transferiu a família para a capital – Parahyba – ainda sem jeito para assimilar o novo nome que lhe tinham imposto à mercê das convulsões políticas, escamoteando a história e o respeito à velha Filipéia de Nossa Senhora das Neves.

Saímos de Logradouro, mas ele continuava no meu coração infantil, apegado a minha avó paterna, aos tios e tias, sobretudo a tia Nana, que dissimulava as minhas cavilações. Cada ano, nas férias de São João, mamãe me levava para lá, para tomar leite cru (hoje eu diria mugido) no curral de tio Lulu, para comer a canjica feita por tia Nana, a farofa de requeijão de mãe Totonha (Ah! tia Ritinha... o que tinha de calada tinha de trabalhadeira...) ou no hotel familiar de tia Tatá e seu Francisquinho...

Na capital, um dia fui levado por um dos meus irmãos até o Colégio PIO X, onde eles estudavam. O diretor era o Irmão Eloi Michel, que me recebeu carinhosamente. Irmão Domício não só me abraçou como também me deu um santinho. Sem saberem, eles estavam plantando no coração de uma criança de quatro anos uma sementinha, um germe de vocação. Para mim, Marista era ser igual ao Irmão Eloi ou Irmão Domício... Mas o mundo daria muitas voltas ainda.

No pátio de São Francisco, na frente da bela igreja colonial e do seminário, e quase em frente ao Colégio Pio X, dois jovens frades, já famosos,

pregavam uma Santa Missão. Frei Damião e Frei Antônio falavam, mas eu não entendia nada. Somente a barba preta e longa de ambos criou em mim a imagem do missionário...

Já crescido, viajava de trem, sozinho, no "bacurau", para Caiçara, cuja estação estava em Logradouro. Lá, eu me encontrava com o primo Hildebrando, seminarista passando férias, que sabia falar e rezar com o povo, na igrejinha de São Sebastião, cada noitinha depois do toque da Ave Maria. Eu era seu ajudante e admirador.

Um dia, flagrei-o conversando com os primos: "Quem sabe se Tié não vai ser padre, mais tarde?" Nem ri nem achei que aquilo seria impossível. Jamais a ideia me passara pela cabeça.

Os Irmãos Maristas deixaram a Paraíba em 1935. A diocese reassumiu a direção do colégio, na pessoa de Padre Francisco Lima. Nesse período, fui aluno do 1º e do 2º ano primários. Também fiz a primeira comunhão. Em 1943, oito anos depois da saída, os Irmãos reassumiram o colégio, ainda na praça São Francisco. Com a volta dos Maristas, não havia mais motivo de continuarmos, meu irmão Odilon e eu, internos no Colégio Marista do Recife-PE. Logo papai providenciou nossa matrícula.

No Pio X, fiquei entusiasmado por dois apóstolos Maristas, de fato dois educadores e amigos dos alunos: um chamava-se Irmão Alfredo dos Santos, conhecido, desde os anos 1930, como Irmão Libório; o outro era o grande Ir. Ricardo Amadeu, espírito sério, culto e crítico que abriria os olhos à gente.

Tínhamos aula pela manhã e à tarde. Quase no fim do turno vespertino, depois de guardarmos livros e cadernos na bolsa, Irmão Alfredo nos fazia uma leitura espiritual, às vezes comentada, durante uns 15 ou 20 minutos. Além disso, costumava conversar individualmente com os alunos, em direção espiritual que nos confortava.

Irmão Ricardo orientava a Congregação Mariana. Não sei por que – e isso não acontecera no ano anterior, no Marista do Recife – fui convidado a ser congregado mariano. Foi no abençoado ano da graça e das graças de 1943, quando eu tinha completado 13 anos. Eram reuniões vigorosas as da Congregação Mariana; sem beatices e com profunda riqueza doutrinal para a nossa idade.

E agora? ... Ser padre diocesano como insinuara meu primo Hildebrando, seminarista, nas férias que passávamos juntos em Logradouro, rezando com o povo na igrejinha de São Sebastião, após o toque da Ave Maria... Ou ser missionário igual a um Frei Damião ou Frei Antônio, ou, quem sabe, igual aos Frades Franciscanos, do Rosário ou de S. Pedro, que vinham atender às confissões dos alunos do Pio X?... Para completar o quadro, Frei Lúcio (OFM) tinha pregado um retiro fechado (o primeiro de minha vida) para os Congregados, nas dependências do Seminário Diocesano, contíguas ao pátio interno do colégio. Parecia-me que a decisão estava para ser tomada: Padre Diocesano ou Frade missionário em terras distantes... "Salve-se quem puder!"

Um dia, conversando com mamãe, na sacada de nossa casa no Parque Solon de Lucena, eu disse: "Mamãe, quando eu crescer, vou viajar muito." Ela me olhou com aqueles olhinhos miúdos e me disse: "Queres bem me dizer que vais ser missionário?" Na verdade eu não tinha pensado nisso, mas as leituras do Ir. Alfredo, trazendo-me o Padre Champagnat e a vida dos primeiros Irmãos Maristas, ficaram-me zunindo nos ouvidos e ressoando no coração. Ele já me tinha dado, para ler, uma biografia bastante alentada de S. Francisco e isso me fazia comparar a vida franciscana e a vida marista dos começos, que ele também nos mostrava com entusiasmo.

Eu não dizia ao Irmão Alfredo nada do que se passava em mim. Certamente ele adivinhava, mas também nada me dizia. Minhas atitudes, nas reuniões da Congregação Mariana, deixavam certamente transparecer

alguns traços maristas. Entrei em estado de dúvida (detesto dizer que era crise): Franciscano do jeito que minha mãe parecia preferir; Padre diocesano, conforme a insinuação do Hildebrando; Missionário do jeito que o idealismo adolescente me apontava?

Todos os dias eu estava na missa das Mercês, bem pertinho lá de casa. Ficava de joelhos o tempo todo, como já tinha ficado durante todo o ofício das trevas da Semana Santa daquele ano, na catedral. Eu me sentia levado a entregar-me sempre mais...

Depois de tudo isso, pasmem!... A decisão chegou-me clara, repentina, num "insight"... na cadeira do salão João da Mata, enquanto o Sr. João – não o da mata – me cortava a "mata" que minha negligência deixava quase "selvagem" e quase me cobrindo as orelhas... para desespero de papai.

Pois bem, o Sr. João falava muito, como acontece aos profissionais da "beleza (?!) masculino-adolescente", enquanto me cortava o cabelo. Nem me perguntem o que ele dizia... perdido que eu estava em meus pensamentos. De repente, decidi (não eu, mas "Aquele que me queria"): "Vou ser Irmão feito o Ir. Ricardo e o Ir. Alfredo, igual aos primeiros Irmãos que viveram com o Padre Champagnat...

Na hora, nem me lembrei do Ir. Eloi e do Irmão Domício que depois seria meu professor de Inglês no escolasticado de Apipucos... "Oh! Captain, my captain!..."

Entrei no Juvenato no dia 12 de janeiro de 1945. Completei 15 anos um mês depois. O diretor era Irmão Lanfranus, conhecido, mais tarde, pelo nome de Irmão Adolfo, grande motivador da união fraterna entre os pobres de Lagoa Seca-PB. Pela bondade, espírito disciplinado, preocupação com os detalhes, sobretudo no que se referisse à moderação e à economia, foi meu primeiro anjo da guarda sobre a ponte da vocação.

O mestre de noviços, e diretor interino do Escolasticado, era o Irmão Chanel José. Homem à frente do seu tempo, sobretudo no conhecimento da

ação católica e do apostolado do leigo junto aos leigos; foi para nós, postulantes e noviços, mesmo aparentando uma certa ingenuidade, um guia seguro no caminho da oração e do silêncio contemplativo. "Se Deus tiver desígnios de misericórdia sobre você, vai permitir que você sofra agora, preparando-o para as dificuldades que enfrentará no futuro", disse-me numa "direção". Foi um esteio para mim. Somente 15 anos depois é que a "profecia" estava sendo cumprida.

Impossível esquecer a paciência do Irmão Damião Clemente, que nos ensinava música, cantos e Salmos e era uma lição viva e perene de humildade e dedicação. "Ele não me faltou durante o Postulantado, quando um "noviço rebelde" do tipo "peixe-fora-d'água" fazia um mal muito grande, aliciando alguns companheiros que tentou jogar contra mim. "Não se deixe abater... ele vai durar pouco tempo entre nós", disse baixinho.

O cabelo já cresceu muitas vezes e até mudou de cor, e muitas vezes mandei cortá-lo, até mesmo quando tínhamos a cabeça quase raspada nos anos de formação e nos primeiros anos de vida apostólica marista. Deus seja louvado por tudo isso! Nada renego, nada critico com amargura, daqueles anos maravilhosos de formação.

Já Irmão, voltei ao Salão João da Mata, devidamente embatinado, é claro. O Sr. João, muito idoso, não me reconheceu. Quando lhe declarei ter vindo ali para lhe agradecer, ele arregalou os olhos e reconheceu que era o irmão de Pedro Amaral, velho cliente. Mas não sabia o porquê do agradecimento. Contei parte da história que você acabou de ler. Era de se ver a alegria do homem! Que Deus o tenha, "cortando o cabelo dos anjos" e dos adolescentes que foram fiéis ao chamado e que se foram... velhinhos, velhinhos!...

Se eu disser que tive "crises" vocacionais, que duvidei e senti vontade de abandonar a congregação – não mais a mariana, mas a Marista – estarei

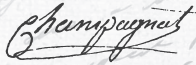
mentindo. Se eu disser que não passei por dificuldades e sofrimentos... estarei mentindo também.

E não é que minha mãe tinha razão?! Nos 27 anos que passei na Diocese de Propriá-SE, quantas viagens, quanto suor e lágrimas, seja nas viagens vespertinas ou noturnas para visitar os grupos de alfabetização de adultos, enquanto trabalhei no MEB (Movimento de Educação de Base)! Quantas viagens e reuniões com os professores do ensino religioso! Quanto esforço para ser Presença no Colégio Diocesano e nos retiros para catequistas e jovens, nas vigílias com os sem-terra nas ocupações da Ilha São Pedro, Santana dos Frades e do Morro das Chaves!

E também quantos quilômetros voados ou rodados na assessoria ao Movimento Champagnat da Família Marista durante vinte anos. Quanta preocupação com a comunidade da Paz que reclama minha presença sem que eu possa estar ao lado deles, Irmãos da Paz, nos momentos de maior angústia. Muitas vezes, tive de ler os sinais de Deus quando tudo parecia perdido. Foram muitos anos nas pegadas de São Marcelino.

Dizia-se que, por volta dos 40, a gente passa por uma forte crise vocacional... Das duas, uma: ou não cheguei ainda aos 40, apesar dos meus 83, ou a mão de Deus e a "escandalosa" proteção da "Rainha, Advogada e Mãe" continuam sustentando este "cabra safado", por quem meu irmão, mestre e Senhor Jesus achou de se apaixonar um dia!... Azar dele! Quem mandou?

"Dei aos meus discípulos o nome de Irmãozinhos de Maria, na convicção de que este nome por si só atrairia grande número de candidatos. Um êxito completo, em poucos anos, justificou minhas conjecturas e ultrapassou as expectativas."



Havia em mim uma inquietação: devo fazer algo melhor

Ir. Wesley Adenilton Ribeiro

Tenho 30 anos e nasci em 31 de dezembro de 1982, na Reta Oscar Brito, município de Carrancas/MG. Minha mãe e minha avó são as primeiras figuras importantes em minha história de vida e vocacional, pois foram elas que desde muito cedo me ensinaram a rezar, ter fé e acreditar na vida. Com essas duas mulheres, eu cresci com muita simplicidade e aprendi os valores cristãos. Devo reconhecer também o valor da catequese que recebi, principalmente com Dona Laurentina Ribeiro, cujo nome de batismo era Juvelina (mas Laurentina era o nome pelo qual ela gostava de ser chamada).

Nasci em uma região de grande devoção popular e isso marca minha história vocacional, me faz admirar a beleza e a grandeza que é o ser humano em sua pequenez diante de Deus. Quando criança tinha muitos sonhos; queria ser cantor, jogador de futebol, caminhoneiro, às vezes padre, mas também sonhava em construir família e ter filhos. Às vezes eu brinco que tenho um excesso de vocação, ou melhor, vocação para muita coisa. Era um menino sempre muito empolgado, gostava de desafios. Depois de boa caminhada eclesial da infância à adolescência, ingressei no grupo de jovens da comunidade (grupo Gênesis) onde fiz muitos amigos e cresci significativamente enquanto pessoa. Mas embora já trabalhasse, gostasse do meu trabalho e me sentisse feliz, havia em mim uma inquietação: devo fazer algo melhor... para que faço o que faço? Eram inquietações e perguntas de sentido.

Durante certo tempo, algumas pessoas que viam minha atuação pastoral e serviço à comunidade, chegavam até mim e perguntavam se eu não gosta-

ria de ser padre. Entre elas, recordo bem de Dona Regina, uma professora muito engajada na comunidade eclesial, que até escreveu uma carta para eu enviar à Congregação Redentorista, a fim de poder conhecer o Seminário; e eu, de fato, fui conhecê-lo, acho que mais por curiosidade, pois gostava de conhecer tudo que fosse proposto, desde que percebesse que poderia ser algo bom para mim. Também conheci o Seminário Dehoniano, para o qual fui levado pelo senhor José Dilmar, advogado e ministro extraordinário da Eucaristia. Nessa época eu tinha apenas 14 anos. Depois o tempo foi passando e já não me interessava manter contato com qualquer seminário.

Foi assim até que certo dia um Irmão Marista da comunidade de São Vicente de Minas apareceu em Carrancas, para visitar o grupo de jovens que eu participava. Então Madalena Lopes, coordenadora do grupo, o apresentou: esse é o Irmão Ivanor Pereira Freitas. Para ser sincero, não sabia o que era Irmão Marista, então eu olhei pra ele não entendendo bem o que ouvia, como se dissesse: Irmão de quem? O fato é que a presença significativa desse Irmão no grupo, sua atuação na reunião, nos demais encontros e no passeio que fizemos a uma das cachoeiras da região me chamavam muito a atenção.

Pouco tempo depois fui convidado a participar de um encontro no Centro Marista de Pastoral, em São Vicente de Minas, experiência que se repetiu algumas vezes. A cada novo encontro eu ia com mais gosto e empolgação. Foi na comunidade marista daquela cidade que conheci outros Irmãos dessa época (1999 a 2002), entre eles o Irmão Hélio Bighi, que me chamava atenção pelo seu sorriso e simplicidade. Depois de algum tempo, fui convidado a participar também de encontros vocacionais locais, entretanto, eu não diferenciava esses encontros dos outros que eu costumava participar. Para mim eram simplesmente encontros com o nome de "vocacionais".

Ao fim de um encontro vocacional, o Irmão Guilherme Soares me perguntou se eu não gostaria de fazer uma experiência de estágio com os Irmãos

- o que equivalia a ingressar na Congregação Marista - e eu disse que sim. Mas não foi fácil a decisão de deixar a família, os amigos, o trabalho... Entretanto, sentia que Deus me chamava. Em janeiro de 2003 fui morar em Montes Claros-MG, para fazer a primeira etapa da formação, e daí pra frente tudo foi caminhando conforme a graça de Deus. Em 08 de dezembro de 2006 fiz a primeira profissão religiosa, tornando-me, assim, Irmão Marista.

Nesta caminhada muitas pessoas passaram por meu caminho e me ajudaram a crescer; tenho muita gratidão por todos os que me fizeram o bem, principalmente os Irmãos formadores que, com disponibilidade e grande dedicação, me escutaram e me deram elementos para que eu fosse amadurecendo vocacionalmente e como pessoa. Gosto de estar no meio do povo, principalmente entre crianças e jovens, pois é neste lugar especial que, enquanto Irmão Marista, também encontro a Deus. Tenho um carinho particular pela formação dos jovens, pois me dá gosto ver o crescimento das pessoas e fico muito feliz quando posso contribuir com isso.

Tudo que tenho, reconheço que é graça de Deus. Dessa forma sou muito feliz com o que sou e com o que posso fazer. Contando com a graça do Senhor, espero amadurecer a cada dia para cada vez mais contribuir com seu Reino, expressando a fé e o amor que por graça recebi.

Pedimos ao Senhor da messe (orações vocacionais)

Oração pela descoberta da própria vocação*

Senhor, tu me deste a vida e me chamaste pelo nome. Em meio a tantos apelos do mundo, eu quero ouvir a tua voz. Tens sobre mim um apelo de amor. Tu me conheces a fundo e sabes o que mais me convém. Ilumina-me, Senhor, com teu Espírito e mostra-me o caminho que devo seguir. Dá-me força, coragem e alegria para assumir minha vocação. Eu quero viver, do jeito de Maria, firme e forte no "sim" à tua vontade: "Faça-se em mim, Senhor, segundo a tua Palavra". Amém.

Oração do jovem pelas novas vocações*

Senhor, Jesus Cristo, foi com muito amor e depois de muita oração que escolheste e chamaste os apóstolos para te servir em tua Igreja. Também eu, com muito amor e com muita insistência, te faço esta oração: chama muito jovens, rapazes e moças, para o serviço da tua Igreja. Distribui, com generosidade entre a juventude, a graça da vocação sacerdotal, religiosa e missionária. Mostra a mim também o caminho de vida que devo seguir, e que ministério posso assumir para melhor servir ao povo de Deus. Senhor, podes confiar em mim; eu também confio em ti. Amém.

Oração de São Marcelino Champagnat pelas vocações

* *retiradas do livro: Orações vocacionais/Organizado pela equipe editorial Ave-Maria. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011, p.p. 15 e 82.*

Ó Maria, nossa Boa Mãe, esta obra é vossa. Vós nos reunistes, apesar das contradições do mundo, para trabalharmos pela glória de vosso divino Filho. Se não vierdes em nosso auxílio, pereceremos, apagar-nos-emos como lamparina chegada à última gota de azeite; mas se se este Instituto desaparecer, não será a nossa obra que perecerá, porém a vossa, pois fostes vós que tudo fizestes entre nós. Contamos, pois, com o vosso poderoso auxílio, em que sempre confiamos. Amém.

Oração pelas vocações (João Paulo II)

Senhor Jesus, que chamaste quem Tu quiseste, chama muitos de nós para trabalhar para Ti, para trabalhar contigo. Tu, que iluminaste com tua palavra aqueles que chamaste, ilumina-nos com o dom da fé em Ti. Tu, que os amparaste nas dificuldades, ajuda-nos a vencer as nossas dificuldades de jovens de hoje. E, se chamar algum de nós para se consagrar totalmente a Ti, que o teu amor anime essa vocação desde o germinar e faça crescer e perseverar até o fim. Assim seja.

Para aprofundar o que leu...

1. Diante de nossos olhos, passaram mais do que palavras. Por trás desses relatos, tão bonitos e verdadeiros, podem-se ver as vidas desses Irmãos, marcadas por buscas, angústias, muita alegria, algumas dúvidas e, principalmente, confiança e fé. São histórias verdadeiras. Os relatos não estão enfeitados de uma beleza artificial, mas trazem a humanidade de cada Irmão.

Das autobiografias que leu, alguma lhe chamou mais a atenção? Em caso afirmativo, qual e por quê?

2. Os relatos nos questionam muito e nos fazem avaliar também nossos caminhos vocacionais. Não podemos ficar indiferentes. É claro que vocação não é algo mágico, que acontece de modo espontâneo, como se nossa vida fosse um filme com um roteiro já definido. Deus ama a liberdade e ama gerar a liberdade em nós. A vocação – qualquer que seja – é sempre uma acolhida livre e amorosa ao desejo sincero de servir a Deus, servindo às pessoas. É por isso mesmo que precisamos trabalhar, aperfeiçoar, lapidar nossa vocação.

Você já tem claro seu ideal? É feliz, realizado no que vive como caminho profissional ou vocacional? Se você ainda não tem claro o que pensa para o seu futuro, não seria interessante incluir a possibilidade de uma vida doada a serviço do Reino na Igreja?

3. São perguntas que exigem coragem e disposição. A resposta a elas não vem pronta e não há uma receita que possa servir para todos usarem. É preciso percorrer o caminho, ir aprendendo com o próprio Jesus, qual é o sentido de nossa vida e que objetivos devemos perseguir (Lc 24, 13-35). Fazer esse caminho é a condição para sermos

felizes, de uma felicidade verdadeira e não passageira. Foi assim que esses Irmãos que compartilharam suas vidas, nesses breves relatos, fizeram. Acolheram o convite de Deus, tomaram a decisão e se puseram a caminhar. Enfrentaram muitos desafios, é verdade, mas foram – e são – felizes na opção feita, no sim que um dia deram.

E você, caro leitor? Seus pés já se colocaram na direção de acolher o convite de Deus? Quem sabe no Instituto Marista?

4. São Marcelino Champagnat, fundador do Instituto Marista, inspira até hoje muita gente com o seu sonho de "fazer Jesus Cristo conhecido e amado entre crianças e jovens". Caso deseje caminhar conosco, Irmãos e Leigos, que seguimos os passos de Marcelino e apostamos nossa vida no projeto dele, acompanhe-nos! Procure um Núcleo de Animação Vocacional próximo a você. Deus nos quer como colaboradores na construção de seu Reino.

Contate-nos pelos seguintes endereços:
Animação Vocacional
e-mail: pvocacional@marista.edu.br
Endereço: QS 01, Rua 210, Lote 40, Edifício Taguatinga Shopping,
Torre A – 10º andar, Águas Claras – Brasília-DF
CEP: 71.950-904

Site: www.marista.edu.br/vocacional
Facebook: www.facebook.com/marista.vocacional
Twitter: www.twitter.com/vocmarista

As autobiografias aqui reunidas retratam a experiência vocacional de 32 Irmãos Maristas de diversas faixas etárias. Eles são uma parcela representativa de um grupo maior de aproximadamente 115 religiosos da Província Brasil Centro-Norte. Nesta publicação há relatos de jovens Irmãos ainda nos primeiros anos de vida religiosa, cheios de entusiasmo pela missão marista; há os de meia idade, alguns já contando muitos anos de caminhada, sempre dispostos a agir no mundo por meio de sua fé; há também idosos, homens que após uma vida inteira dedicada ao próximo ainda surpreendem pela vitalidade que demonstram, se não física, seguramente espiritual. Todos, cada um a seu modo, experimentam a fidelidade de Deus que um dia os chamou, formou e enviou em missão, com a consoladora promessa: "Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (cf. Mt 28,20).

PROVÍNCIA **MARISTA**
BRASIL CENTRO-NORTE